

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Layana Costa Ribeiro Cardoso

CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA RIBEIRINHA: PRÁTICAS CORPORAIS E
RESISTÊNCIA DE MULHERES DA FOZ DO RIO MAZAGÃO VELHO – AMAPÁ

BRASÍLIA 2025

Layana Costa Ribeiro Cardoso

CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA RIBEIRINHA: PRÁTICAS CORPORAIS E
RESISTÊNCIA DE MULHERES DA FOZ DO RIO MAZAGÃO VELHO – AMAPÁ

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília.

Área de Concentração: Estudos socioculturais, políticos, pedagógicos e psicológicos da educação física

Linha de Pesquisa: Aspectos socioculturais, educacionais e de promoção da saúde das práticas corporais Orientadora:

Prof. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida

Layana Costa Ribeiro Cardoso

CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA RIBEIRINHA: PRÁTICAS CORPORAIS E
RESISTÊNCIA DE MULHERES DA FOZ DO RIO MAZAGÃO VELHO – AMAPÁ

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação Física da
Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de Doutora em
Educação Física.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida. (Orientadora).

Prof. Dra Ingrid Dittrit Wiggers (PPGEF/UnB)

Profa. Dra. Beleni Salete Grando (PPGED/UFMT)

Profa. Dra. Marta Genú Soares (PPGED/UEPA)

Prof. Dr. Paulino Pinheiro Gaia (IFCE)

FICHA CATALOGRÁFICA

Meu filho, Mateus.

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata por ter conseguido finalizar essa caminhada, que foi repleta de desafios, aprendizados e momentos de superação. Ao longo desse percurso, estive ao lado de pessoas e instituições pelas quais nutro um profundo respeito e um imenso carinho. Sem o apoio, a confiança e a presença, ainda que muitas vezes à distância, dessas pessoas, esse sonho não teria se tornado realidade. Cada página desta tese carrega histórias e marcas deixadas por aqueles que estiveram comigo, seja comemorando pequenas conquistas, seja oferecendo suporte nos momentos em que precisei de encorajamento e força para seguir em frente.

Minha gratidão infinita a Deus, que me permitiu manter a fé e acreditar que esse sonho poderia se concretizar. Nos momentos de incerteza e dificuldade, foi essa fé que me sustentou e me deu forças para continuar.

À minha família, que foi minha base em todos os dias dessa jornada. Cada palavra de incentivo, cada gesto de apoio e cada demonstração de carinho foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui.

Tiago, meu amado companheiro, e Mateus, meu filho querido, vocês foram meu porto seguro, minha motivação e minha alegria nos momentos mais desafiadores. A paciência, a compreensão e o amor incondicional de vocês me deram forças para seguir em frente, mesmo quando o cansaço parecia insuportável. Obrigada por nunca soltarem a minha mão e por estarem ao meu lado em cada etapa dessa caminhada.

Aos meus pais, Marina e Zevandro, que sempre me ensinaram o valor do esforço, da dedicação e do caráter. Desde cedo, me mostraram que acreditar em si mesmo é um dos passos mais importantes para alcançar qualquer objetivo. Obrigada por confiarem em mim mesmo nos momentos em que eu duvidei das minhas próprias capacidades.

Larissa e Layza, minhas irmãs queridas, exemplos de mulheres fortes e inspiradoras. O amor e o apoio de vocês foram essenciais para que eu seguisse firme nessa trajetória. Saber que eu podia contar com vocês em qualquer circunstância tornou essa caminhada muito mais leve e significativa.

À minha querida orientadora, Dulce, nunca encontrarei palavras suficientes para expressar minha gratidão por tudo que fez por mim. Além de uma orientadora

excepcional, você é um ser humano incrível, uma mulher que inspira e que me mostrou, a cada dia, o tipo de professora, pesquisadora e orientadora que desejo ser. Sua confiança no meu potencial foi um alicerce que me sustentou nos momentos mais desafiadores e sua dedicação à ciência e à educação é um exemplo que levarei para toda a vida.

À Universidade de Brasília, especialmente ao meu tão querido Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF/UnB), sou imensamente grata por toda a formação e pelas oportunidades de aprendizado que me proporcionaram. Aos coordenadores que passaram pelo programa durante minha trajetória, Prof. Dr. Pedro Athaide, Prof. Dr. Felipe Rodrigues e Prof. Dr. Amilton Vieira, minha sincera gratidão pela condução competente e pelo compromisso em fazer este programa crescer e impactar tantas vidas.

Aos meus estimados professores do Doutorado, representados aqui pelas figuras dos professores Prof. Dra Ingrid Wiggers, Prof. Dr. Fernando Mascarenhas e Prof. Dr. Jonatas Maia, foi uma grande honra ter vocês nesta caminhada. Suas contribuições, ensinamentos e reflexões foram fundamentais para minha formação e crescimento acadêmico.

Aos meus colegas de jornada, Denise, Paulino e Fábio, muito obrigada por compartilharem esse tempo-espço tão importante comigo. Nossa convivência tornou essa trajetória mais rica e mais leve, e sou profundamente grata por cada conversa, troca de experiências e apoio mútuo ao longo do percurso.

Ao meu querido grupo de pesquisa NECON, representado aqui pelos colegas Reigler, Nárgila, Fabrício, Thiago, Esther, Letícia, Natália e Tudinha, minha gratidão por tudo que me ensinaram. As discussões, os debates e os aprendizados compartilhados nesse espaço de conhecimento foram essenciais para minha evolução acadêmica e pessoal.

Ao Instituto Federal do Amapá, instituição à qual tenho tanto orgulho de pertencer, expresso minha gratidão na figura do meu querido reitor e amigo, Romaro, que sempre oferece suporte para que possamos seguir em busca de mais conhecimento. Seu compromisso com a educação e com o crescimento institucional nos motiva a continuar trabalhando pela melhoria da vida e do trabalho de tantas pessoas.

Aos meus colegas de trabalho, representados pelos amigos Welber e Dennys, obrigada por todo o apoio nos momentos em que precisei. Seja cobrindo minhas ausências, ouvindo meus desabaços ou incentivando-me a persistir, vocês foram fundamentais para que eu conseguisse equilibrar todas as responsabilidades desta jornada, estendo minha gratidão ainda aos meus queridos alunos que estiveram junto comigo, é por vocês!

Aos meus amados amigos, Larissa, Darci, Priscila, Amanda, Leandro e Auriane, sou muito grata por cada palavra de carinho, por cada incentivo e pelo companheirismo incondicional. Saber que posso contar com vocês em qualquer momento da minha vida é um presente pelo qual sempre serei agradecida.

Às mulheres incríveis que tive a oportunidade de conhecer na Foz do Mazagão Velho, expressei minha gratidão na figura da líder e presidente da AMPAFOZ, Rosilda, cuja força e dedicação são inspiradoras. Também não poderia deixar de agradecer ao senhor Juraci, que tantas vezes me levou e trouxe em seu barco, possibilitando que meu trabalho junto à comunidade fosse realizado. Minha gratidão a toda a comunidade da Foz, que me recebeu de braços abertos e me ensinou tanto ao longo dessa experiência.

Por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade, meu mais profundo e sincero agradecimento. Sei que esta conquista não é apenas minha, mas de todos aqueles que caminharam ao meu lado. Cada palavra de apoio, cada gesto de incentivo e cada demonstração de carinho foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Obrigada por fazerem parte desta jornada e por torná-la tão especial

Quem nunca viu o Amazonas
Nunca irá entender a vida de um povo
De alma e cor brasileiras
Suas conquistas ribeiras
Seu ritmo novo
Não contará nossa história
Por não saber e por não fazer jus
Não curtirá nossas festas tucujú
Quem avistar o Amazonas nesse momento
E souber transbordar de tanto amor
Esse terá entendido o jeito de ser do povo daqui
Quem nunca viu o Amazonas
Jamais irá compreender a crença de um povo
Sua ciência caseira, a reza das benzedadeiras, o dom milagroso
Não contará nossa história
Por não saber ou por não fazer jus
Não curtirá nossas festas tucujú
Quem avistar o Amazonas nesse momento
E souber transbordar de tanto amor
Esse terá entendido o jeito de ser do povo daqui
O jeito de ser, do povo daqui
(Jeito Tucujú, Joãozinho Gomes e Wal Milhomem)

RESUMO

A tese “Cartografia Social da Amazônia Ribeirinha: Práticas Corporais e Resistência de Mulheres da Foz do Rio Mazagão Velho – Amapá” tem como objetivo compreender os sentidos e significados das práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho associadas à AMPAFOZ, considerando suas conexões com o território e sua influência na construção da identidade e nas estratégias de reexistência no contexto amazônico. Para isso, adotou-se uma pesquisa de campo com orientação etnográfica, fundamentada na cartografia social, na observação participante e em entrevistas semiestruturadas com 23 mulheres da comunidade. A análise da produção científica sobre práticas corporais de comunidades ribeirinhas revelou uma lacuna na valorização do protagonismo feminino, evidenciando que essas práticas são frequentemente reduzidas a aspectos utilitários ou funcionais, sem o devido reconhecimento de seus significados culturais, identitários e políticos. O mapeamento das práticas corporais indicou que atividades como o extrativismo do açaí, a pesca do camarão e outras formas de trabalho cotidiano transcendem a esfera da subsistência, funcionando como expressões da identidade coletiva e da relação das mulheres com o território. Essas práticas reforçam os laços comunitários, transmitem saberes intergeracionais e configuram-se como formas de reexistência cultural frente às transformações socioeconômicas e ambientais. A pesquisa também demonstrou que as práticas corporais das mulheres ribeirinhas estão diretamente ligadas a processos de protagonismo e transformação social. A atuação das mulheres na AMPAFOZ tem fortalecido sua autonomia econômica, promovendo uma maior valorização de seu papel dentro da comunidade e na esfera pública. Esse protagonismo desafia normas tradicionais de gênero, contribuindo para a reconfiguração das relações sociais e para o reconhecimento das mulheres como agentes centrais no desenvolvimento sustentável da região. No contexto da Educação Física, a tese contribui para os estudos socioculturais ao demonstrar que as práticas corporais não podem ser analisadas apenas em uma perspectiva biológica ou funcional, mas devem ser compreendidas como parte de uma rede complexa de significados que envolvem identidade, cultura e reexistência. A cartografia social revelou-se uma ferramenta metodológica eficaz para dar visibilidade às narrativas locais e para fortalecer o protagonismo das mulheres amazônicas, permitindo que suas vivências e perspectivas sejam reconhecidas como parte essencial das dinâmicas socioculturais da Amazônia ribeirinha. Diante dessas reflexões, a pesquisa reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à valorização das práticas tradicionais das comunidades ribeirinhas e ao fortalecimento das redes de mulheres que atuam na preservação de seus modos de vida. O estudo conclui que as práticas corporais das mulheres da Foz do Rio Mazagão Velho não apenas expressam sua identidade cultural, mas também desempenham um papel central na construção de formas coletivas de reexistência e na luta pelo reconhecimento de seus direitos territoriais, sociais e políticos.

Palavras-chave: práticas corporais; ribeirinhas; Amazônia; cartografia social.

ABSTRACT

The thesis "Social Cartography of the Riverside Amazon: Body Practices and Resistance of Women from the Foz do Rio Mazagão Velho – Amapá" aims to understand the meanings and significance of the body practices of riverside women from the Foz do Rio Mazagão Velho community associated with AMPAFOZ, considering their connections with the territory and their influence on identity construction and resistance strategies in the Amazonian context. To achieve this, a field research with ethnographic orientation was conducted, based on social cartography, participant observation, and semi-structured interviews with 23 women from the community. The analysis of scientific production on body practices in riverside communities revealed a gap in the recognition of female protagonism, showing that these practices are often reduced to utilitarian or functional aspects, without due acknowledgment of their cultural, identity, and political significance. The mapping of body practices indicated that activities such as açaí extraction, shrimp fishing, and other forms of daily labor transcend mere subsistence, functioning as expressions of collective identity and the relationship between women and the territory. These practices strengthen community ties, transmit intergenerational knowledge, and constitute forms of cultural resistance against socio-economic and environmental transformations. The research also demonstrated that the body practices of riverside women are directly linked to empowerment and social transformation processes. The participation of women in AMPAFOZ has strengthened their economic autonomy, promoting greater recognition of their role within the community and the public sphere. This protagonism challenges traditional gender norms, contributing to the reconfiguration of social relations and the recognition of women as central agents in the sustainable development of the region. In the field of Physical Education, this thesis contributes to sociocultural studies by demonstrating that body practices cannot be analyzed only from a biological or functional perspective but must be understood as part of a complex network of meanings involving identity, culture, and resistance. Social cartography has proven to be an effective methodological tool to give visibility to local narratives and strengthen the leadership of Amazonian women, allowing their experiences and perspectives to be recognized as an essential part of the sociocultural dynamics of the riverside Amazon. Based on these reflections, the research reinforces the need for public policies aimed at valuing the traditional practices of riverside communities and strengthening women's networks that work to preserve their ways of life. The study concludes that the body practices of women from Foz do Rio Mazagão Velho not only express their cultural identity but also play a central role in the construction of collective forms of resistance and in the struggle for the recognition of their territorial, social, and political rights.

Keywords: body practices; riverside women; Amazon; social cartography.

RESUMEN

La tesis "Cartografía Social de la Amazonía Ribereña: Prácticas Corporales y Resistencia de las Mujeres de la Foz del Río Mazagão Velho – Amapá" tiene como objetivo comprender los sentidos y significados de las prácticas corporales de las mujeres ribereñas de la comunidad de Foz del Río Mazagão Velho asociadas a AMPAFOZ, considerando sus conexiones con el territorio y su influencia en la construcción de la identidad y en las estrategias de resistencia en el contexto amazónico. Para ello, se llevó a cabo una investigación de campo con orientación etnográfica, basada en la cartografía social, la observación participante y entrevistas semiestructuradas con 23 mujeres de la comunidad. El análisis de la producción científica sobre las prácticas corporales en comunidades ribereñas reveló una laguna en el reconocimiento del protagonismo femenino, evidenciando que estas prácticas suelen reducirse a aspectos utilitarios o funcionales, sin el debido reconocimiento de sus significados culturales, identitarios y políticos. El mapeo de las prácticas corporales indicó que actividades como el extractivismo del açai, la pesca del camarón y otras formas de trabajo cotidiano trascienden la esfera de la subsistencia, funcionando como expresiones de identidad colectiva y de la relación de las mujeres con el territorio. Estas prácticas refuerzan los lazos comunitarios, transmiten saberes intergeneracionales y se configuran como formas de resistencia cultural ante las transformaciones socioeconómicas y ambientales. La investigación también demostró que las prácticas corporales de las mujeres ribereñas están directamente vinculadas a procesos de protagonismo y transformación social. La participación de las mujeres en AMPAFOZ ha fortalecido su autonomía económica, promoviendo un mayor reconocimiento de su papel dentro de la comunidad y en la esfera pública. Este protagonismo desafía las normas tradicionales de género, contribuyendo a la reconfiguración de las relaciones sociales y al reconocimiento de las mujeres como agentes centrales en el desarrollo sostenible de la región. En el ámbito de la Educación Física, la tesis aporta a los estudios socioculturales al demostrar que las prácticas corporales no pueden analizarse solo desde una perspectiva biológica o funcional, sino que deben entenderse como parte de una compleja red de significados que involucran identidad, cultura y resistencia. La cartografía social se ha demostrado como una herramienta metodológica eficaz para dar visibilidad a las narrativas locales y fortalecer el protagonismo de las mujeres amazónicas, permitiendo que sus vivencias y perspectivas sean reconocidas como parte esencial de las dinámicas socioculturales de la Amazonía ribereña. A partir de estas reflexiones, la investigación refuerza la necesidad de políticas públicas orientadas a la valorización de las prácticas tradicionales de las comunidades ribereñas y al fortalecimiento de las redes de mujeres que actúan en la preservación de sus modos de vida. El estudio concluye que las prácticas corporales de las mujeres de Foz del Río Mazagão Velho no solo expresan su identidad cultural, sino que también desempeñan un papel central en la construcción de formas colectivas de resistencia y en la lucha por el reconocimiento de sus derechos territoriales, sociales y políticos.

Palabras clave: prácticas corporales; ribereñas; Amazonía; cartografía social.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Estado do Amapá com destaque para o município de Mazagão

Figura 2 - Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho – Mazagão/AP

Figura 3 - Distribuição Geográfica dos trabalhos por região

Figura 4 - Identificação das palavras-chave

Figura 5 - Distribuição de trabalhos por período

Figura 6 - Nuvem de palavras das práticas corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho

Figura 7 - Mapa Social das práticas corporais de mulheres ribeirinhas da AMPAFOZ

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produção científica sobre práticas corporais de ribeirinhos, em ordem cronológica decrescente

Quadro 2 - Distribuição dos Artigos por Periódico e Região

Quadro 3 - Caracterização das mulheres participantes da pesquisa

Quadro 4 - Caracterização das interlocutoras

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AMPAFOZ – Associação das Mulheres Produtoras Agroextrativistas da Foz do Rio Mazagão Velho

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAAE – Certificado de Apresentação e Apreciação Ética

CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

FLOTA – Florestas de Produção do Amapá

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

NECON – Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza

PCT – Povos e Comunidades Tradicionais

PNPCT - Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte

SEMA – Secretaria de Meio Ambiente

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPA – Universidade Federal do Pará

UNB – Universidade de Brasília

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIFAP – Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

Apresentação.....	18
1. Introdução.....	22
2. Referencial Teórico.....	29
3. Aspectos Metodológicos da Pesquisa.....	40
3.1 Definição do Método.....	40
3.2 O espaço social: A Foz do Rio Mazagão Velho.....	42
3.3 Cartografando as práticas corporais e mapeando diálogos: As técnicas de obtenção de informações.....	47
3.4 Analisando os NÓS da rede de informações.....	50
3.5 Cuidados éticos.....	52
4. ARTIGO 1 – Práticas corporais de comunidades ribeirinhas como tema da produção do conhecimento: apontamentos e desafios.....	54
Resumo.....	54
Abstract.....	54
4.1 Introdução.....	55
4.2 Metodologia.....	56
4.3 Resultados e Discussão.....	57
4.3.1 Identificação da produção científica.....	57
4.3.2 Classificação das práticas corporais na produção científica.....	67
4.3.2.1 Práticas corporais e sociedade.....	69
4.3.2.2 Práticas corporais e saúde.....	70
4.3.2.3 Práticas corporais e educação.....	72
4.4 Considerações finais.....	74
5. ARTIGO 2 – Cartografia social das práticas corporais de mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho (Amapá)	76
Resumo.....	76
Abstract.....	76
5.1 Desatracando o barco.....	77
5.2 Atravessando o rio.....	80
5.3 Cartografia social das práticas corporais de mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho.....	82

5.3.1 Um mergulho nas práticas corporais.....	91
5.3.1.1 Extrativismo do açaí.....	92
5.3.1.2 Pesca do camarão.....	94
5.3.1.3 Pesca do peixe.....	97
5.3.1.4 Outras práticas corporais.....	99
5.4 Considerações finais.....	100
6. ARTIGO 3 – A Foz somos todas nós: Práticas corporais, protagonismo e transformações sociais das mulheres ribeirinhas da AMPAFOZ.....	102
Resumo.....	102
Abstract.....	102
6.1 Introdução.....	103
6.2 Relação entre o corpo, espaço social e as atividades produtivas na tradição ribeirinha.....	108
6.3 Procedimentos metodológicos.....	111
6.4 Ser mulher ribeirinha na Foz do Rio Mazagão Velho.....	114
6.5 Práticas corporais e papéis de gênero na Foz do Rio Mazagão Velho.....	120
6.6 Protagonismo feminino e transformação social na Foz do Rio Mazagão Velho.....	125
6.7 Considerações finais.....	127
7 Considerações gerais da tese.....	130
Referências bibliográficas.....	133
Anexos.....	142
Apêndices.....	147

APRESENTAÇÃO

Em 2019, ao iniciar o percurso do doutorado, decidi que, assim como na pesquisa de mestrado, meu foco seriam as comunidades ribeirinhas tradicionais da Amazônia. Essa escolha, na verdade, remonta a 2009, quando trabalhei na Casa-Escola de Pesca e fui profundamente marcada pelas inquietações e necessidades que emergiram ao conhecer mais de perto a realidade dessas comunidades. Percebi uma lacuna do conhecimento sobre essas comunidades, algo que não fora abordado durante a vida acadêmica, nos eventos acadêmicos, nas pesquisas lidas e que refletia, em parte, a invisibilidade a que esses grupos são frequentemente relegados. Essa constatação não apenas instigou meu interesse acadêmico, mas também reforçou meu compromisso de dar voz a essas populações e contribuir para sua valorização e reconhecimento.

Após decidir trilhar esse caminho de pesquisa junto aos ribeirinhos da Amazônia, iniciei uma série de visitas à comunidade Foz do Rio Mazagão Velho. E, foi por meio do diálogo com suas lideranças que comecei a conhecer mais profundamente suas histórias e o cotidiano que molda suas vidas. Esses encontros iniciais foram fundamentais para que eu compreendesse a relevância de pesquisar com eles, reconhecendo seu protagonismo e a importância que possuem enquanto sujeitos históricos e sociais. A convivência revelou não apenas a riqueza cultural e os saberes locais, mas também a força de suas narrativas, que me inspiraram a construir um trabalho comprometido com suas perspectivas.

Perceber a relação singular que os ribeirinhos estabelecem com o território, especialmente na comunidade Foz do Rio Mazagão Velho, é compreender como esse espaço molda profundamente suas vidas e identidades. O território, à beira do rio, não é apenas um lugar físico, mas um elemento central de sua existência, carregado de significados culturais, sociais e econômicos. Essa constatação evidencia que, independentemente da área do conhecimento, é imprescindível considerar as especificidades que o contexto ribeirinho impõe. As dinâmicas do rio, as particularidades do ambiente amazônico e as práticas cotidianas enraizadas nesse espaço tornam-se fatores essenciais para entender e respeitar as formas de vida dessas comunidades, destacando a necessidade de abordagens que valorizem sua singularidade e reexistência.

O ritmo das águas, marcado pelo vai e vem das marés, dita o compasso em que a vida segue no curso do rio, com todos os seus privilégios e mazelas. Nesse cenário, os movimentos do homem muitas vezes se confundem com os da natureza, criando uma relação de complementaridade e convivência. As atividades diárias, como a pesca, o cultivo e o transporte, estão intimamente ligadas aos ciclos naturais, revelando uma harmonia complexa entre o humano e o ambiente. Essa conexão não apenas sustenta a vida, mas também fortalece a identidade cultural e a resiliência das comunidades, que, mesmo diante dos desafios impostos, conseguem moldar suas existências em sincronia com o vai e vem das marés.

Na foz do rio Mazagão Velho, minha condição de pesquisadora foi mediada por um movimento constante de aproximação e distanciamento, no qual busquei compreender, a partir de uma perspectiva etnográfica, as formas como as práticas corporais dos(as) ribeirinhos(as) estruturam e ressignificam seu cotidiano. Esse exercício de observação-participante exigiu atenção às sutilezas das relações comunitárias, bem como aos modos pelos quais o corpo se conecta à natureza fluvial, expressando saberes tradicionais e estratégias de sobrevivência. A partir de uma perspectiva etnográfica e da observação participante, inspirada em Ingold (2019), a pesquisa buscou investigar ‘com’ e não apenas ‘sobre’, o que envolveu a construção de vínculos de colaboração recíproca, reconhecendo o papel ativo das pessoas locais na produção de conhecimento e garantindo que as reflexões e interpretações resultantes não fossem distanciadas das vivências e valores compartilhados na comunidade.

As restrições impostas pela pandemia de Covid-19, que se iniciou em 2020, demandaram uma suspensão temporária do trabalho de campo, de modo que o retorno à comunidade só foi viabilizado após a disponibilização da vacina para todos, inclusive para as pessoas que moravam na foz, sendo que no estado do Amapá a primeira remessa de vacinas chegou em 2021. Esse percurso de pesquisa apresentou desafios significativos, exigindo constantes adaptações e flexibilidade metodológica, especialmente frente às incertezas e às transformações provocadas pelo distanciamento social. Nesse intervalo, o contexto local experimentou alterações significativas, evidenciando mudanças nos modos de sociabilidade, nas práticas coletivas e na organização cotidiana. Em função dessas circunstâncias, tornou-se necessário reestruturar o desenho do estudo, revisando objetivos, metodologias e

estratégias de obtenção das informações, de modo a abarcar as novas dinâmicas emergentes no ambiente comunitário.

Retornar à comunidade da Foz do Rio Mazagão Velho após a pandemia, reconfigurou minha perspectiva enquanto pesquisadora, e foi nesse retorno que conheci a presidente da Associação das Mulheres Produtoras do local. Esse encontro, somado à necessidade de delimitar os objetivos investigativos, evidenciou que a (r)existência e o ativismo das mulheres associadas constituíam o cerne de uma investigação mais aprofundada. Assim, o estudo das práticas corporais de mulheres ribeirinhas, entendidas como expressões de identidade, reexistência e organização coletiva, mostrou-se essencial para lançar luz sobre o protagonismo feminino na manutenção e transformação dos modos de vida na foz do rio Mazagão Velho, especialmente em um contexto marcado pelos desafios e adaptações decorrentes do período pandêmico.

Na comunidade ribeirinha da Amazônia, o cotidiano organiza-se em torno de um tempo distinto daquele encontrado em grandes centros urbanos, uma temporalidade tecida pelos ciclos naturais do sol, da chuva e do rio, assim como pelo amanhecer, anoitecer e períodos de pesca e coleta do açaí. A rotina se molda de acordo com as cheias e vazantes, demandando conhecimentos tradicionais que orientam a sobrevivência e a economia locais. Assim, as práticas diárias estão diretamente ligadas às variações ambientais, já que compreender as sazonalidades não apenas direciona as atividades produtivas, como também sustenta modos de vida enraizados em uma relação de reciprocidade com a natureza.

Esse é o território das mulheres ribeirinhas da AMPAFOZ, onde suas práticas tradicionais, seus modos de organização coletiva e suas vozes se manifestam de forma singular. Nele, encontram-se experiências permeadas pela força do cotidiano e pelos saberes transmitidos ao longo de gerações, reforçando a centralidade do protagonismo feminino. Ao mesmo tempo, esse local constitui o espaço em que se desenvolveu a presente pesquisa, favorecendo a compreensão das dinâmicas socioculturais e das reexistências mobilizadas pelas mulheres ribeirinhas, cujas histórias e trajetórias se entrelaçam às múltiplas dimensões da vida na foz do rio Mazagão Velho.

Atualmente, faço parte do grupo de estudos Núcleo de Estudos Corpo e Natureza (NECON) vinculado à Universidade de Brasília (UNB) que desenvolve pesquisas sobre a sociologia do corpo no Brasil, visando desenvolver estudos e pesquisas sobre a temática geral – Corpo e Sociedade – no contexto atual congregando pesquisas que perpassam, dentre outros temas, pelo corpo e culturas tradicionais em uma dinâmica interdisciplinar, notadamente, entre os campos das Ciências Sociais e da Educação Física, tornando possível o amplo debate sobre as chamadas populações tradicionais e o corpo/corporeidade/corporalidade nas/das comunidades ribeirinhas da Amazônia.

Esta tese se inscreve em um conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos das Comunidades Tradicionais (Necon), que abordam as práticas culturais e corporais de comunidades tradicionais do Brasil, destacando suas manifestações identitárias e rituais. Cronologicamente, a dissertação de Almeida (2008) que analisa a esportivização das práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas, evidenciando transformações culturais nesse contexto, inaugura a linha de pesquisa. Em 2018, Neri investigou o cotidiano da Comunidade Quilombola do Cumbe, ressaltando a relação entre práticas corporais e identidade. Já Pedrosa (2022) estudou a Folia de São Sebastião na Comunidade Quilombola Magalhães, destacando seu caráter performático e simbólico. Por fim, Gaia (2024) analisou a dança de São Gonçalo no Quilombo Sítio Veiga, evidenciando seu papel na construção da identidade quilombola. Esses estudos demonstram a importância da preservação das tradições e o impacto das práticas corporais na identidade cultural dessas comunidades.

1. Introdução

O Município de Mazagão, localizado no Estado do Amapá, insere-se na vasta região amazônica, caracterizada por densa cobertura florestal e extensa rede hidrográfica. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município apresenta significativa concentração populacional em áreas rurais, cujos habitantes, em sua maioria, configuram-se como comunidades ribeirinhas, reconhecidas como comunidades tradicionais da Amazônia. Essas populações vivem nas margens dos rios, destacando-se, dentre outras, a comunidade da Foz do Rio Mazagão Velho, que desenvolve suas atividades cotidianas e produtivas – sobretudo pesca e agricultura de subsistência – em estreita dependência dos recursos hídricos locais, evidenciando a importância socioambiental da dinâmica fluvial na organização socioeconômica do município.

Ao navegar pelos rios da Amazônia, é possível perceber não apenas a exuberância da paisagem natural, mas também a presença de inúmeros grupos humanos que habitam suas margens, construindo saberes e práticas culturais em estreita conexão com o ambiente fluvial. Esses habitantes, muitas vezes identificados como comunidades tradicionais ou ribeirinhas, extraem da mata e das águas os recursos necessários à sua subsistência, desenvolvendo atividades como pesca artesanal, coleta de frutos e cultivo em várzeas. Tal modo de vida expressa um profundo vínculo entre sociedade e natureza, evidenciado no respeito aos ciclos ecológicos, na preservação de tradições orais e no caráter colaborativo das relações comunitárias.

A intrincada relação entre as comunidades ribeirinhas, o ecossistema amazônico e as práticas corporais que permeiam esse contexto evidencia a profundidade dos vínculos socioculturais estabelecidos na região. As dinâmicas cotidianas dessas populações—como a pesca, a navegação fluvial e as festividades tradicionais—configuram expressões corporais singulares, enraizadas na vivência junto aos rios e à floresta. Tais atividades, frequentemente pautadas por gestos, ritmos e rituais herdados de gerações passadas, não apenas refletem a adaptação às condições naturais, mas também expressam identidades coletivas e valores culturais. Nessa perspectiva, o corpo emerge como elo essencial entre a comunidade e o meio ambiente, pois se constitui tanto como instrumento de interação com o espaço físico

quanto de manifestação simbólica e afetiva, reiterando, assim, a importância das dimensões materiais e imateriais que definem o modo de vida ribeirinho na Amazônia.

As comunidades tradicionais são compreendidas como coletivos organizados, que se expressam por meio de suas identidades coletivas, reproduzidas em seus modos de vida. Marcados pela territorialidade, as relações existentes são imbricadas em suas culturas e, por isso, faz-se necessária a vinculação dos estudos que envolvem as culturas tradicionais às práticas vivenciadas cotidianamente, dentre elas, as práticas corporais, que estão intimamente relacionadas a sua identidade. Segundo Almeida et al (2017), as práticas corporais constituem um elemento essencial da cultura dos grupos sociais, funcionando como um meio pelo qual se estabelecem relações sociais que carregam sentidos e significados compartilhados e construídos coletivamente.

Para compreender essa relação, faz-se necessário um olhar para a relação com as populações tradicionais e as práticas sociais que estas protagonizam, pois, elas são responsáveis pela manutenção dos seus modos de vida que legitimam suas lutas por direitos e reconhecimento de suas identidades (Castro; Oliveira, 2016).

Faz-se necessária a compreensão dos elementos intrínsecos das coletividades denominadas de tradicionais, assim como aqueles que dizem respeito às práticas corporais, por isso, este trabalho tem como objetivo geral compreender os sentidos e significados das práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho associadas à AMPAFOZ, considerando as conexões com o território e sua influência na construção da identidade e estratégias de reexistência dessas mulheres no contexto amazônico.

Para tanto, elegemos como foco o corpo e suas relações sociais cotidianas, nesse trabalho, denominadas de práticas corporais, e alguns de seus elementos, dentre eles, a relação com o território que os cerca. Essa relação torna possível a vida humana, e se mostra inscrita no corpo tal como na paisagem, constituindo parte intrínseca do que chamamos de identidade. Para tanto, questiona-se: quais as práticas corporais que fazem parte do movimento das mulheres da AMPAFOZ na construção social dos seus modos de vida?

Esta pesquisa vem sendo trilhada em um espaço-tempo de aproximadamente dezesseis anos, quando tive a oportunidade de trabalhar em uma escola que atendia

especificamente ribeirinhos da região das ilhas de Belém, a Casa-Escola da Pesca localizada na Ilha de Caratateua¹, no estado do Pará, que me oportunizou conhecer um pouco da cultura ribeirinha e, dentre os mais diversos aspectos, me aproximar de suas práticas. Enquanto professora, questionar as práticas sociais atreladas às vivências corporais na e da Educação Física, por diversas vezes, desatreladas do contexto sociocultural do ribeirinho amazônida, tornou-se recorrente. Para além dessas vivências na escola e fora dela esse caminho seguiu e segue minha jornada profissional, fazendo parte das minha trajetória acadêmica, como na pesquisa de mestrado intitulada “Tecendo redes sobre a saúde dos povos tradicionais da Amazônia: um enfoque antropológico sobre a relação entre as práticas corporais e saúde dos ribeirinhos”, fazendo com que as práticas sociais/corporais de comunidades tradicionais da Amazônia sigam parte de minhas inquietações e aprofundamentos teóricos.

No relatório de desenvolvimento humano nacional do Programa das Nações Unidas (PNUD) intitulado “Movimento é vida: atividades físicas para todas as pessoas”, Almeida et al (2017) na parte do relatório que trata sobre as culturas tradicionais, representadas por indígenas, quilombolas e ribeirinhos, ressalta que as relações existentes em seus modos de vida é marcada pela territorialidade em suas representações coletivas, fazendo desse vínculo com o território algo imbricado em suas culturas e, por isso, faz-se necessária a vinculação dos estudos que envolvem as culturas tradicionais às práticas vivenciadas cotidianamente em seus territórios, dentre elas, as práticas corporais, que estão intimamente vinculadas a sua identidade e de seus reconhecimentos como culturas tradicionais.

Por se tratarem construções socioculturais, as práticas corporais, de acordo com Bourdieu (2017), dependem das vivências de cada grupo e sua práxis, que podem ser observadas por meio das expressões, sejam elas linguísticas ou corporais presentes no cotidiano das comunidades tradicionais, através das quais identificam-se ou diferenciam-se de outras.

Para trilhar esses caminhos, foi necessário recorrer a estudos que envolvem não apenas a Educação Física, mas também a Sociologia do Corpo, e um olhar para a relação com as populações/comunidades tradicionais e as relações sociais que estas protagonizam, dada a relevância do tema, pois, elas são responsáveis pela manutenção dos seus modos de vida e que legitimam suas lutas por direitos e

reconhecimento de suas identidades, conforme ressalta Castro e Oliveira (2016), faz-se necessária a compreensão dos elementos intrínsecos das coletividades denominadas de “tradicionais” que ainda são caracterizados como incipientes em seus mais diversos aspectos, assim como naqueles que dizem respeito às práticas sociais e/ou corporais e as relações permeadas por estas.

As práticas corporais, em suas interações com as relações sociais cotidianas, destacam-se como foco central para compreender a vida comunitária ribeirinha. Neste estudo, exploramos esses elementos em sua profunda conexão com o território que os envolve, revelando como o corpo e suas dinâmicas sociais se entrelaçam com o ambiente ao seu redor. Essa relação torna possível a vida humana, e se mostra inscrita, incorporada, no corpo tal como na paisagem, constituindo parte intrínseca do que contemporaneamente chamamos de identidade, nesse contexto, iremos pensar o corpo e essas relações com a natureza, as conexões existentes entre cultura e natureza.

As práticas corporais, nos termos de Marcel Mauss (2003), constituem ‘fatos sociais totais’, pois articulam dimensões materiais e imateriais da vida social. Esses elementos revelam como as dimensões sociológicas, psicológicas e orgânicas da vida ribeirinha se articulam profundamente com o território, evidenciando o corpo como um mediador central entre o meio físico e as dinâmicas culturais e sociais da comunidade.

Shilling (2012) retrata, a partir de uma análise da posição e do tratamento do corpo, este foi tradicionalmente construído como uma “presença ausente”, aparecendo de forma implícita na sociologia, porém, é por meio do corpo, que expressa costumes, em uma dada medida, específicos do grupo ao qual pertence na relação existente entre este e os elementos da natureza e em sociedade, mostra-nos que cada sociedade possui hábitos que lhes são próprios e que essa existência é corporal.

No contexto das populações tradicionais encontra-se uma riqueza de práticas, dentre elas as corporais, que estão relacionadas com a diversidade cultural a qual a essas comunidades são responsáveis por produzir e manter mas, apesar disso, de acordo com Adams et al (2008), pouco esforço tem sido feito no que diz respeito a pesquisas e políticas públicas para esta parcela da população, o que faz deles um segmento da população brasileira definido, por alguns autores, como invisível. Essas

considerações revelam importantes nuances para se notar e compreender as práticas corporais e suas imbricações que expressam os estilos de vida revelados, dentre outros aspectos, através das práticas corporais dos grupos sociais aos quais pertencem.

Nesse sentido, inventariar e compreender as práticas corporais das culturas tradicionais é uma forma de registrar seu acervo cultural e de reconhecer como importantes manifestações da diversidade cultural brasileira, distinguindo os sentidos e os significados, sendo capaz de explicitar as lógicas sociais e culturais que, conforme afirma Le Breton (2006), é imprescindível.

É importante destacar alguns autores fundamentais para a compreensão deste trabalho. Bourdieu (2017, 2019), Le Breton (2011, 2017), Shilling (2005, 2012, 2016) e Mauss (2003) tratam do corpo e das práticas corporais, discutindo-os a partir de referenciais sociais modernos. Já Adams et al. (2008), Almeida (2013, 2014), Harris (2001) e Sautchuck (2020) trazem o contexto das comunidades tradicionais, com ênfase nas sociedades ribeirinhas amazônicas. No campo da Educação Física, Daolio (1995, 2013, 2018) nos oferece um olhar sociológico. Por fim, para o debate e os diálogos sobre gênero, recorreremos a Butler (2020) e Alencar (2020, 2019, 1993).

Esta tese se propõe a compreender os sentidos e significados das práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho associadas à AMPAFOZ, analisando como essas práticas se relacionam com a construção social de suas identidades e com os processos de reexistência no território. Para isso, trabalhamos com a seguinte questão-problema: Quais são os sentidos e significados atribuídos às práticas corporais pelas mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho, seu cotidiano e a relação com a construção social de suas identidades?

Empreendemos essa análise por meio do diálogo com e entre as mulheres da comunidade, utilizando a cartografia social como ferramenta metodológica para compreender suas experiências e representações sobre o corpo em seu contexto sociocultural. Partimos do reconhecimento das práticas corporais como elementos formadores de identidade e reexistência das populações tradicionais, destacando o protagonismo das mulheres ribeirinhas na produção de saberes sobre o próprio corpo e território.

Para isso, os objetivos específicos desta pesquisa são: 1) Identificar, na produção científica, as práticas corporais de comunidades ribeirinhas, analisando como essas atividades são abordadas e classificadas na literatura acadêmica; 2) Mapear e descrever as práticas corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da comunidade, levando em consideração o espaço social da Foz do Rio Mazagão Velho; 3) Analisar como se dá a relação entre as práticas corporais e a construção social da mulher ribeirinha, evidenciando o papel dessas experiências na afirmação de identidades e na ressignificação dos papéis de gênero.

Conclui-se que a construção social do corpo das mulheres da comunidade Foz do Rio Mazagão Velho é moldada pelas práticas corporais vivenciadas e pelas relações estabelecidas no espaço social. Além disso, as mulheres transformam tais práticas em formas de reexistência e afirmação identitária.

A tese está organizada em oito seções principais, seguindo a estrutura do modelo escandinavo, que integra capítulos tradicionais e artigos científicos, essa estrutura permite a organização da tese em artigos científicos independentes, o que facilita a adaptação para publicações acadêmicas durante o processo de pesquisa, isso aumenta a disseminação dos resultados e o impacto acadêmico do trabalho. Inicialmente, apresenta-se a introdução, contextualizando a pesquisa e sua relevância. O Referencial Teórico fundamenta a investigação, fornecendo suporte conceitual às análises desenvolvidas. A seção Aspectos Metodológicos da Pesquisa detalha os procedimentos adotados, incluindo a definição dos métodos, a caracterização do espaço social estudado – a Foz do Rio Mazagão Velho –, as técnicas de obtenção de informações, a análise das redes de informações e os cuidados éticos envolvidos. A tese inclui três artigos científicos. O Artigo 1 investiga a presença das práticas corporais das comunidades ribeirinhas na produção científica, categorizando-as em diferentes abordagens (sociedade, saúde e educação). O Artigo 2 utiliza a cartografia social para mapear as práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, explorando atividades como o extrativismo do açaí e a pesca. Já o Artigo 3 analisa a relação entre corpo, espaço social e transformação social, destacando o protagonismo feminino e a ressignificação dos papéis de gênero na comunidade. Por fim, as Considerações Gerais da Tese sintetizam os principais achados, refletindo sobre suas contribuições para o campo das práticas corporais e os impactos sociais na comunidade estudada.

Cada um dos artigos que compõem esta tese está diretamente relacionado aos objetivos específicos propostos, contribuindo para uma compreensão ampla e aprofundada das práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho.

O Artigo 1 – "Práticas corporais de comunidades ribeirinhas como tema da produção do conhecimento: apontamentos e desafios" está alinhado ao primeiro objetivo específico, que busca identificar, na produção científica, as práticas corporais de comunidades ribeirinhas. Esse artigo realiza uma revisão bibliográfica e uma análise da literatura acadêmica sobre o tema, categorizando as práticas corporais presentes nos estudos e apresentando uma análise crítica das abordagens predominantes. A investigação permite compreender como essas práticas têm sido discutidas na produção científica e em quais áreas do conhecimento se inserem, além de evidenciar lacunas e desafios na pesquisa sobre o tema.

O Artigo 2 – "Cartografia social das práticas corporais de mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho (Amapá)" responde ao segundo objetivo específico, que visa mapear e descrever as práticas corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da comunidade, levando em consideração o espaço social da Foz do Rio Mazagão Velho. Para isso, emprega a cartografia social como método de investigação participativa, permitindo que as próprias mulheres da comunidade contribuam ativamente para o processo de mapeamento e análise das suas práticas corporais. O artigo detalha atividades como o extrativismo do açaí, a pesca do camarão e do peixe, além de outras práticas que se entrelaçam com o cotidiano e a dinâmica social da comunidade. Esse mapeamento evidencia como o espaço social influencia e é, ao mesmo tempo, moldado pelas práticas corporais dessas mulheres.

Já o Artigo 3 – "A Foz somos todas nós: Práticas corporais, protagonismo e transformações sociais das mulheres ribeirinhas da AMPAFOZ" atende ao terceiro objetivo específico, que propõe analisar como se dá a relação entre as práticas corporais e a construção social da mulher ribeirinha. Neste artigo, a discussão se aprofunda na interseção entre corpo, gênero e espaço social, analisando como as práticas corporais contribuem para a construção da identidade feminina na comunidade. A análise aborda os papéis de gênero, as transformações sociais impulsionadas pelo protagonismo das mulheres na AMPAFOZ e os impactos dessas práticas na afirmação do protagonismo feminino e na transformação das relações sociais.

Dessa forma, os três artigos não apenas dialogam entre si, mas também estabelecem um percurso metodológico e analítico coerente, que parte da produção científica sobre as práticas corporais ribeirinhas, passa pelo mapeamento das atividades no contexto específico da Foz do Rio Mazagão Velho e culmina na análise das relações entre essas práticas e a construção social da mulher ribeirinha.

2. Referencial Teórico

A riqueza e diversidade cultural do povo brasileiro é uma de suas maiores marcas identitárias, representadas por indígenas, remanescentes de quilombos, pescadores artesanais, ribeirinhos e inúmeras outras comunidades, denominados Comunidades Tradicionais, que constituem uma importante parcela da população e que, em geral, permanecem invisíveis perante a sociedade e o poder público, de maneira geral.

Ribeiro (2015) retrata que, após a colonização do Brasil, um novo núcleo populacional foi sendo formado, expandindo-se pela costa atlântica para adentrar o país rumo aos sertões ou navegando pelos rios, difundindo diferentes modos de vida e culturas, essa movimentação resultou nas variações regionais, dentre elas: a cultura crioula, a cultura caipira, a cultura sertaneja, a cultura cabocla e a cultura gaúcha.

Após alguns anos de lutas e reexistências, por parte desta parcela da população, foi criado, no ano de 2017, o Decreto n. 6.040, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), que tem por principal objetivo a promoção o desenvolvimento sustentável dessas populações, ao passo que, além de reconhecer, garante os direitos territoriais, assim como os sociais, ambientais, econômicos e culturais, respeitando e valorizando a identidade dessas comunidades e suas formas de organização.

Na PNPCT (2007, p. 1), os PCT são definidos como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Esses sujeitos são entendidos como coletivos organizados que se expressam através de identidades coletivas, reconhecendo explicitamente a diversidade linguística, os conhecimentos e práticas tradicionais, bem como as demais expressões culturais das comunidades, conforme descrito por Almeida (2017).

O Brasil é reconhecido como um país multicultural e pluriétnico que possui a responsabilidade de proteger legalmente os direitos desses grupos sociais. Isso permite que essas comunidades possam se identificar como possuidoras de identidades únicas e estilos de vida singulares, abrangendo uma variedade de grupos humanos que fazem parte da diversidade brasileira, indo além das questões ambientais.

A grandiosidade territorial da Amazônia corresponde também à grandiosa riqueza e diversidade cultural. O lugar, guarda o movimento de um grupo social em suas práticas cotidianas e que, com o movimento social em suas práticas cotidianas e que, como processo social, transforma-se por meio da relação homem-meio-mundo, como define Soares (2010). O amazônida, parte desse todo, é resultado de intercâmbios ao longo do tempo entre diferentes povos e etnias, que revelam manifestações culturais expressas cotidianamente nas relações de trabalho, nesse texto denominadas de atividades produtivas, nas lendas, nos hábitos e em toda e qualquer manifestação do seu fazer.

Devido à presença expressiva dos rios na realidade Amazônica, um dos principais sujeitos que compõem este cenário é o Ribeirinho que se organiza socialmente de acordo com sua origem, por meio da adoção e adaptação de saberes e técnicas de acordo com suas necessidades, de acordo com a produção e de gestão dos recursos naturais, garantia de sobrevivência e acesso a bens e serviços sociais, e as atividades exercidas de acordo com suas necessidades e recursos naturais disponíveis.

Quando os ibéricos vieram com o objetivo de ocupação, eles escolheram as terras de várzea por terem o maior número de nativos, formando vilas e aldeamentos que foram ampliados no boom da borracha. A partir disto os núcleos populacionais e a própria rede urbana que estava estritamente atrelada ao traçado dos rios foram se formando. É nestes espaços que os ribeirinhos vivem, em pequenas comunidades localizadas a beira dos rios, dispersos em casas de madeira, construídas em palafita. (Silva, 2017, p.3)

De acordo com Loureiro (2019), o rio é retratado como uma realidade labiríntica, exercendo uma influência dominante na estrutura local e humana que dá ritmo à vida regional. Ele é o meio pelo qual tudo flui: abundância e escassez, construção e destruição, inundações e secas, movimento de pessoas e bens simbólicos, política e economia, comércio e sociabilidade. Para o autor, o rio está presente em todos os aspectos da vida.

As comunidades ribeirinhas da Amazônia, com seu modo de vida considerado peculiar, já que a reprodução dos modos de vida se dá pelo rio, sendo este o centro da organização social e espacial, assim como das atividades do cotidiano, exercendo assim uma influência sobre o modo de vida ribeirinho, de maneira direta. É através do rio que os moradores se deslocam para visitas, passeios, compromissos, compras em mercearias, trabalho e realizar muitas outras atividades cotidianas. Além disso, o rio é utilizado pelos ribeirinhos como meio de transporte para se deslocarem até a cidade ou outras comunidades. A escolha do horário para as viagens é baseada nas marés, visto que os moradores locais preferem esperar pela maré cheia ou vazante para realizar a viagem a favor do fluxo, economizando tempo e combustível.

Os ribeirinhos utilizam o rio para diversas atividades, como lavar louças e tomar banho. Muitas crianças da comunidade se divertem na beira do rio, brincando e interagindo umas com as outras. Além disso, a alimentação da comunidade é complementada com a pesca, a coleta de camarões e de açaí realizadas nas águas do rio. É importante destacar que a alimentação dos ribeirinhos é composta principalmente por uma mistura de açaí, peixe, camarão e farinha de mandioca.

Nesse cenário, a pesca caracteriza-se enquanto uma atividade muito presente no modo de vida do ribeirinho amazônida e que possui alguns modos específicos de relacionar-se com a natureza, com o rio, por exemplo, a maré precisa estar cheia para que ele monte sua rede de pesca no rio, sabendo ainda que, a melhor hora para pescar é a preamar, quando o rio atinge o seu nível máximo, na “parada da maré”. Nesse horário o pescador renova suas iscas para fisgar o peixe. Sendo esse é um típico exemplo dos saberes que vão sendo repassados de pai para filho de geração a geração, conforme retratado por Mauss (2003), que retrata as técnicas corporais como práticas sociais que expressam os mais diversas formas de se movimentar entre outras características que marcadas num corpo/pessoa específico, conotam formas desse identificar-se como pertencente a um determinado grupo, nesse caso, tornando

a cultura caboclo ribeirinha tão rica e peculiar, como na comunidade Foz do Rio Mazagão Velho.

De acordo com Loureiro (2019), o modo de vida ribeirinho é caracterizado por uma relação profunda com o rio e a floresta. As famílias ribeirinhas estabelecem uma conexão singular com a natureza, organizando suas vidas em torno dela, incluindo o fluxo das marés, a terra e tudo o que as rodeia. Sendo assim, podemos utilizar a palavra contexto indicando, de acordo com Lordelo et al (2002), como sendo as diferentes condições de vida em que as pessoas se desenvolvem, considerando a relação entre ambiente físico e o contexto sociocultural.

Assim, os povos e comunidades tradicionais ribeirinhas configuram-se como o espaço onde os ribeirinhos estabelecem as relações sociais, em que o rio lhes traduz um significado muito grande, configurando-se como complemento ou mesmo suas próprias vidas, como descreve Cruz (1999, p. 04):

[...] Rio e ribeirinho são partes de um todo. Se o rio oferece os seus alimentos, fertiliza as suas margens no subir e baixar das águas. O ribeirinho lhe oferece sua proteção, através de suas representações (seus mitos) como a mãe-d'água, a cobra-grande que come os desavisados (que não respeitam a natureza) e tantas outras, que nascem desta humanização da natureza e naturalização do homem.

A presença de rios na configuração espacial possibilita diversos meios de sobrevivência, como a circulação de mercadorias e pessoas, além de servir como fonte de alimentos. Essas funções conferem um padrão de organização espacial, visto que as comunidades tendem a crescer seguindo o curso dos rios. Além disso, esses rios possuem um valor simbólico-cultural para aqueles que têm contato frequente com eles, o que contribui para a organização social das comunidades.

Da mesma forma que as comunidades ribeirinhas constroem suas moradias nas margens dos rios, aproveitando as áreas recuadas e as vazantes, durante as cheias, os rios voltam para seus leitos naturais e muitas vezes inundam as terras e as casas dessas comunidades. Neste vai e vem das marés e com elas a ocupação de espaço mútuo, seja por parte dos ribeirinhos ou por parte dos rios, estes personagens vão traçando um destino social, uma espécie de conexão, entre a comunidade e a água que as cerca.

Ao examinar a vida diária das comunidades ribeirinhas, Rieper (2001) destaca a afetividade e o valor simbólico que essas pessoas atribuem à natureza,

especialmente aos rios. As representações e comportamentos dos indivíduos revelam experiências e atitudes compartilhadas em relação às suas atividades produtivas e lazer. O sentido de valor dado ao ambiente cotidiano reflete tanto o uso quanto a afetividade individual e coletiva. Os cursos d'água funcionam como marcos ou indicadores de um tempo em que o ritmo e a organização social se interconectam.

Como destacado no trabalho de Rieper (2001), o rio é um elemento crucial na formação do modo de vida ribeirinho. Ele representa a relação entre cultura e natureza, refletindo as diversas formas de paisagem ribeirinha, que incluem o uso múltiplo de tempos e espaços para atividades produtivas, como a pesca e a agricultura, bem como para dimensões simbólicas imateriais, principalmente na organização do mundo vivido. Além disso, é importante reconhecer a percepção dos indivíduos em relação ao rio como parte de um conjunto de subjetividades - desde atividades lúdicas até a reconstituição da memória social associada à vida cotidiana nos rios.

No clássico *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*, Adams et al (2006) reconhecem que o caboclo ribeirinho é caracterizado uma criação da colonização da Amazônia pelos invasores portugueses. Eles são uma categoria de indivíduos que partilham padrões culturais semelhantes, como a maneira de apropriação dos recursos ambientais e suas crenças no ambiente em que vive ou vivia, predominantemente em comunidades ribeirinhas de parentesco. Porém, de acordo com Harris (1998), o caboclo ribeirinho é moderno pela sua constante renovação do passado no presente, principalmente em virtude da adaptação desses grupos a condições econômicas e políticas instáveis. Para esse autor, resiliência e flexibilidade são as principais características dos ribeirinhos, não a forma cristalizada com que é expressa essa cultura dentro de uma realidade a-histórica e divorciada de pressões externas (Harris, 1998).

Sautchuk (2020) descreve que o termo caboclo é empregado como designativo geral do sujeito humano, e que comporta sentidos como coragem, reexistência e destreza, embora concorde que ocupem uma posição desfavorecida num sistema local ou mesmo nacionalmente. Remete-se ainda a aptidão para “dar seu jeito” dar seu jeito diante das mais diversas condições desfavoráveis, caracterizando ainda um modo de vida original e autêntico que resulta da instalação local de uma forma de vida regionalizada que se “tradicionaliza” a seu modo.

O resultado dessas expressões é o caboclo ribeirinho, uma consequência da heterogeneidade das forças conquistadoras da Amazonia, tendo suportado com tanto sucesso as condições ambientais severas e as condições históricas desfavoráveis, fazendo hoje mais do que apenas se acomodarem às demandas prevalecentes, sendo capazes de se reorganizar e se reproduzir nas novas condições encontradas de cada vez, abraçando a mudança a cada nova fase, sem que isso resulte no fim do seu modo de vida corrente, com relações produtivas baseadas principalmente em torno do parentesco, que são genuinamente formas locais. Assim, seu modo de ser e, sobretudo sua relação com o tempo, podem ser comparados ao andar sobre a crista de uma onda. Seria contra a natureza conservar sua identidade, traçar um limite em torno dela, sendo que os aspectos não reificados conspiram contra a continuidade do movimento da onda, ao se permeabilizarem em suas marcações corporais dadas culturalmente e que acabam por conformar suas identidades. As identidades caboclas — e o uso do plural é necessário devido à diversidade dessa construção étnica e identitária — podem ser compreendidas como o que há de mais rico no nosso objeto de análise, pois se constituem como heterogeneidade, ambivalência, ideologia da mistura e abertura. Desse modo, as identidades ribeirinhas são assim um produto do que eles são no presente encontre com aquilo que foram no passado recente.

Nesse caso, recorremos a Canclini (2019) que defende a existência de culturas híbridas entendendo por hibridação processos sócio-culturais nos quais práticas ou estruturas, mesmo que existam separadamente, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Surgindo, por vezes, de modo não planejado ou previstos, seja a partir de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio, ou ainda, da criatividade individual e coletiva. Ressaltando que, os estudos sobre narrativas identitárias, com enfoques teóricos que levam em conta processos de hibridação, mostram que não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos.

Thompson (1998), por seu turno, acrescenta a esta noção de cultura, entendida como modo de vida, a categoria da luta e fala da experiência social, da vivência como o narrado, o vivido; experiência como a reflexão sobre o vivido e a percepção do lugar social dos sujeitos, que se constrói nas práticas cotidianas, dentre as quais incluem-se as práticas corporais.

Ao se afirmar que cultura está relacionada a qualquer prática corporal, não significa dizer que esta é composta por superstições, ou que esta é desprovida de

coerência. A cultura é responsável por organizar o mundo de cada grupo social de acordo com sua própria lógica. Essa experiência é fundamental para unir, educar e preservar as identidades de comunidades que compartilham, comunicam e reproduzem suas formas de vida, instituições, princípios e valores culturais.

Ao retratar a cultura como sendo uma manifestação possuidora de elementos que transformam a sociedade, Soares (2010) denota que a cultura de movimento transforma a vida social de diferentes grupos sociais, à medida que esses grupos incorporam elementos relativos a seus hábitos, valores e costumes à esfera lúdica. Dessa forma, pode-se notar que não cabe pensar a cultura apenas como manifestação e, sim, como parte da trajetória humana de um grupo de indivíduos como uma marca deixada na história. A autora ressalta que o ato que gera a cultura é a criação, a invenção, a transformação e, trabalhar com a cultura é trabalhar com a revolução do próprio corpo (Soares, 2010).

Cada grupo social interage com o ambiente ao seu redor, e a cultura desse grupo define como viver nesse ambiente físico. Devido à natureza criativa e transformadora das culturas humanas em relação ao meio físico, é possível encontrar várias soluções específicas dentro de um mesmo tipo de ambiente, que permitem a sobrevivência das sociedades. A cultura é responsável por transformar indivíduos em membros de um determinado grupo, que se reconhecem mutuamente. Além disso, a socialização dos indivíduos é crucial para transmitir o sentido do "porquê" fazer, o que é de especial importância para compreender a integração e a lógica de uma cultura.

O corpo é uma manifestação da cultura, pois reflete aspectos particulares da sociedade em que está inserido. O ser humano, por meio de seu corpo, absorve e incorpora os valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação. Para Bourdieu (2002) é importante restituir o corpo como fonte de intencionalidade prática, sendo assim, devemos tratá-lo enquanto corpo socializado e não um objeto. O corpo é dotado de capacidade criativa e gerativa. Em suas considerações, Bourdieu (2002) ressalta a relação entre ser e o mundo, isto é, a relação intrínseca existente entre o individual e o social, clássica questão sociológica. Conforme ele, estrutura (social) e ação (indivíduo) conforma uma espécie de par dialético no contexto societal.

Por outro lado, e distanciando-se do estruturalismo, para alguns construtivista de Bourdieu, Le Breton (2012) afirma que o corpo é moldado pelo contexto social e cultural no qual o indivíduo está inserido, funcionando como vetor semântico que constrói e traduz as relações com o mundo. Ele é mais do que uma dimensão

biológica; é o eixo da existência individual e coletiva, um espaço de significações que se expressa através de técnicas corporais e sistemas simbólicos compartilhados na comunidade. Na sociologia do corpo, destaca-se que o movimento humano não é neutro, mas carregado de lógicas sociais e culturais que conferem sentido à existência. No caso das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, suas práticas corporais, vinculadas às atividades produtivas, à cultura e à reexistência cotidiana, revelam como o corpo é um lugar onde a vida se inscreve, traduzindo a relação com o território e as redes sociais que o sustentam.

Além disso, Le Breton (2012) argumenta que todas as manifestações corporais em uma comunidade social carregam significados que só podem ser plenamente compreendidos no contexto simbólico do grupo. Nas sociedades tradicionais e comunitárias, como as ribeirinhas da Amazônia, o corpo não é um elemento isolado, mas um componente integrado ao cosmos, à natureza e às relações sociais. Ele atua como um elo que conecta o indivíduo ao coletivo, tornando-se essencial na preservação da identidade e no fortalecimento da coesão comunitária. Por outro lado, em sociedades individualistas, o corpo é visto como uma fronteira que delimita o indivíduo em relação aos outros. Assim, as práticas corporais das mulheres da comunidade ribeirinha transcendem os limites individuais, sendo manifestações de uma energia coletiva que resiste às pressões externas e reafirma seu pertencimento ao território e à cultura local

Daolio (2013, p. 40) reforça que “o corpo é o meio do homem assimilar e apropriar dos valores, normas e costumes sociais, ou seja, adquirir um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo”. Sendo assim as práticas corporais são materializadas através dos usos que se faz do corpo, ou seja, das práticas corporais, frutos dessa interação com o meio. Relatando que cada sociedade destaca e valoriza determinadas formas de uso do corpo ou determinados movimentos corporais, é assim, dentre outros aspectos, porque os corpos vão se diferenciando uns dos outros, sendo consequências dos valores e dos símbolos que neles são colocados pela sociedade em determinado momento histórico.

Segundo Amorim Filho e Ramos (2010) mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Cada movimento que realizamos reflete a singularidade de uma cultura específica. Não se deve considerar erroneamente o corpo como meramente biológico, já que este apresenta diversas distinções que não são apenas

físicas. Além das similaridades ou disparidades físicas, há uma série de significados particulares atribuídos a esses corpos pelas diferentes sociedades ao longo do tempo, os quais definem a ideia de corpo de maneiras variadas e influenciam seu comportamento. Como é descrito que o nosso corpo que nos permite agir, intervir e alterar o fluxo da vida cotidiana, na verdade, é impossível ter uma teoria adequada da ação humana sem levar em conta o corpo (Shilling, 2012).

A Educação Física, a partir da revisão do conceito de corpo e considerando a dimensão cultural simbólica defendida por Geertz (2019), pode ampliar seus horizontes, abandonando a ideia de área que estuda o movimento humano, o corpo físico ou o esporte na sua dimensão técnica, para vir a ser uma área que considera o ser humano eminentemente cultural, contínuo construtor de sua cultura relacionada aos aspectos corporais.(Daolio, 2018)

Visando contribuir com a delimitação deste conceito Damiani e Silva (2005) entendem práticas corporais como fenômenos que se mostram, prioritariamente, em âmbito corporal e que se constituem como manifestações culturais. Sendo essas manifestações compostas por técnicas corporais que são uma forma de linguagem, como expressão corporal, sendo também chamado de Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento.

Esse sentido de construção cultural e linguagem está ausente na expressão atividade física, que tanto etimológica como conceitualmente mostra-se reducionista em sua perspectiva (Damiani; Silva, 2005).Pode-se dizer assim que as práticas corporais, como fruto do processo de diferentes construções coletivas, permitem vivências e experiências o mais densas e significativas possíveis.

Nesse sentido, utilizaremos o termo práticas corporais enquanto prática social que, de acordo com Grandó (2009), que se ampara em Mauss (2003), manifesta sentidos e significados coletivos e específicos do grupo social que a pratica. Dessa maneira, podendo ser identificados uma variedade de técnicas corporais na criança, na mulher, no homem, em todos, a transmissão e o aprendizado de cada técnica ou gesto, seja por imitação ou por criação individual ou coletiva. Assim, entendemos que as práticas corporais se constituem por um conjunto de expressões criativas e conscientes, historicamente produzidas pelos indivíduos em seus contextos socioculturais, ao tempo em que possibilitar a comunicação e a interação de diferentes indivíduos com eles mesmos, com os outros, com o seu meio social e natural. Com efeito, tratam-se de práticas forjadas dialogicamente entre diferentes indivíduos em

contextos sociais organizados em torno de relações, sejam elas de poder, linguagem e/ou trabalho.

Shilling (2005), similarmente a Le Breton (2012), constrói uma análise da posição e do tratamento do corpo na sociologia, argumentando que, tradicionalmente, o corpo foi uma presença ausente, aparecendo de modo implícito, porém, raramente como um objeto central de estudo e pesquisa. Em suas preocupações tanto Shilling quanto Le Breton registram que os estudos no âmbito sociológico diziam respeito à estrutura e ao funcionamento da sociedade capitalista e, exatamente por centrar-se em macro conceitos, não estavam muito interessados no entendimento da corporalidade e/ou corporeidade humanas.

Nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade são mediadas pelas classes sociais e pelas culturas, que atribuem significados e valores específicos ao corpo. Le Breton (2012) destaca que o corpo é o eixo central da relação com o mundo, sendo atravessado por significados sociais e simbólicos que variam conforme o contexto. Nessa perspectiva, Pierre Bourdieu complementa ao afirmar que o corpo é a objetivação mais evidente do “gosto de classe”, refletindo as disposições e hábitos incorporados que distinguem os diferentes grupos sociais. Assim, a corporeidade se torna um campo de expressão tanto individual quanto coletivo, revelando as dinâmicas de poder e pertencimento no tecido social.

A invisibilidade histórica das mulheres amazônidas, especialmente nas comunidades ribeirinhas, é um fenômeno amplamente documentado na historiografia social. No entanto, essas mulheres, longe de serem passivas, são protagonistas de suas próprias trajetórias, apropriando-se das adversidades para tensionar normas sociais e construir caminhos de emancipação (Pereira e Silva, 2023). Essa ressignificação dos papéis femininos, através das práticas cotidianas, é um processo dinâmico que reflete a interação entre corpo, espaço e identidade.

As práticas corporais exercem um papel fundamental na construção da identidade das mulheres ribeirinhas. Elas não são apenas formas de lazer ou atividades produtivas, mas também espaços de reexistência e afirmação social. Segundo Goellner (2005), a participação feminina em atividades esportivas sempre foi vista como transgressora, questionando os limites impostos pelos papéis de gênero tradicionais. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado às práticas corporais cotidianas das mulheres ribeirinhas, que, ao se engajarem em atividades físicas e produtivas tradicionalmente dominadas pelos homens, desafiam estruturas patriarcais e

redefinem sua própria posição dentro da comunidade.

A inserção das mulheres na gestão dos recursos naturais também se apresenta como uma dimensão de protagonismo. Conforme Alencar e Sousa (2021), a participação feminina na pesca artesanal é historicamente marginalizada, sendo muitas vezes reduzida ao trabalho doméstico ou ao apoio logístico. No entanto, essas mulheres desenvolvem estratégias para neutralizar restrições impostas por normas sociais e se afirmam como agentes produtivas essenciais para a sustentação de suas comunidades. Esse fenômeno também é identificado por Palheta e Alencar (2021), que destacam como as pescadoras se organizam politicamente para reivindicar direitos e ampliar sua presença nos espaços de decisão.

A relação entre corpo, gênero e espaço é central para entender como as mulheres ribeirinhas constroem sua identidade e resistem à opressão estrutural. Stol, Alencar e Folhes (2019) apontam que a experiência dos ribeirinhos está profundamente ligada à dinâmica sazonal da paisagem. Essa relação com o ambiente influencia diretamente as formas de mobilidade, atividades produtivas e interações sociais das mulheres, conferindo a elas um conhecimento prático e uma identidade baseada na interação com o rio e a floresta. Essa construção identitária pode ser analisada à luz da teoria da performatividade de Judith Butler (2020), que argumenta que o gênero não é uma essência fixa, mas um conjunto de atos reiterados que produzem e reafirmam identidades. Dessa forma, as práticas corporais das mulheres ribeirinhas funcionam como performances de reexistência que desestabilizam normas de gênero e possibilitam novas formas de subjetividade feminina.

A liderança feminina em contextos ribeirinhos é outro elemento crucial nesse processo. Pereira e Silva (2023) ressaltam que as mulheres que assumem posições de liderança não apenas rompem com padrões de gênero, mas também inspiram novas gerações a se identificarem com suas origens e a reivindicarem espaços na esfera pública. Essa dimensão política do protagonismo feminino reforça a tese de que a prática cotidiana das mulheres ribeirinhas é uma forma de reexistência, na medida em que reconfigura relações de poder e questiona hierarquias estabelecidas.

A transformação dos papéis tradicionais também é observada na forma como as mulheres se organizam coletivamente. Segundo Maneschy, Siqueira e Alvarez (2012), as pescadoras não são apenas trabalhadoras, mas também agentes políticas que constroem identidades coletivas e reivindicam direitos historicamente negados. Essa organização política das mulheres pescadoras é parte de um processo maior de

reconhecimento de sua importância para a sustentabilidade das comunidades ribeirinhas.

Diante desse cenário, torna-se evidente que as práticas corporais das mulheres ribeirinhas transcendem a dimensão física e funcional. Elas se configuram como estratégias de reexistência, protagonismo e construção de identidades femininas em um contexto historicamente marcado por desigualdades de gênero. Ao ressignificar o espaço social e desafiar normas tradicionais, essas mulheres reafirmam sua presença na esfera pública e contribuem para a construção de uma sociedade mais igualitária.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 Definição do método e abordagem da pesquisa

Nossa pesquisa propõe a análise de um fenômeno empírico: a compreensão dos sentidos e significados das práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho, considerando a relação entre essas práticas e o espaço social em que ocorrem. O objetivo geral é compreender os sentidos e significados das práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho associadas à AMPAFOZ por meio da análise da cartografia social construída durante as oficinas realizadas no barracão da Igreja, local de encontro e organização das reuniões da AMPAFOZ, e pelo diálogo com mulheres ribeirinhas associadas à entidade.

Diante do referencial teórico adotado, destaca-se que as interlocutoras da pesquisa são mulheres ribeirinhas moradoras da Foz do Rio Mazagão Velho, cujas experiências e vivências serão fundamentais para a construção da análise. Para atingir o objetivo geral, os objetivos específicos da pesquisa incluem a identificação, na produção científica, das práticas corporais desenvolvidas em comunidades ribeirinhas, contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre a temática.

O trabalho em questão foi caracterizado como uma pesquisa de campo de orientação etnográfica, seguindo uma abordagem qualitativa e de nível descritivo, considerando a natureza de nosso objeto de estudo. A pesquisa qualitativa tem como objetivos lidar com questões subjetivas, significados, trajetórias de vida em suas complexidades sejam nas situações sociais e culturais. No campo das

ciências sociais, de acordo com Minayo (2016), este tipo de pesquisa busca responder questões muito particulares, ocupando-se com o universo dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes, particularmente, se ocupa com o mundo das relações, representações e intencionalidade, medidas que não podem ser traduzidas em números e indicadores.

Para Minayo (2016), a pesquisa social empírica e compreensiva, utiliza estratégias para obtenção ou geração de material, a partir da observação, entrevista, grupos focais, uso de material secundário, entre outros, indicando ao pesquisador/pesquisadora o uso de diferentes instrumentos de registro e ainda uma diversidade de maneiras de se tratar o material, a autora ressalta que a variedade de técnicas e referências evidencia que cada tipo de estudo, teoria ou método deve adequar-se à compreensão do objeto, que é sempre sujeito, por se tratar de pesquisa com seres humanos, sendo as informações obtidas descritas de forma detalhada a partir da compreensão do sujeito.

Este tipo de pesquisa, de acordo com Flick (2009), é de particular relevância para o estudo das relações sociais, em virtude da pluralização das esferas da vida e, ainda por buscar a dissolução de desigualdades sociais dentro da diversidade de ambientes, culturas e formas de vida, exigindo assim uma sensibilidade para o estudo empírico dessas questões, por isso, a análise dos significados subjetivos da experiência e das práticas cotidianas mostra-se essencial.

De acordo com o explicitado acima, elegemos a pesquisa de campo para nos acompanhar nessa trajetória visto que pretendemos buscar as informações diretamente com a população pesquisada, que exigirá um encontro mais direto da pesquisadora com o campo pesquisado, ou seja, iremos até o espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu para sermos capazes de reunir um conjunto de informações a serem documentadas, procurando obter informações que nos permitam responder aos problemas relacionados ao grupo ou comunidade que serão investigados relativo ao fenômeno estudado, com o objetivo de compreender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade, mediante técnicas observacionais e com a utilização da cartografia participativa.

A pesquisa foi realizada com as mulheres da Associação de Mulheres da Foz do Rio Mazagão (AMPAFOZ), possibilitando-nos compreender e aprofundar questões sociais desse grupo ou comunidade, uma vez que, a aproximação com o campo, propiciou-nos maior familiarização com o modo de vida das mulheres

ribeirinhas, seus costumes, valores e normas. Neste caso, as práticas corporais das mulheres em questão, analisando os sentidos e significados no contexto ribeirinho amazônico, objeto deste estudo.

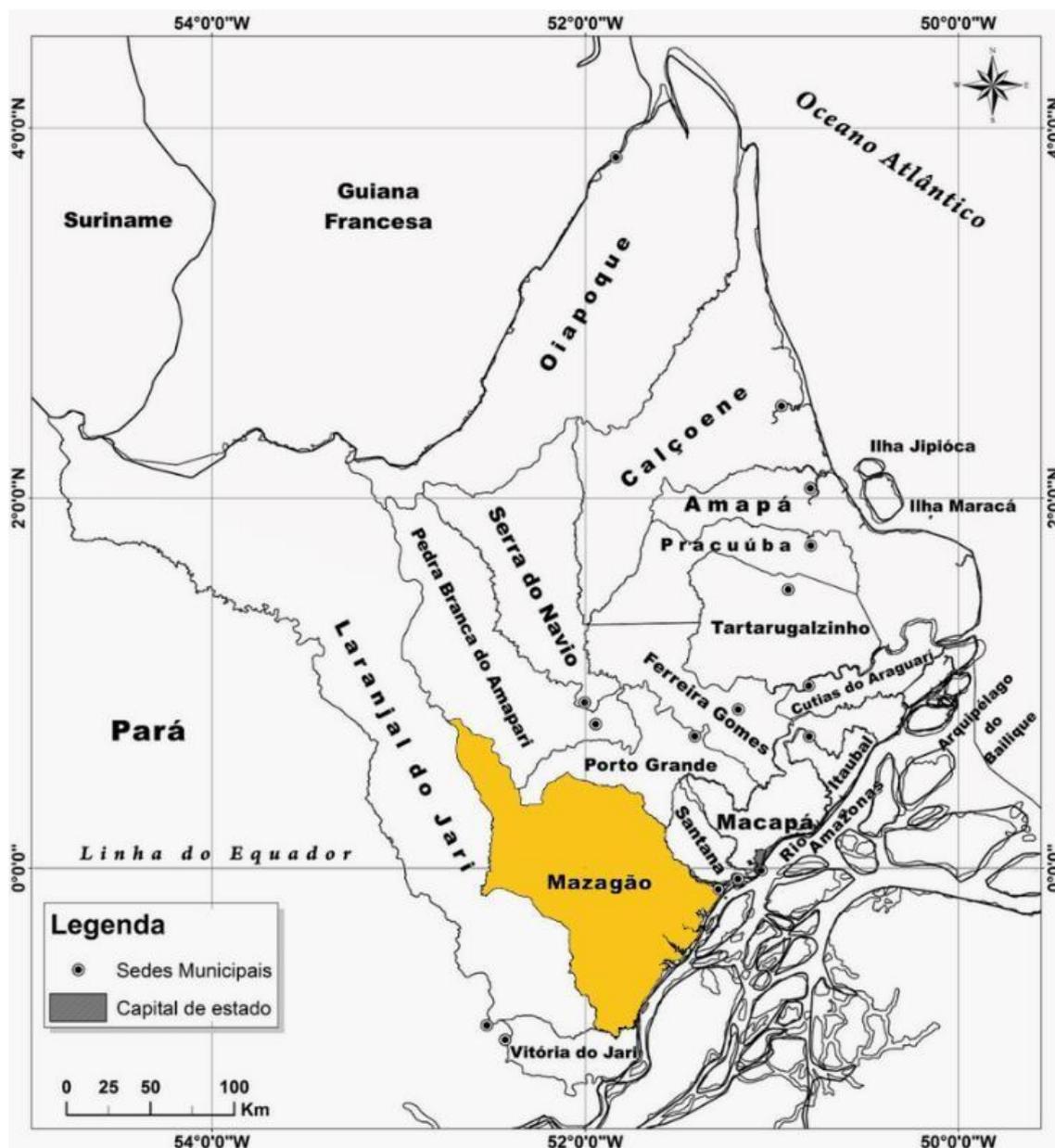
3.2 O espaço social: A Foz do Rio Mazagão Velho

Como local de pesquisa, este estudo foi realizado na comunidade ribeirinha Fozdo Rio Mazagão Velho, localizada no Distrito de Mazagão Velho, município de Mazagão, no Estado do Amapá, com mulheres integrantes da Associação de Mulheres Produtoras da Foz do Rio Mazagão Velho (AMPAFOZ).

O Amapá é um dos mais recentes estados da federação brasileira, criado em 05 de outubro de 1988. Encontra-se localizado na parte setentrional do país, no extremo norte da Amazônia. Possui uma superfície territorial de 142.470,762km², correspondente a 1,7% do espaço nacional e 3,71% da região norte. Sua população, no censo de 2021, era de 877.613 habitantes, das quais 89,8% residiam nas cidades e apenas 10,2% no campo. A sua densidade demográfica era considerada baixa, apresentando 4,69 habitantes por km² (IBGE, 2021).

Já o município de Mazagão abrange uma área territorial de 13.294,778 km², e é composta por três distritos: Mazagão Sede, Mazagão Velho e Carvão do Mazagão, contando com uma população total de 22.468 habitantes e uma densidade demográfica de 1,30 hab/km². Nesse cenário, a população rural é maior que a população urbana.

Figura 1 - Mapa do Estado do Amapá com destaque para o município de Mazagão



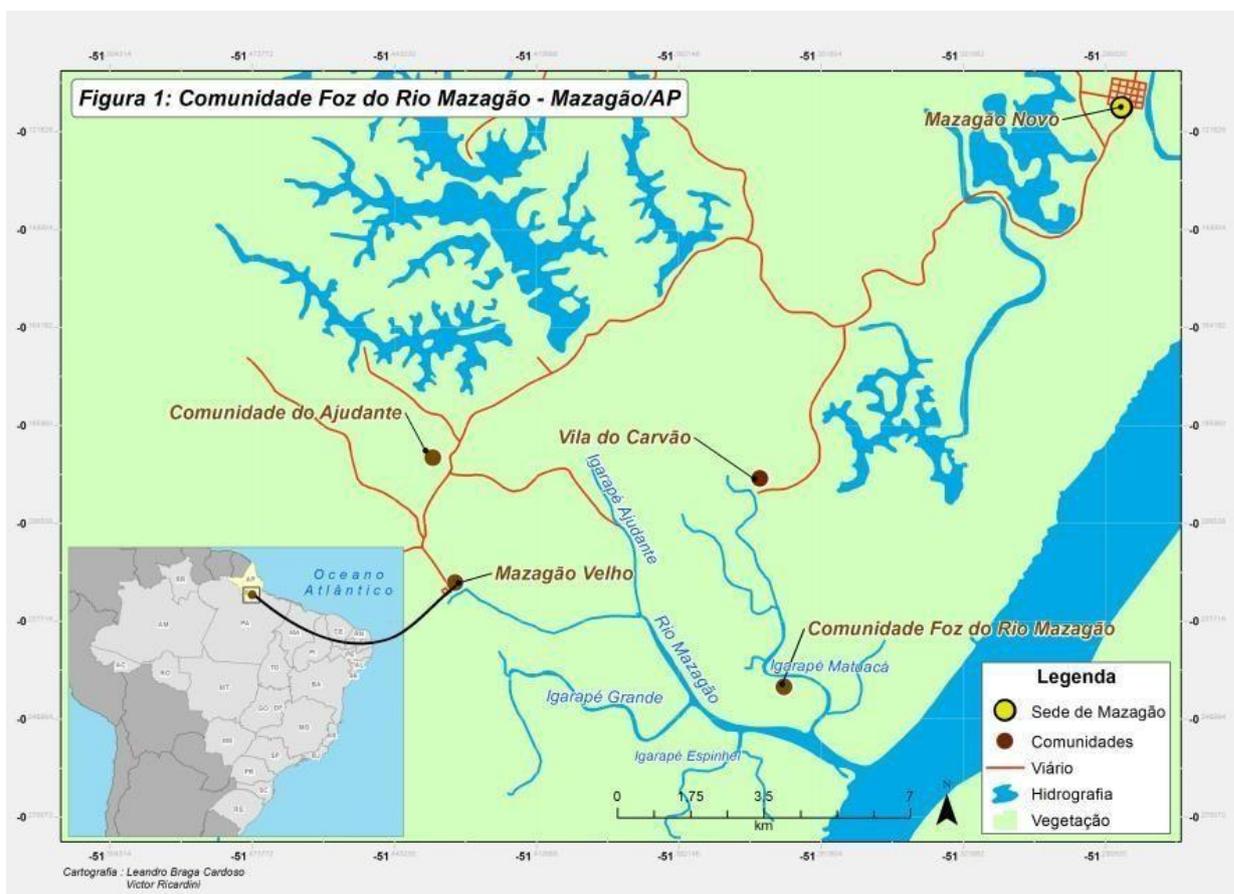
Fonte: IBGE, 2021 (adaptado pelo autor)

De acordo com informações obtidas do IBGE (2021) e Matos Filho (2016), o município de Mazagão foi instituído em 28 de novembro de 1890, por meio da Lei n° 226, sendo o segundo município a ser criado no Estado do Amapá, com terras obtidas a partir do desmembramento município de Macapá. É composto por cerca de 90% do território de Mazagão de áreas institucionais, dentre elas, assentamentos de reforma agrária vinculados ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), reservas de desenvolvimento sustentável e florestas de produção do Amapá (FLOTA) vinculadas à Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA), reservas extrativistas vinculadas ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e terras indígenas vinculadas à Fundação Nacional do

Indio (FUNAI). No município de Mazagão foram criados três assentamentos com o maior número de famílias assentadas. Essas características do tamanho devem-se ao fato de esse município ser situado em área tradicional do extrativismo da castanha-do-brasil e do açaí. Santana (2012, p. 18) assim se refere aos assentamentos agroextrativistas: “são modelos de assentamentos destinados às populações tradicionais para exploração de riquezas extrativas, por meio de atividades economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis”, nesse caso, a comunidade em questão está situada em uma área de assentamento.

A Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho está localizada no município de Mazagão, no estado do Amapá. De acordo com Lomba e Fonseca (2017) esta é composta por 150 famílias e um total de 936 habitantes, a comunidade ocupa uma área que se estende ao longo das duas margens do rio Mazagão e dos igarapés Espinhel, Mutuacá e Igarapé Grande.

Figura 2 – Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho – Mazagão/AP



Fonte: Lomba e Fonseca, 2017

Para chegar à Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho, é possível acessá-la por via terrestre através da rodovia AP-110, que se estende de Macapá até a cidade de Mazagão Novo. O percurso total é de 30,5 km e a estrada é pavimentada até a entrada do Distrito do Carvão, num trecho de 13 km que foi recentemente asfaltado. A partir desse ponto, o acesso é feito pelo Igarapé Mutuacá, um afluente do Rio Mazagão.

O acesso mais comum à Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho é por meio de transporte fluvial, navegando pelo Rio Amazonas até o Rio Mazagão. Isso ocorre porque o Rio Mazagão é um dos afluentes do Rio Amazonas e a comunidade está localizada em uma posição relativamente próxima.

De acordo com informações obtidas publicadas por Matos Filho (2016), a comunidade Foz do Rio Mazagão Velho possui 163 domicílios, sendo 52 no Rio Mazagão, 45 no Igarapé Mutuacá, 13 no Igarapé Espinhel e 53 no Igarapé Grande, onde concentram-se sete pequenos comércios, um centro comunitário, três escolas, seis igrejas e uma base da Polícia Militar.

Nos últimos anos, incentivada por alguns moradores, a comunidade se organizou e criou as associações, dentre elas, apontamos a AMPAFOZ (Associação das Mulheres Produtoras da Foz do Rio Mazagão) que têm alcançado recursos que auxiliam os ribeirinhos na produção do açaí e do camarão. Fundada no ano de 2002 por de 8 (oito) mulheres da comunidade, a AMPAFOZ foi criada com intuito de diminuir a dependência das mulheres em relação aos homens, com a venda principalmente do camarão, pois foram realizados vários cursos voltados para as associadas sobre práticas de manejo do camarão, financiados pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente.

Conforme afirma Bourdieu (2019) é necessário realmente perguntar-se quais os mecanismos responsáveis pela eternização das estruturas da divisão sexual e os princípios aos quais correspondem, por isso é necessário anular os mecanismos de neutralização da história. As mobilizações abririam às mulheres possibilidades de ações coletivas de reexistência, reformas, como no movimento realizado pelas mulheres da associação citada, já que, de acordo com o autor, as formas de organização e de ações coletivas são armas eficazes, simbólicas sobretudo, capazes de abalar as instituições que contribuem para eternizar a subordinação.

E, assim tem sido ao longo dos anos, com o propósito de aprimorar suas

condições de trabalho na pesca do camarão e assumir um papel mais significativo na comercialização de seus produtos, a fim de criar alternativas de renda mais sustentáveis, a AMPAFOZ atualmente conta com 121 mulheres que trabalham na pesca do camarão e no manejo do açaí. Além disso, essas mulheres desempenham um papel fundamental na proteção dos recursos naturais da região.

De acordo com Lima e Amaral (2009), a Associação das Mulheres Produtoras e Agroextrativistas da Foz do Rio Mazagão Velho (AMPAFOZ), no estado do Amapá, é composta principalmente por mulheres que se dedicam à pesca do camarão como atividade principal. Além disso, como atividades alternativas, essas mulheres também realizam o plantio de espécies frutíferas, com destaque para o açaizeiro, que é a principal espécie cultivada.

Neste cenário, fizeram parte do universo desta pesquisa 23 mulheres associadas à AMPAFOZ com idade igual ou superior a 18 anos, de acordo com os critérios de inclusão e que concordaram em participar do estudo após a apresentação, leitura e assinatura do Termode Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), já os critérios de exclusão, foram não ser associada à AMPAFOZ, ter idade inferior a 18 anos, e aquelas que por iniciativa própria, livre e esclarecida não assinaram ou desistiram da pesquisa, retirando o termo consentimento a qualquer tempo.

O contato inicial com a comunidade se deu a partir das suas lideranças, dentre elas a presidente da Associação de Mulheres Produtoras da Foz do Rio Mazagão Velho e ainda os moradores mais antigos da comunidade. Seguido a esse contato inicial, a pesquisadora responsável fez sua apresentação às mulheres da associação. Após essa interação inicial com o grupo, que ocorreu posteriormente à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, foram realizadas as visitas à comunidade para a obtenção de informações, que se deram por meio das oficinas de cartografia social, entrevistas e observação, de acordo com a disponibilidade das participantes da pesquisa.

Entre agosto de 2021 e junho de 2023, foram realizadas diversas visitas à comunidade Foz do Rio Mazagão Velho com o objetivo de obter informações por meio de oficinas de cartografia social, entrevistas e observação, sempre de acordo com a disponibilidade das participantes da pesquisa. As viagens iniciavam-se em Macapá, de onde partia o deslocamento terrestre até o Porto da Queimada. Ao chegar ao porto, realizava-se o trajeto fluvial em pequenas embarcações, seguindo

o curso do rio até atingir a Foz do Mazagão Velho.

No desembarque na comunidade, os visitantes eram recebidos pelos moradores locais, que se mostravam dispostos a apresentar a rotina e as dinâmicas do lugar. A estadia na comunidade envolvia tanto a convivência com as famílias como a participação em encontros que auxiliavam na aplicação das ferramentas de pesquisa (oficinas de cartografia social, entrevistas semiestruturadas e observação). Esses encontros serviam para compreender melhor os saberes tradicionais, a organização sociocultural e as atividades produtivas desenvolvidas pelas mulheres da comunidade.

Um aspecto marcante dessas visitas era a experiência de acompanhar as mulheres em suas atividades produtivas. Para isso, utilizava-se o catraio, uma pequena embarcação típica da região, que permitia a navegação em trechos mais estreitos ou de pouca profundidade. Esses deslocamentos possibilitavam registrar como, quando e onde as mulheres atuavam na pesca, na coleta de frutos, na produção artesanal e em outras ocupações ligadas ao rio e ao entorno da comunidade.

A presença da pesquisadora no período designado (agosto de 2021 a junho de 2023) favoreceu um olhar aprofundado sobre as diversas vivências que compõem o dia a dia das mulheres e das famílias locais. Assim, os registros obtidos a partir das oficinas de cartografia social, das entrevistas e da observação direta contribuíram para a compreensão das dinâmicas territoriais e culturais da comunidade Foz do Rio Mazagão Velho.

Para os fins deste estudo foram utilizadas como técnicas de obtenção de informações a cartografia social, observação direta participante com anotações no caderno de campo e entrevista semiestruturada, entendidos como recursos importantes para a compreensão da pesquisa.

3.3 Cartografando as Práticas corporais e mapeando diálogos: as técnicas de obtenção de informações

A cartografia como linguagem corresponde à organização de signos para que seja construída uma mensagem, representando o espaço social, sendo a representação cartográfica da espacialidade de um determinado fenômeno, podendo também ser classificado como uma construção social que tenta reconhecer uma ordem para retirar dela um sentido, formas manipuladas do saber cujas

imagens são carregadas de valor, de acordo com Martinelli (2011).

Segundo Almeida (2013), a Cartografia Social é descrita como um processo plural que envolve práticas de trabalho de campo e relações em diversos planos sociais, abrangendo uma multiplicidade de agentes. A partir dessa abordagem, é possível contribuir para a descrição das narrativas desses agentes e suas formas intrínsecas de percepção do tempo-espaço e dos objetos uma espécie de “confrontação contínua das experiências e das reflexões dos participantes” (Bourdieu, 2003, p. 694) que busca descrever, através de relações de entrevista e da observação direta, a vida social de grupos classificados como “tradicionais” e considerados à margem da cena política, mas que revelam consciência de suas fronteiras e dos meios de descrevê-la.

Neste trabalho construímos uma cartografia das práticas corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da AMPAFOZ que agregou o conteúdo produzido nas oficinas pelas protagonistas. As informações foram geradas nas reuniões organizadas coletivamente, neste trabalho chamadas de oficinas, e, por meio dos recursos de comunicação audiovisual, os registros dos relatos das vivências cotidianas dos sujeitos foram repassadas para o meio impresso através da transcrição que, num segundo momento, foi revisada pelas próprias participantes que, em seguida, de maneira coletiva, decidiu pela melhor formatação textual e pela adequada composição de cor e forma das suas imagens, compondo o mapa situacional.

Neste trabalho, a proposta de cartografia é para que ela evidencie os locais e os percursos das ações/ práticas corporais das mulheres entrevistadas e seus coletivos, a fim de possibilitar uma reflexão sobre os sentidos e significados das práticas corporais nesses espaços, para tanto pensamos uma cartografia para além do que pode ser mapeado nas coordenadas, com o intuito de mostrar mapas que viabilizem a visualização espacial de parte das identidades dos sujeitos, gerados a partir de suas diferenças e inteseções identitárias.

Veremos nas narrativas que as mulheres “usam” seu corpo na apropriação dos espaços e os mapas são a representação do corpo delas em ação, um coletivo de corpos, com diferentes trajetórias, que criam uma trama de relações que se apropriam do espaço.

A oficina foi dividida em 3 (três) partes que ocorreram em semanas distintas:

Na primeira oficina foi realizado um encontro com todas as participantes em que fora feita uma apresentação, explicação e esclarecimentos sobre a pesquisa, além da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em seguida houve a apresentação do mapa e, a partir de alguns questionamentos, para o mapeamento das principais práticas corporais realizadas pelas mulheres da comunidade sendo utilizada a base cartográfica da comunidade Foz do Rio Mazagão já existente, retirada do aplicativo MAPINR® com os limites definidos pela área de assentamento observando-se os rios, moradias e locais de convivência para, a partir dele, constituir, em parte, as práticas corporais das mulheres em suas diferentes expressões, privilegiando, nesse primeiro momento, o mapeamento individual e posterior debate sobre os aspectos que se aproximam e se afastam no que tange a construção corporal das mulheres, visto que é o coletivo dos corpos com diferentes trajetórias que criam a trama de relações existentes naquela comunidade.

Na segunda oficina foi realizada a confecção coletiva dos principais pontos abordados por elas e, a partir do número plural de práticas corporais e experiências que faram a composição da cartografia social, evidenciando os locais e percursos das ações das mulheres e seus coletivos e, na terceira oficina, foi apresentado o mapa social das práticas corporais construído de maneira coletiva e serão realizados debates e possíveis alterações na construção coletiva, para a finalização desta etapa.

A observação direta participante ocorreu durante a totalidade das oficinas e, para além das oficinas, nos momentos de visitas à comunidade, tendo proporcionado um conhecimento aprofundado das atividades relatadas e desenvolvidas pelas participantes, tornando-se de forma complementar as informações que ocorrem no grupo pesquisado (Gil, 2019). É importante destacar que os elementos relacionados às práticas corporais das associadas foram destacados, sobretudo, a partir da postura, dos gestos interações sociais, tornando-se os registros de imagem, som e os realizados no caderno de campo imprescindíveis para o registro das informações realizadas através da observação.

Para além dessas informações, fora realizada uma entrevista semiestruturada, através de um roteiro com perguntas abertas, permitindo uma maior interação entre a pesquisadora e as participantes. Esse tipo de entrevista, possibilitou a pesquisadora conhecer a trajetória de vida e narrativas dos sujeitos, pois, o/a entrevistado/a discorre de forma espontânea sobre o tema proposto,

ensejando responder questões a partir das perguntas feitas pelo pesquisador/a (Minayo, 2016). As informações obtidas na entrevista respondem de forma explicativa como os sujeitos sentem, pensam e acreditam (Gil, 2019). Para tanto, fez-se necessário que a pesquisadora elaborasse um roteiro com questões claras e de compreensão simples, facilitando as respostas das participantes, sendo estas elaboradas de acordo com os objetivos específicos da pesquisa e de um roteiro já estabelecido, levando em consideração aspectos sociodemográficos, como se dá a construção social do corpo das mulheres ribeirinhas nas práticas corporais cotidianas.

As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelas próprias participantes, previamente definidos, de maneira individualizada, de modo a garantir sua privacidade, conforto, respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas envolvendo seres humanos, conforme resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. A realização da obtenção de informações, não acarretou nenhum tipo de custo as participantes. Ainda assim, diante de eventuais despesas decorrentes da pesquisa, estará garantido seu direito a ressarcimento ou indenização, de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

3.4 Analisando os NÓS da rede de informações:

Para a realização da análise utilizamos como suporte o programa NVivo Release 1.7.2. Trata-se de um *software* de análise de dados qualitativa, que auxilia na organização e em etapas da análise. Por meio da apuração de informações não estruturadas ou não quantitativas, de forma sistemática, o *software* apura, conecta e constrói evidências. A escolha do *software* se deu devido seu suporte para uma melhor organização, sistematização e visualização das informações obtidas, e ainda pela possibilidade de fazer ligações com imagens, áudios, para além de outras mídias, contribuindo para que pudéssemos alcançar uma melhor visualização e encaminhamentos no que diz respeito à análise das informações obtidas.

É válido reforçar que se trata de um programa de apoio à análise de dados qualitativos. Conforme relata Teixeira (2011), o programa não substitui o/a pesquisador/a mas, força seu envolvimento com o material empírico, exigindo a organização do material em eixos temáticos ou por meio de outras formas de categorização. Desse modo, o NVivo estimula o/a pesquisador/a a pensar acerca

das informações ali expostas, potencializando os resultados, através do aumento do alcance e da profundidade da análise.

Na pesquisa qualitativa, essa é uma técnica bastante utilizada, pois ajuda na organização e ordena os dados de forma hierárquica para a realização interpretativa do texto. No caso desse trabalho, partindo-se das informações analisadas com o suporte do NVivo, enveredamos para a análise de conteúdo conforme enunciado por Bardin (2016). A análise de conteúdo versa sobre um conjunto de técnicas e procedimentos sistemáticos e objetivos, possibilitando a constatação de indicadores que permitem a inferência e aprofundamento de conhecimentos relativos às mensagens produzidas/recebidas (conteúdos).

Dentre as possíveis técnicas de análise de conteúdo, este trabalho elegeu a análise categorial, que consistiu na operação de organização dos documentos, neste caso mapa social, entrevistas e registros observacionais, em categorias, determinadas pelo objetivo pretendido desta pesquisa, organizados em três fases preceituadas por Bardin (2016): (1) pré-análise composta da organização do material e organização dos indicadores (2) exploração do material que consiste na operação de codificação, decomposição ou enumeração do material com vistas a atingir a compreensão do documento e (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação que, à luz do referencial teórico, foram trianguladas as informações obtidas para que se busque possíveis correlações.

Para as análises das informações obtidas, que se caracterizam como qualitativas, é importante que o/a pesquisador/a não avalie apenas a partir das questões propostas no roteiro, mas também analise as informações obtidas que são ocultados ou mesmo os que escapam do problema de pesquisa inicialmente investigado. Nesse escopo, contextualiza-se e relaciona-se os conteúdos que se aproximam, para que se possa compreender as expressões, a entonação, as pausas sobre os acontecimentos do cotidiano das participantes da pesquisa. Tais procedimentos permitem ao/a pesquisadora/a ir além de informações superficiais, pois o/a pesquisador/a conseguirá observar cada expressão que o/a pesquisado/a revela.

Com efeito, a análise de conteúdo nos permitiu destacar um conjunto de características particulares acerca das histórias de vida e dos cotidianos das participantes da pesquisa, sobretudo, a forma como se expressam seus corpos, gestos, olhares... Assim, acredita-se que a resposta subjetiva de representar a

realidade individual de cada participante ganha sentido/significado, já que as informações obtidas também são corporais. A triangulação de técnicas, isto é, observação, entrevista e o uso de imagens propiciou a composição de uma espécie de figura referencial de análise, cujas construções atravessam elementos textuais e corporais. Esses ditos e não-ditos revelam muito sobre as particularidades subjetivas de se contar a história, representando e dando sentido/significado à vida de cada participante e a das demais no seu contexto societal do Mazagão Velho.

3.5 Cuidados éticos:

Nesta pesquisa, todos os procedimentos seguiram os Critérios de Ética em Pesquisa com Seres Humanos estabelecidos pela Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. De acordo com o Art. 1º dessa Resolução, as pesquisas envolvendo seres humanos devem atender aos fundamentos éticos e científicos pertinentes, levando em consideração os procedimentos metodológicos e as informações obtidas das participantes, respeitando sua dignidade e autonomia e garantindo sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa das Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da UnB pela Plataforma Brasil (CAAE: 66401022.1.0000.5540), como uma das primeiras medidas para atender aos aspectos éticos, tendo sido aprovado através do parecer número 5.866.088 de 27/01/2023.

O contato com as participantes foi estabelecido somente após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade de Brasília. Em seguida, os objetivos da pesquisa, os benefícios, os riscos envolvidos e o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que contém as garantias resguardadas às participantes, foram apresentados.

As entrevistas foram realizadas após a obtenção da concordância livre e espontânea das participantes, expressa mediante a assinatura do referido Termo. As participantes foram informadas de que a entrevista pode ser interrompida e o consentimento retirado a qualquer momento, bem como da voluntariedade de participação no estudo, das garantias para as participantes e da preservação do caráter confidencial e anônimo de suas identificações.

4. ARTIGO 1 - PRÁTICAS CORPORAIS DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS COMO TEMA DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: APONTAMENTOS E DESAFIOS

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo construir, por meio de uma pesquisa bibliográfica, um mapeamento da produção científica sobre as práticas corporais de povos ribeirinhos, que abrangeu o período de vinte e três anos (2000-2023), tendo sido realizado nas bases de dados: Web of Science, Scopus, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e buscou textos e artigos que contemplassem as expressões “práticas corporais” e “comunidades ribeirinhas”. Os trabalhos foram lidos integralmente e sistematizados consoante: título, ano de publicação, revista ou instituição, palavras-chave, tipo de publicação e categoria, em seguida foram submetidos ao software NVivo Release como ferramenta para a análise de conteúdo baseada na noção de desmembramento do texto em unidades e em categorias resultando na análise temática. A busca nas bases de dados resultou em 492 publicações, incluindo artigos, teses e dissertações. A partir da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, restaram seis trabalhos. Verificamos que há um número exíguo de trabalhos e que a totalidade da produção se encontra no Brasil, especificamente nas Regiões Norte e Nordeste. Observou-se a totalidade da produção e pode-se constatar que a Região Norte do Brasil ocupa lugar de destaque nas produções devido estar localizada na Amazônia. Também salientamos um predomínio do campo da Educação Física no quantitativo da produção científica, sendo que a maior parte dos estudos se dedicou a analisar propostas relativas a Práticas Corporais de Ribeirinhos com foco na pesquisa sob a ótica social/cultural.

Palavras-chave: práticas corporais, ribeirinhos, revisão sistemática.

Abstract

The aim of this study was to map scientific production on the bodily practices of riverside communities through a bibliographic survey covering a period of twenty-three years (2000-2023). It was carried out in the following databases: Web of Science, Scopus, the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and the CAPES Catalog of Theses and Dissertations, and searched for texts and articles that included the expressions “bodily practices” and “riverside communities”. The articles were read in full and systematized according to: title, year of publication, journal or institution, keywords, type of publication and category, then submitted to NVivo Release software as a tool for content analysis based on the notion of breaking down the text into units and categories resulting in thematic analysis. The search in the databases resulted in 481 publications, plus the 537 bibliographical references present in the selected articles, totaling 1,118 works including articles, theses and dissertations. After applying the inclusion and exclusion criteria, six papers remained. We found that there are only

a small number of studies and that all of the production is in Brazil, specifically in the North and Northeast regions. We looked at the totality of production and found that the Northern Region of Brazil occupies a prominent place in productions due to its location in the Amazon. We also note that the field of Physical Education predominates in the quantity of scientific production, and that most of the studies were dedicated to analyzing proposals related to the Body Practices of Riverine People with a focus on research from a social/cultural perspective.

Keywords: bodily practices, riverside dwellers, systematic review.

4.1 Introdução

A diversidade cultural do povo brasileiro constitui-se como marca identitária. Indígenas, remanescentes de quilombos, pescadores, comunidades de ribeirinhos e outros povos ou etnias, denominados Povos e Comunidades Tradicionais, compõem o mosaico dessa tessitura. Como tal, estas populações estão definidas na Política Nacional de Desenvolvimento dos Povos e Comunidades Tradicionais (Brasil, 2007). Tratam-se de grupos culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tais e utilizam conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por meio da tradição.

Entendemos os povos ribeirinhos como populações tradicionais, isto é, sujeitos organizados, que se expressam por meio de suas identidades coletivas, pela qual se reconhecem “explicitamente a diversidade linguística, a diversidade dos conhecimentos e práticas tradicionais e das demais expressões culturais dos povos” (Almeida, 2007, p.16). Em seu conjunto, os povos ribeirinhos constituem uma parcela significativa da população rural brasileira, tratam-se de povos que vivem à margem de rios em áreas rurais do Brasil. Conquanto, apesar de apresentarem expressividade do ponto de vista quantitativo, estudos precedentes demonstram que essas populações são, ainda, invisibilizadas no que concerne à definição de políticas públicas (Almeida, 2017; Cardoso, 2014; Matos e Ferreira, 2007).

Podemos dizer que o ribeirinho é o resultado de processos de fricção interétnica (Laraia, 2002), que ocorreram ao longo do tempo e que revelam manifestações culturais expressas, cotidianamente, nas relações de atividades produtivas, nos hábitos, nas lendas (histórias contadas), e, também em suas práticas corporais. Almeida *et al* (2017) retratam que é, precisamente por meio das práticas corporais, que esses grupos constroem relações sociais com sentidos e significados

em suas experiências. O termo “práticas corporais” foi operado pela primeira vez no campo da Educação Física por Fraga (1995), sendo posteriormente adotado pela Política Nacional de Promoção à Saúde (Gonzalez; Fensterseifer, 2014).

O presente trabalho tem por objetivo construir, por meio de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão sistemática, um mapeamento da produção científica sobre as práticas corporais de povos ribeirinhos, buscando identificar como essas práticas corporais são definidas; quais são os principais resultados das pesquisas; onde se localiza esta produção científica do ponto de vista geoespacial, atentando para verificar em que regiões ou áreas as produções se reportam.

4.2 Metodologia

A pesquisa bibliográfica é determinada em razão da natureza do objetivo da pesquisa, que, nesse caso, problematizou a produção científica do campo da Educação Física acerca das práticas corporais de povos ribeirinhos, orientada através de uma revisão sistemática, conforme Higgins et al (2019). O levantamento da produção científica (artigos científicos, dissertações e teses) abrangeu o período de vinte anos, de 2000 a 2023.

De acordo com Wiggers *et al.* (2015), os trabalhos de revisão de literatura são destinados à divulgação e comunicação científica, e por essa razão estão sujeitos a critérios. Para isso, realizamos a busca nas bases de dados: Web of Science, Scopus, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, em virtude da abrangência destas. As palavras-chave combinadas com os operadores booleanos utilizados nas buscas foram ("pratica* corporal*" OR "corporal practice*" OR "body* practice*" OR dança* OR dance* OR esporte* OR sport* OR lazer* OR leisure*) AND (ribeirinho* OR pescador* OR riverine* OR riverside* OR fishermen*), de modo a buscar textos e artigos que contemplassem as expressões “práticas corporais” e “comunidades ribeirinhas”. A busca nas bases de dados resultou em 492 publicações, sendo 225 na Scopus, 256 na Web of Science, 8 na BDTD e 3 no Catálogo Digital de Teses e Dissertações da CAPES, que compuseram a amostra inicial, sendo esta amostra submetida a um processo de refinamento, através da leitura dos títulos e resumos dos trabalhos para definir quais realmente tratavam do interesse da pesquisa, considerando como critérios de inclusão

trabalhos disponíveis de forma completa, que focalizassem a temática publicados em periódicos ou repositórios, foram excluídos livros, resenhas e documentos de eventos, artigos que não tratavam da temática principal e os estudos não disponíveis para leitura completa. A partir da aplicação dos critérios mencionados, restaram oito trabalhos, que constituíram a amostra final do estudo que foi composta por oito trabalhos.

Tais artigos foram sistematizados consoante: título, ano de publicação, revista ou instituição, palavras-chave, tipo de publicação e categoria, em seguida foram submetidos ao software NVivo Release, sendo realizada a organização das fontes de informação, observando a frequência de palavras e a realização da codificação manual através da identificação dos principais temas, para que pudessemos chegar às categorias analisadas.

Para proceder com a análise de conteúdo nos baseamos em Bardin (2016), por meio da noção de operações de desmembramento do texto em unidades e em categorias, segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diversas possibilidades de categorização, escolhemos a investigação dos temas ou análise temática. A identificação das unidades e categorias encontradas foram: (i) Práticas Corporais e Sociedade; (ii) Práticas Corporais e Saúde; e, (iii) Práticas Corporais e Educação.

4.3 Resultados e Discussão

O termo “práticas corporais” é parte constituinte do campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física (Fraga, 1995; Damiani e Silva, 2005; Gonzalez, Fensterseifer, 2014). Com um sentido de pertencimento ao campo, Silva *et al.* (2009) consideram que as práticas corporais são manifestações culturais que enfocam a dimensão corporal, buscando a superação da fragmentação identificada na constituição do ser humano e que se apresentava como clássica nos estudos desse campo por meio de uma divisão entre aspectos fisiológicos, de um lado, e de outro, aspectos sociais.

4.3.1 Identificação Da Produção Científica

No que concerne às produções acadêmicas voltadas para práticas corporais entre povos ribeirinhos, entende-se que inventariá-las para fins de registro é de suma importância, já que esses povos são parte de uma construção cultural. Considerando o conceito de práticas corporais anteriormente mencionado, bem como a produção científica da área com enfoque nas práticas entre povos ou populações ribeirinhas, nos últimos 23 anos, em pesquisa realizada nas bases de dados Web of Science e Scopus, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e Catálogo Digital de Teses e Dissertações da CAPES, obtivemos o seguinte quadro:

Quadro 1 - Produção científica sobre práticas corporais de ribeirinhos, em ordem cronológica decrescente

Nº	TÍTULO	PERIÓDICO/ INSTITUIÇÃO	AUTOR (ANO)	TIPO
1	Práticas Corporais num ambiente rural amazônico	RBCE	Matos e Ferreira (2007)	Artigo
2	Práticas Sócio - Culturais, Figurações, Poder e Diferenciações em Bicó, Cuiamucú e Canela Fina - Comunidades Amazônicas	Unicamp	Matos (2008)	Tese
3	Atividade física do trabalho <i>versus</i> atividade física do lazer: a falta de informação e incentivo em populações ribeirinhas do Médio Solimões	Saúde & Transformação Social	Miranda et al. (2012)	Artigo
4	Entre rios e florestas: experiências de campo de um professor de Educação Física em ambiente amazônico	Em aberto	Matos (2013)	Artigo
5	Tecendo redes sobre a saúde dos povos tradicionais da Amazônia: um enfoque antropológico sobre a relação entre as práticas corporais e saúde de ribeirinhos	UNIFAP	Cardoso (2014)	Dissertação
6	Atividade física e fatores associados em adolescentes ribeirinhos da Amazônia	UnB	Wanzeler (2017)	Dissertação
7	Os significados das práticas corporais no tempo de lazer entre pescadores do Cumbe	RBCE	Oliveira e Almeida (2018)	Artigo
8	Infâncias ribeirinhas no contexto de brincadeiras e práticas corporais nas marés de rio na Amazônia amapaense	UFPA	Deniur (2023)	Dissertação

Fonte: Autores, 2023.

O quadro lista oito referências de trabalhos acadêmicos que abordam práticas corporais de populações ribeirinhas na Amazônia, organizados em ordem cronológica decrescente (de 2023 a 2007). Os títulos evidenciam temas como as infâncias ribeirinhas, os significados das práticas corporais no lazer, a relação entre atividade física e fatores de saúde, bem como aspectos antropológicos e socioculturais que permeiam o cotidiano de comunidades amazônicas. Entre as produções, encontram-se dissertações (itens 1, 3 e 4), artigos científicos (itens 2, 5, 6 e 8) e uma tese (item 7), publicadas em diferentes instituições e periódicos, como UFPA, RBCE, UnB, UNIFAP, Em Aberto, Saúde & Transformação Social e Unicamp. Esses estudos abarcam uma variedade de enfoques metodológicos e teóricos que refletem a complexidade das práticas corporais e os desafios enfrentados pelos ribeirinhos em seus contextos socioambientais.

Quadro 2 - Distribuição dos Artigos por Periódico e Região

Nº	INSTITUIÇÃO/ PERIÓDICO	PROGRAMA/ ÁREA	TIPO	REGIÃO	ESTADO
1	UFPA	Linguagens	Dissertação	Norte	Amapá
2	RBCE	Educação Física	Artigo	Nordeste	Ceará
3	UnB	Educação Física	Dissertação	Norte	Amapá
4	UNIFAP	Ciências da Saúde	Dissertação	Norte	Amapá
5	Em Aberto	Educação	Artigo	Norte	Amazonas
6	Saúde & Transformação Social	Ciências da Saúde	Artigo	Norte	Amazonas
7	Unicamp	Educação Física	Tese	Norte	Amazonas
8	RBCE	Educação Física	Artigo	Norte	Amazonas

Fonte: Autores, 2023

O quadro 2 apresenta oito trabalhos acadêmicos que discutem práticas corporais de populações ribeirinhas, identificados por número e classificados de acordo com a instituição ou periódico, programa ou área de conhecimento, tipo de produção (dissertação, artigo ou tese), região geográfica e estado de publicação. Observa-se que a maior parte dessas pesquisas concentra-se na Região Norte, sobretudo nos estados do Amapá (referências 1, 3 e 4) e do Amazonas (referências 5, 6, 7 e 8), enquanto apenas um estudo (referência 2) foi realizado na Região Nordeste, no estado do Ceará. Os programas de pós-graduação contemplam áreas como Linguagens, Educação Física e Ciências da Saúde, demonstrando a variedade de enfoques teóricos e metodológicos no estudo das práticas corporais ribeirinhas. Verifica-se que as produções se dividem entre dissertações, artigos e uma tese, evidenciando a relevância e a diversidade de formatos de pesquisa dedicados ao tema na academia.

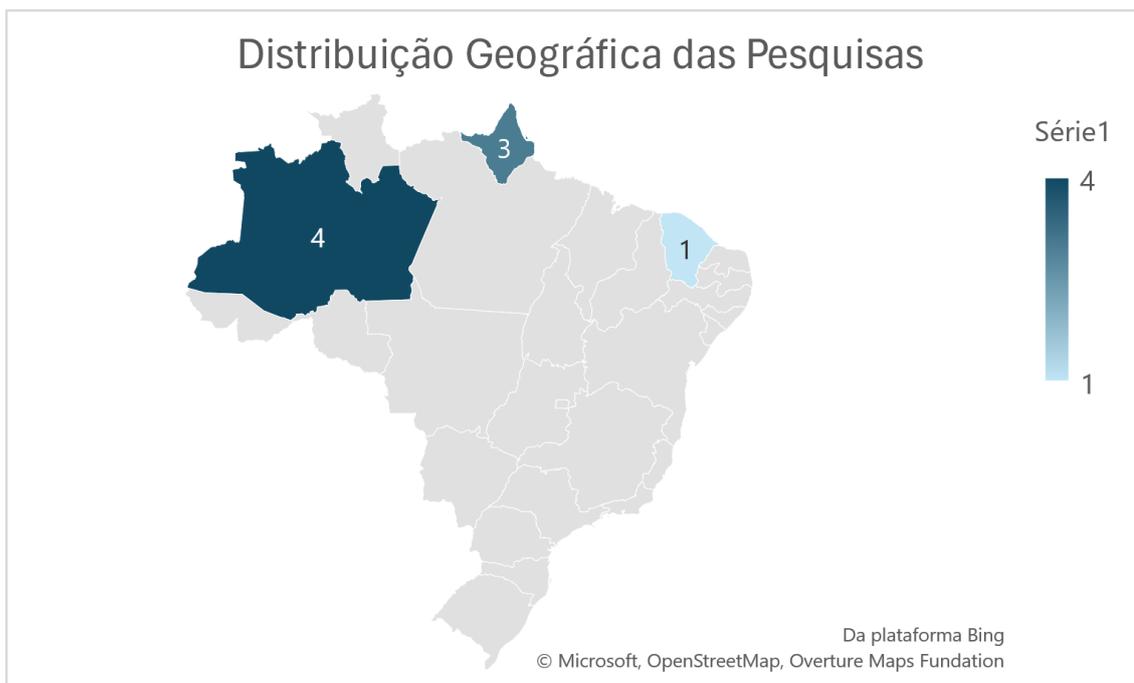
O reduzido número de estudos identificados reforça a ideia de invisibilidade, retratada por Almeida *et al.* (2017), Cardoso (2014), bem como Matos e Ferreira (2007). Sobre o aspecto quantitativo da produção científica, Bracht *et al.* (2011) problematizam o baixo número de artigos publicados na área de Educação Física, quando se trata de viés pedagógico e sociocultural. O Quadro 1 demonstra ainda que as produções se apresentam em formato de dissertações e artigos científicos, que correspondem a maior parte do total.

Do total de publicações em periódicos, duas encontram-se na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), que é um periódico da área da Educação Física, editada e mantida pela UNB e sob responsabilidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Os demais trabalhos, encontram-se um em periódicos da área da Educação (Em Aberto) e um em periódicos da área da saúde (Saúde & Transformação Social), sendo ambos oriundos de pesquisas vinculadas à Educação Física. Observa-se que o campo da Educação Física é o que mais opera com o termo, ao menos quando se trata dessa modalidade de divulgação científica. Identificamos, também, que os artigos analisados e os respectivos periódicos de onde provêm, quando utilizam o termo, fazem-no estabelecendo uma relação mais próxima com as ciências humanas e sociais. Inclusive os artigos provenientes de revistas do campo da saúde, como é o caso da Revista Saúde & Transformação Social, quando o utilizam, vinculam-no às ciências humanas e sociais em seus argumentos teóricos. Lazzarotti

et al. (2010) ressalta que no campo da Educação Física, o termo “práticas corporais” vem sendo mais utilizado e valorizado pelos pesquisadores que estabelecem relação com as ciências humanas e sociais.

Além disso, identificou-se quatro Programas de Pós-Graduação que apresentaram dissertações e teses sobre a temática, a saber: o Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA), o Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UNB, o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e o Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Campinas (Unicamp). Nota-se que os programas aos quais estão vinculadas as pesquisas são: Linguagens e Saberes na Amazônia, Ciências da Saúde e Educação Física, com temáticas que relacionam a Educação Física às Ciências Sociais, corroborando à ideia defendida por Damiani e Silva (2005) de que as práticas corporais estão vinculadas às ciências humanas e sociais e, relativo aos povos ribeirinhos, conforme ressalta Cardoso (2014), estas não podem ser estudadas sem levar em consideração o contexto cultural no qual estão inseridas.

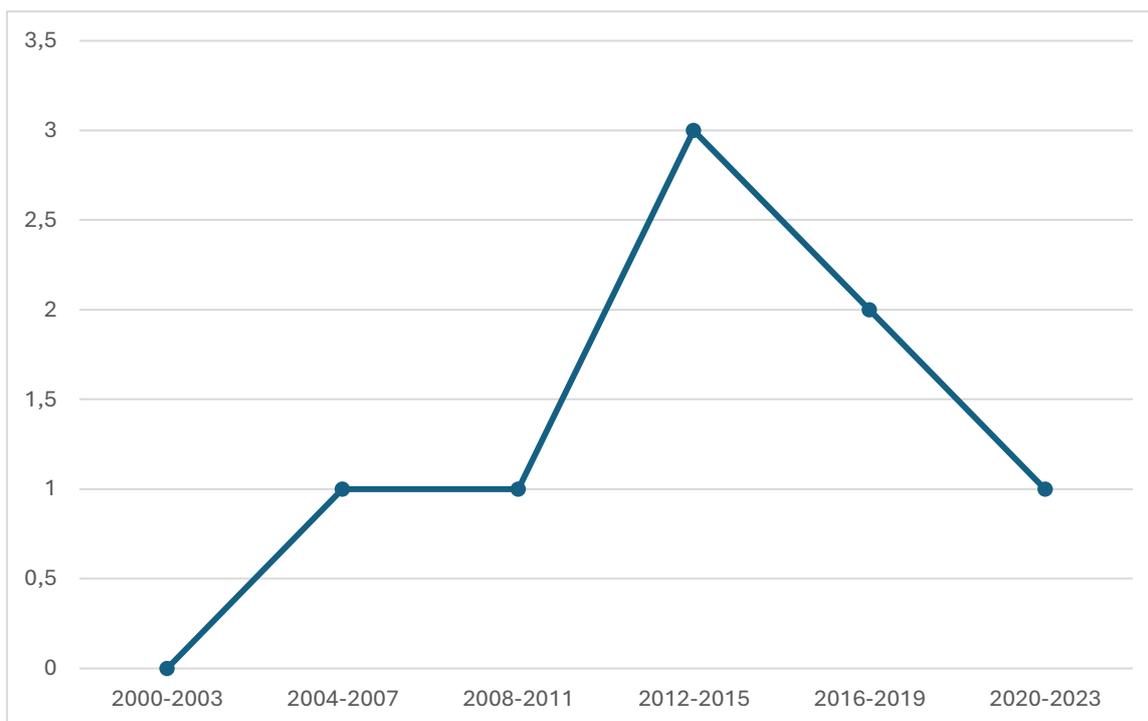
Relativo à distribuição geográfica das dissertações por Programas de Pós-Graduação no Brasil, verifica-se uma concentração dos trabalhos na região Norte do Brasil; enquanto os artigos retratam pesquisas realizadas nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil, como se vê na sequência:

Figura 3 - Distribuição Geográfica dos trabalhos por região

Fonte: Autores, 2023

Esta concentração justifica-se por dois desses estados, Amapá e Amazonas, que contam com sete dessas pesquisas, estarem situados na Amazônia que, além de ser um grande e complexo ecossistema, também pode ser considerada o espaço e o tempo de um significativo contingente populacional quando se trata de ribeirinhos, já que na região Amazônica existe uma grande parte da população nas áreas urbanas, porém parcela significativa vive em áreas rurais, onde o rio marca a paisagem (Cardoso, 2014).

Essas publicações, distribuídas entre os anos de 2000 e 2023 demonstraram um crescimento no número de produções no período analisado, sendo que a menor parte dos trabalhos encontram-se entre os anos de 2000 e 2011 e a maior parte, seis trabalhos, entre os anos de 2012 a 2023, conforme demonstrado no Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 1 - Distribuição de trabalhos por período

Fonte: Autores, 2023

Vê-se pela curva demonstrada na Gráfico 1, que há uma clara ascendência da produção científica, ainda que o número de trabalhos seja pequeno em termos proporcionais. Dentre o material analisado, as práticas corporais relacionadas a povos ribeirinhos aparecem descritas pela primeira vez por Matos no ano de 2007 e passa a ser mais utilizado a partir de 2012. Ao verificar o ano de publicação dos textos recuperados, identificamos que seis dos trabalhos situam-se no período de 2012 a 2023 e apenas dois entre 2000 a 2011, mostrando-nos que o termo vem sendo utilizado com maior frequência e ganhando relevância acadêmica com o passar dos anos.

Essas publicações, distribuídas entre os anos de 2000 e 2023 demonstraram um crescimento no número de produções no período analisado, sendo que não foram encontrados trabalhos entre os anos de 2000 a 2006, tendo a produção concentrada e crescente entre os anos de 2007 a 2019, havendo uma clara ascendência da produção científica, tendo em vista que a pandemia de Covid-19 se estendeu dos anos de 2020 a 2023 temos apenas um trabalho nesse período que fora defendido após o decreto de fim da pandemia, o que pode ser justificado pelo distanciamento social e

prejuízo às pesquisas de campo em comunidades tradicionais. Almeida *et al.* (2017) relatam que os estudos envolvendo comunidades tradicionais têm adquirido especial destaque por haver um movimento de busca pela valorização das populações tradicionais por parte dos organismos internacionais e de governos, visando à implementação de políticas públicas.

Referente às palavras-chave uma “nuvem de palavras” (Figura 4) ajuda-nos na análise:

Figura 4 - Identificação das palavras-chave



Fonte: Autores, 2023

Os termos mais recorrentes foram: Ribeirinho (3), Cultura (2), Educação Física (2), Práticas Corporais (2) e Saúde (2), sendo que alguns outros termos são utilizados como sinônimos pelos autores como população do campo e da floresta, referindo-se aos ribeirinhos, atividade física aparecendo como sinônimo de práticas corporais, entre outros, que serviu de suporte para a categorização temática. Lazzarotti *et al.* (2010) destacam essa falta de consenso em relação a alguns termos e conceitos da área da Educação Física, principalmente quando se referem aos temas ligados a área das ciências humanas e sociais, que é o caso dos trabalhos desta pesquisa. Em se

tratando de uma pesquisa de revisão sistemática, é de extrema relevância a escolha das palavras-chave já que estas influenciarão nos resultados das buscas.

Notadamente, verifica-se uma preponderância do termo Ribeirinho, que é o objeto / sujeito das pesquisas, destacando-se com um tamanho proporcionalmente maior que os demais termos. Em paralelo, os termos práticas corporais e Educação Física também ocupam centralidade. Identificando-se na sequência os termos saúde e cultura. Desse modo, infere-se que essa sopa de palavras (Figura 2) expressa, de fato, o teor dos trabalhos levantados por meio da revisão sistemática.

A dissertação intitulada "Infâncias Ribeirinhas no Contexto de Brincades e Práticas Corporais nas Marés de Rio na Amazônia Amapaense" investiga as vivências infantis na comunidade ribeirinha do Igarapé da Fortaleza, situada na região amazônica do Amapá. O estudo tem como objetivo principal analisar as discursividades das crianças durante as práticas de brincades e as manifestações corporais características das infâncias ribeirinhas, explorando o papel do ambiente das marés do rio na construção dessas experiências. A pesquisa revela que atividades como equilibrar-se em canoas, pular de pontes no rio, jogar futebol nas margens durante a vazante da maré, além de brincadeiras como queimada e "pira pega", são práticas intrinsecamente ligadas ao cotidiano das crianças e refletem um universo lúdico repleto de aprendizados e significados socioculturais. O trabalho dialoga com conceitos como os brincades, o trabalho como princípio educativo, as práticas corporais e a emancipação social, evidenciando que o brincar nas marés não apenas desenvolve habilidades motoras e sociais, mas também contribui para a formação da identidade e autonomia das infâncias ribeirinhas.

O trabalho "Os significados das práticas corporais no tempo de lazer entre pescadores do Cumbe" de Oliveira e Almeida (2018) é um artigo científico, resultado de uma pesquisa etnográfica em uma comunidade de pescadores do município de Aracati, estado do Ceará, Nordeste brasileiro. As autoras têm como objetivo compreender os sentidos e significados das práticas corporais no tempo do lazer dos pescadores no rio, relatando que o lazer é configurado como produtor de práticas corporais identitárias, dentre as quais o ritual de interação do "cumê no mato", a partir do qual concluem que se constitui de em elemento performático simbólico, bem como se trata da representação de mecanismos de reexistência, mudança e reivindicação cultural, sendo publicado na RBCE.

O trabalho identificado na sequência – “Atividade física e fatores associados em adolescentes ribeirinhos da Amazônia” – trata-se de uma Dissertação de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília, fruto de uma pesquisa realizada no Arquipélago do Bailique-AP. Wanzeler (2017) estimou a atividade física e investigou as potenciais associações com variáveis sociodemográficas e de saúde em adolescentes, tendo considerado atividade física como sinônimo de prática corporal, através de um estudo quantitativo-descritivo, no qual utilizou questionário estruturado já validado. No estudo, o autor ressalta que os adolescentes ribeirinhos tendem a ter uma maior prevalência de atividades físicas quando comparados a outros grupos, que são advindas do trabalho doméstico e do deslocamento, atentando para a necessidade de conhecer os determinantes sociais para que essas informações obtidas sejam interpretados de maneira eficaz.

“Tecendo redes sobre a saúde dos povos tradicionais da Amazônia: um enfoque antropológico sobre a relação entre as práticas corporais e saúde de ribeirinhos” trata-se de uma Dissertação de Mestrado, realizada no estado do Amapá, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amapá. Nela, Cardoso (2014) teve por objetivo compreender a relação existente entre práticas corporais e saúde, interpretando-as do ponto de vista antropológico, na Comunidade Igarapé Samaúma (Mazagão-AP). Utilizou de metodologia por ela definida como bricolagem e concluiu que as mudanças no estilo de vida, assim como nas práticas corporais, têm relação com a hibridização cultural ocorrida devido aos frequentes contatos com as áreas urbanas. A autora destaca que, nesse cenário, é necessário incentivar a valorização da cultura ribeirinha, além de promover ações relativas às práticas corporais relacionadas à saúde.

Publicado na Revista Em Aberto, o estudo “Entre rios e florestas: experiências de campo de um professor de Educação Física em ambiente amazônico”, constitui-se por uma pesquisa realizada no estado do Amazonas, ainda na Região Norte do Brasil, tendo como orientação metodológica a Etnografia e Sociologia Figuracional. Na produção, Matos (2013) objetiva fornecer conhecimentos da cultura corporal do amazônida, alicerçada no modo de vida de sua população, destacando especialmente a Educação Física. O autor expõe as manifestações corporais circunscritas ao universo das florestas e rios; ressalta que as práticas corporais caracterizadas como utilitárias merecem atenção pelos valores construídos historicamente; e, fortalece a

necessidade de se atentar para o *habitus* do amazônida, no que diz respeito às manifestações da cultura de movimento e de possíveis tensionamentos com a hegemonia das práticas esportivas.

O trabalho “Atividade física do trabalho *versus* atividade física do lazer: a falta de informação e incentivo em populações ribeirinhas do Médio Solimões”, foi produzido por Miranda *et al.* (2012), abordando as diferenças entre atividades físicas relacionadas ao trabalho e as relacionadas ao lazer de populações ribeirinhas tradicionais do Médio Solimões (AM). Utiliza o termo atividade física como sinônimo de prática corporal, objetivando identificar quais são as atividades físicas realizadas por ribeirinhos em seis comunidades locais. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa com aplicação de questionários com ribeirinhos. A principal conclusão do estudo diz respeito ao fato de apontar deficiência de estudos relacionados à prática de atividades físicas na região estudada, inferindo que se trata de fator agravante no esclarecimento dos benefícios das atividades físicas proporcionam à população. Esse trabalho foi publicado na Revista Saúde & Transformação Social.

A tese intitulada "Práticas Socioculturais, Figuração, Poder e Diferenciação em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina – Comunidades Amazônicas" examina as dinâmicas sociais e culturais de três comunidades amazônicas, com foco nas redes de interdependência, nas relações de poder e nos processos de diferenciação que permeiam suas práticas socioculturais. A pesquisa explora atividades como o extrativismo animal e vegetal, a caça, a pesca, a coleta de produtos florestais, o cultivo de mandioca, a criação de gado e o futebol como espaço de lazer. A abordagem metodológica, ancorada em procedimentos etnográficos, incluiu observação participante, entrevistas e conversas informais, permitindo uma análise detalhada das figurações sociais que estruturam essas práticas. A tese contribui para a compreensão das especificidades culturais e das relações sociais que definem o cotidiano dessas comunidades amazônicas, evidenciando como seus modos de vida refletem e reproduzem as complexas dinâmicas de poder e diferenciação no contexto regional.

Por último, o primeiro trabalho identificado, tem como título “Práticas Corporais num ambiente rural amazônico”. Trata-se de um artigo científico, publicado na RBCE, sob a autoria de Matos e Ferreira (2007). Este é o primeiro estudo realizado sobre práticas corporais de ribeirinhos publicado nas bases pesquisadas nas duas últimas décadas. Tem por objetivo estudar as práticas corporais em comunidades rurais de

Boa Vista (AM), ressaltando que as questões ambientais são temas pouco comuns na Educação Física que, por tradição, prioriza temas voltados para o ambiente urbano, sendo que nas ações dos ribeirinhos está mais ligada à sobrevivência. Os autores enfatizam que, eleger as práticas corporais ribeirinhas, como objeto de estudo da Educação Física, pode contribuir para a explicação de questões como a adaptação ao esforço físico e ao clima, mas que estas devem sempre estar atreladas às discussões sociais, culturais e ambientais.

A partir dessa identificação da produção acadêmica, podemos observar que as pesquisas realizadas no campo das práticas corporais de comunidades tradicionais de ribeirinhos objetivam analisar tais práticas, relacionando-as principalmente com a saúde e a educação, sob a ótica social e cultural. Concordando com a ideia de Silva *et al.* (2009) de que o termo prática corporal vem sendo utilizado nos mais diversos campos do conhecimento, mas que ganha propriedade no campo da Educação Física, à medida que estabelece uma relação próxima com Ciências Humanas e Sociais. Isso porque lança-se mão deste diálogo, a fim de definir o método de pesquisa. Nesse sentido, verifica-se que todas as pesquisas identificadas seguem abordagem qualitativa, delineadas como trabalhos de natureza etnográfica ou pesquisas de campo.

O estudo comprova através de informações obtidas, já demonstradas por outros pesquisadores, que as investigações sobre práticas corporais com povos ou populações ribeirinhas não fogem à regra geral, que é tomada pela invisibilização desses povos tanto em termos de políticas públicas, quanto em relação a serem considerados como objeto / sujeito de pesquisas.

4.3.2 Classificação Das Práticas Corporais Na Produção Científica

As categorias de análise foram divididas, a partir da sistematização realizada, em três classificações: Práticas Corporais e Sociedade, Práticas Corporais e Saúde e Práticas Corporais e Educação.

Na classificação “Práticas Corporais e Sociedade” encontram-se os estudos realizados com base nas representações sociais que constituem a cultura de movimento. Portanto, são pesquisas vinculadas às práticas sociais realizadas no cotidiano das comunidades ribeirinhas, com direta relação com a cultura local. Na

segunda classificação “Práticas Corporais e Saúde” estão as investigações relativas a qualquer movimento corporal, observando-se que se trata de trabalhos que visam à melhora / manutenção de níveis de saúde e qualidade de vida. Na última classificação, “Práticas Corporais e Educação”, estão os trabalhos que se vinculam às noções de práticas sistematizadas, com objetivos de educação do corpo / desenvolvimento de técnicas corporais. Apresentam, portanto, um viés pedagógico.

Nesse escopo, as práticas corporais dos povos ribeirinhos – como parte dos Povos e Comunidades Tradicionais – apresentam especificidade cultural relacionada aos seus modos de vida e a forma como se reconhecem e se identificam. Como tais, os ribeirinhos, tem contato com os mais diversos tipos de práticas corporais em sua vivência, atribuindo sentidos e significados a elas (Betti, 2005; Almeida *et al.* 2017).

4.3.2 .1 Práticas Corporais e Sociedade

A categoria mais recorrente dentre os trabalhos foi “Práticas Corporais e Sociedade” com quatro artigos/dissertações, sendo estes trabalhos relacionados a práticas realizadas durante o período de trabalho e/ou o tempo livre. A classificação "Práticas Corporais e Sociedade" agrupa estudos que analisam como as práticas corporais refletem e são moldadas pelas representações sociais e culturais de uma determinada comunidade. Essas práticas são manifestações corporais ligadas aos movimentos físicos que vão além da simples atividade motora, pois carregam significados e valores culturais profundos.

Nos estudos relacionados às comunidades ribeirinhas, por exemplo, essas práticas estão intrinsecamente conectadas ao ambiente natural e às condições de vida locais. Isso inclui atividades como a pesca, a agricultura, e até mesmo as interações cotidianas com o rio, que não apenas asseguram a sobrevivência física, mas também são símbolos da identidade cultural dessas populações. A relação entre corpo e meio ambiente nesses contextos revela como o movimento do corpo está atrelado a uma lógica própria de espaço e tempo, que difere da vivência urbana.

Além disso, essas práticas corporais não se limitam ao trabalho e sobrevivência. Elas também fazem parte do lazer, das festividades e dos rituais culturais, refletindo o modo como as comunidades organizam sua vida em torno de

atividades coletivas e tradicionais. As representações sociais associadas a essas práticas englobam também valores como solidariedade, cooperação, e preservação do conhecimento ancestral, que são transmitidos de geração em geração por meio dessas atividades.

Assim, os estudos dessa categoria não se restringem ao exame físico do movimento, mas também à análise da dimensão simbólica e social que ele assume, destacando como as práticas corporais se constituem em uma linguagem que comunica e reforça a cultura local, ao mesmo tempo em que responde às condições materiais e ambientais da comunidade. Ao compreender essas práticas, é possível também entender como a identidade ribeirinha é moldada, reafirmada e adaptada às transformações socioculturais e ambientais que afetam essas populações

Essas práticas estão ligadas a atividades relacionadas à natureza, considerando a relação ambiente (espaço físico) e tempo com base em concepção diversa do modo de vida urbano. Relação do ribeirinho com o rio é central neste enfoque. As práticas corporais de povos ribeirinhos estão intimamente ligadas ao ambiente vivenciado e à cultura local (Matos, Ferreira, 2007). E, “é essa identidade que singulariza os temas da cultura, tornando local o que é universal e garantindo a regionalidade, tendo em conta que o corpo é sede de signos sociais, em que estão inscritos as normas e valores culturais” (Soares, 2010, p.34). Grande parte dessas práticas corporais estão relacionadas às atividades produtivas, entre elas a pesca e a agricultura, que permitem suprir as necessidades básicas, sendo que o valor dessas atividades corporais está relacionado ao domínio de algumas habilidades especializadas que asseguram a sobrevivência e, em alguns casos, a da qualidade de vida.

Uma quantidade menor de práticas corporais está vinculada ao tempo do lazer nas comunidades ribeirinhas, relacionado às “obrigações” ou à falta de opções de atividades de lazer. Dentre as atividades citadas estão a conversa com amigos, idas à igreja, banho de rio, jogar futebol e ir a festas na zona urbana. Percebe-se que as práticas corporais dos povos ribeirinhos estão atreladas ao seu *habitus* (Bourdieu, 2017), consistindo em práticas regulares de seus modos de vida, que se mantêm de forma habitual (cotidianamente). Pode-se tomar como exemplo as práticas explicitadas como o “cumê no mato” (Oliveira; Almeida, 2018).

4.3.2 .2 Práticas Corporais e Saúde

A categoria “Práticas Corporais e Saúde” teve a ocorrência em dois trabalhos. Notadamente nesta perspectiva, a noção de saúde é vista de maneira mais próxima à saúde coletiva, evidenciando-se o uso do termo atividade física. A adoção do conceito de práticas corporais como sinônimo de atividade física é parte da semântica presente em muitos trabalhos do campo da Educação Física, sobretudo, àqueles voltados à fisiologia. Neste caso, a conceituação patente adotada baseia-se em Caspersen, Powell e Christensen (1985), a definição está pautada pelo movimento corporal produzido pelos músculos e ligado ao gasto energético.

Numa crítica a essa posição restritiva da saúde e à visão que reduz as práticas corporais à atividade física, Castellani Filho; Carvalho (2006), Grandó (2009) e Silva *et al.* (2009) denotam discrepâncias em torno do uso da expressão. Isso porque a expressão práticas corporais é mais ampla e se remete a um conjunto de atividades que vão além dos efeitos orgânicos ou fisiológicos.

A categoria "Práticas Corporais e Saúde" abrange investigações que se concentram em qualquer tipo de movimento corporal, com ênfase na sua relação com a melhoria e manutenção da saúde e da qualidade de vida. Essas práticas corporais podem incluir desde exercícios físicos estruturados, como atividades esportivas e exercícios de academia, até atividades cotidianas e funcionais, como caminhar, trabalhar no campo ou mesmo realizar tarefas domésticas.

Esses estudos geralmente têm como objetivo explorar a relação entre o movimento do corpo e seus impactos sobre a saúde física, mental e emocional das pessoas. Um dos focos centrais é a promoção da saúde por meio da atividade física, investigando como diferentes tipos de práticas corporais podem prevenir doenças, melhorar o bem-estar e contribuir para uma vida mais ativa e saudável. Isso inclui a análise de como essas práticas afetam fatores como a capacidade cardiorrespiratória, a força muscular, a flexibilidade, o controle do peso corporal, entre outros indicadores de saúde.

Além dos benefícios físicos, as práticas corporais também são estudadas em relação aos seus efeitos sobre a saúde mental e o bem-estar emocional. Práticas como ioga, pilates, meditação em movimento e até mesmo atividades esportivas podem reduzir o estresse, melhorar o humor e contribuir para uma melhor regulação

emocional. Nessa perspectiva, o corpo é visto não apenas como uma máquina biológica, mas também como uma entidade integralmente conectada ao estado mental e ao equilíbrio emocional dos indivíduos.

No âmbito da qualidade de vida, essas investigações analisam como a regularidade das práticas corporais pode influenciar positivamente a autonomia das pessoas, especialmente em faixas etárias mais avançadas. O fortalecimento muscular e a melhoria da coordenação motora, por exemplo, ajudam a prevenir quedas em idosos, proporcionando uma maior independência e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida.

Por fim, as práticas corporais também são investigadas no contexto de diferentes populações, com estudos voltados para grupos específicos, como crianças, adolescentes, idosos, trabalhadores, ou mesmo pessoas com doenças crônicas ou deficiências. Nessas populações, os efeitos das práticas corporais sobre a saúde podem ser ainda mais significativos, promovendo inclusão, reabilitação, ou adaptação física a partir de intervenções específicas e personalizadas.

Assim, a categoria "Práticas Corporais e Saúde" engloba uma ampla gama de pesquisas que, além de examinar os efeitos fisiológicos dos movimentos corporais, também abordam os benefícios psicossociais e a importância dessas práticas na promoção de um estilo de vida saudável e equilibrado.

Dos trabalhos apresentados relacionando às práticas corporais de ribeirinhos e à saúde é possível verificar a relação existente entre essas práticas e a qualidade de vida. A saúde dessa população é retratada com base em práticas corporais tradicionais, como remar, pescar, nadar, afazeres domésticos, caminhar. Todos estes estabelecendo uma relação direta com o cuidar de si. De acordo com os artigos, é possível observar que algumas das práticas tradicionais destas comunidades, como a "fomentação" vem sendo substituída por outras encontradas nas sociedades com características urbanas, podendo justificar essa substituição pela hibridização social como nos tratou Canclini (2019).

4.3.2 .3 Práticas Corporais e Educação

A temática Práticas Corporais e Educação, trazida em dois trabalhos, refere-se a um campo de estudos que integra a prática física ao processo educativo, destacando a importância do corpo como um instrumento fundamental na formação integral do indivíduo. Esses trabalhos buscam sistematizar práticas que vão além do simples movimento físico, englobando objetivos educativos que visam o desenvolvimento não apenas das habilidades motoras, mas também da consciência corporal, da disciplina, do trabalho em equipe e da autoconfiança.

Essas práticas podem incluir uma variedade de atividades, como dança, esportes, yoga e outras técnicas corporais, cada uma delas oferecendo oportunidades para o aprendizado de valores e competências essenciais. A abordagem pedagógica presente nessas práticas enfatiza a reflexão sobre o corpo e suas potencialidades, promovendo o entendimento de que o corpo não é apenas um objeto a ser treinado, mas um sujeito ativo no processo de aprendizado.

Além disso, o viés pedagógico implica a criação de um ambiente onde os alunos possam explorar suas capacidades físicas, desenvolver a criatividade e experimentar a expressão pessoal. O educador desempenha um papel crucial nesse contexto, pois deve ser capaz de guiar os alunos na descoberta de suas próprias habilidades e limitações, promovendo uma aprendizagem que respeite a individualidade de cada um.

Assim, ao vincular práticas corporais à educação, promovemos uma formação mais holística, que reconhece a interdependência entre mente e corpo e valoriza o desenvolvimento integral do ser humano.

Nas pesquisas em questão é possível observar que as práticas corporais relatadas estão vinculadas a técnicas que permitem aos ribeirinhos extrair da floresta e dos rios meios para a sobrevivência, que são caracterizadas como utilitárias e que merecem atenção por estarem ligadas a valores morais, éticos e educacionais. Tratam essas práticas como constituintes de uma educação do corpo, reconhecendo que elas se revestem por técnicas corporais. Na identificação dessa prática um propósito contra-hegemônico, que tensiona o campo da Educação Física. Vale salientar que Bracht (2014) já evidenciou em seus estudos a importância pedagógica do aprender com as práticas tradicionais, como forma de propiciar a criticidade acerca

das manifestações da cultura corporal. Aqui o sentido das técnicas corporais em Mauss (2017) ganha destaque, ao passo que se fala de uma educação do corpo que se processa de modo que a tradição e a eficácia da técnica se materializem.

4.4 Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo construir um mapeamento da produção científica sobre as práticas corporais de povos ribeirinhos, verificamos que há um número exíguo de trabalhos, registrando-se apenas oito que se detinham sobre práticas corporais entre povos ribeirinhos. No tocante ao formato de dissertações em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, quanto socializados como artigos científicos em periódicos. A maior parte da produção é realizada tendo como *locus* da pesquisa as Regiões Norte e Nordeste do Brasil. E geograficamente os programas de pós-graduação que mais produzem sobre o tema encontram-se nas Regiões Norte e Centro-Oeste. Observando-se toda a produção (dissertações e artigos), a Região Norte ocupa lugar de destaque. Também salientamos um predomínio do campo da Educação Física no quantitativo da produção científica. O último resultado importante evidenciado é a classificação das Práticas Corporais na Produção Científica. A maior parte dos estudos dedicou-se a analisar propostas relativas a Práticas Corporais de Ribeirinhos, com foco na classificação Práticas Corporais e Sociedade; enquanto Práticas Corporais e Saúde e Práticas Corporais e Educação, apresentam um menor número de produções vinculadas.

De modo geral, conclui-se que há a presença de uma perspectiva interdisciplinar nas pesquisas desenvolvidas, constituído pelo vínculo com as ciências humanas e sociais. Essa aproximação se dá tanto no que se reporta ao recorte teórico, quanto do ponto de vista do método e à abordagem das pesquisas. Por fim, apresentamos uma última consideração a ser feita. O estudo reforça achados de pesquisas anteriores, evidenciando que as investigações sobre práticas corporais de povos e comunidades ribeirinhas seguem um padrão recorrente de invisibilidade. Essa marginalização se reflete tanto na formulação de políticas públicas, que frequentemente desconsideram suas especificidades, quanto na produção acadêmica, onde esses grupos ainda são pouco reconhecidos como protagonistas e fontes legítimas de conhecimento.

Além disso, constatamos uma lacuna significativa na produção científica no que tange às práticas corporais de mulheres ribeirinhas. Os trabalhos analisados não contemplam de forma específica essa temática, evidenciando a necessidade de pesquisas que deem visibilidade às experiências e significados atribuídos por essas mulheres às suas práticas corporais.

5. ARTIGO 2 - CARTOGRAFIA SOCIAL DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE MULHERES RIBEIRINHAS DA FOZ DO RIO MAZAGÃO VELHO (AMAPÁ)

Resumo

Este estudo objetivou mapear e descrever as práticas corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da comunidade Foz do Rio Mazagão Velho, vinculadas à AMPAFOZ, buscando compreender como elas constroem suas identidades e modos de vida. A metodologia adotada foi a cartografia social, uma abordagem participativa que envolveu oficinas em campo para coleta de dados e construção coletiva de mapas, registrando os percursos, locais e atividades realizadas. Os resultados evidenciaram que o extrativismo do açaí, a pesca de camarão com uso de matapis e a pesca de peixes com malhadeira se destacam como práticas produtivas centrais, demandando técnicas corporais específicas e conhecimento do ambiente natural. Além disso, outras atividades, como a coleta de murumuru, o cultivo em terrenos próximos às residências e práticas de lazer, corroboram o papel relevante das mulheres na manutenção das tradições e na articulação econômica familiar. Tais práticas, profundamente enraizadas na territorialidade ribeirinha, refletem a resiliência, o senso de colaboração comunitária e os saberes transmitidos de geração em geração, constituindo parte essencial da identidade coletiva local. Conclui-se que a valorização e a visibilidade dessas práticas corporais são fundamentais para o reconhecimento da importância sociocultural das mulheres ribeirinhas, reforçando a necessidade de ações que promovam sua autonomia e assegurem a preservação de seus modos de vida tradicionais.

Palavras-chave: Práticas corporais; Cartografia Social; Ribeirinho;

Abstract

The aim of this study was to map and describe the bodily practices most present in the daily lives of women from the Foz do Rio Mazagão Velho community, linked to AMPAFOZ, in an attempt to understand how they construct their identities and ways of life. The methodology adopted was social cartography, a participatory approach that involved workshops in the field to collect data and collectively build maps, recording the routes, places and activities carried out. The results showed that the extraction of açaí, shrimp fishing using matapis and fish fishing with a malhadeira stand out as central productive practices, requiring specific body techniques and knowledge of the natural environment. In addition, other activities, such as the collection of murumuru, cultivation on land close to homes and leisure practices, corroborate the important role of women in maintaining traditions and family economic ties. These practices, deeply rooted in the riverside territoriality, reflect resilience, a sense of community collaboration and knowledge passed down from generation to generation, forming an essential part of the local collective identity. The conclusion is that the appreciation and visibility of these bodily practices are fundamental for recognizing the socio-cultural importance of riverine women, reinforcing the need for actions that promote their autonomy and ensure the preservation of their traditional ways of life.

Key words: Bodily practices; social cartography; Riverside;

5.1 Desatracando o barco

Os povos e comunidades tradicionais, dentre eles os ribeirinhos da Amazônia, são compreendidos como coletivos organizados, que se expressam por meio de suas identidades coletivas, reproduzidas em seus modos de vida. Marcados pela territorialidade, as relações existentes são imbricadas em suas culturas e, por isso, faz-se necessária a vinculação dos estudos que envolvem as culturas tradicionais às práticas vivenciadas cotidianamente, dentre elas, as práticas corporais.

Segundo Almeida (2013), territorialidade, entendida como o conjunto de práticas, relações sociais e simbolismos que vinculam os indivíduos a um espaço geográfico específico, funciona como fator de identificação, defesa e força. Ela estabelece laços solidários e de ajuda mútua que sustentam um conjunto de regras firmadas sobre um espaço social comum, essencial e inalienável, independentemente de eventuais disposições sucessórias existentes. Nesse contexto, a noção de "tradicional" não se restringe apenas à história, mas incorpora as identidades coletivas redefinidas situacionalmente em uma mobilização contínua, indicando que as unidades sociais envolvidas podem ser interpretadas como unidades de mobilização.

Assim como a territorialidade confere identidade e coesão a um grupo por meio da relação com um espaço físico e simbólico comum, o espaço social enfatiza como as posições dos agentes dentro da estrutura social influenciam suas práticas, percepções e interações (Bourdieu, 2011). Ambos os conceitos ressaltam a importância das relações sociais e dos contextos compartilhados na formação das identidades coletivas e nas mobilizações sociais. O conceito de espaço social, conforme elaborado por Pierre Bourdieu, pode ser entendido como uma estrutura de posições sociais que organizam as práticas e representações dos agentes sociais. Este espaço social é configurado por meio de uma combinação de habitus e diferentes formas de capital, dentre eles o econômico, cultural, social e simbólico. Conforme o autor, as práticas corporais são manifestações do habitus, orientando as ações e percepções dos indivíduos. O corpo é visto como um lugar de senso prático, onde as disposições adquiridas socialmente se manifestam, sendo também um investimento de poder e dominação.

Nesse contexto, compreender as práticas corporais dessas comunidades torna-se essencial para captar como constroem suas representações de mundo e enfrentam as imprevisibilidades que afetam seus modos de vida. Harris (2000) e Alencar (2002) destacam a importância de considerar as características dos

ambientes e os modos de habitar e agir nas e com as paisagens para entender esse processo. Uma característica essencial dos habitantes que vivem às margens dos rios é sua flexibilidade e resiliência. Conforme ressalta Harris (2019), esses habitantes são modernos na renovação do passado no presente, enfrentando as imprevisibilidades alheias. Esse modo de ser no tempo, incluindo as relações de parentesco, compõe o sistema adaptativo humano mais importante encontrado na região, que suportou com sucesso tanto as condições ambientais severas quanto as históricas desfavoráveis que determinaram sua organização social.

Damiani e Silva (2005, p.24) apresenta uma relação das práticas corporais:

Compreendemos, também, que as práticas corporais, como fruto do processo de diferentes construções coletivas e como potencialidade individual, devem permitir vivências e experiências o mais densas e significativas possível. Devem ser intensas no tempo-espço em que acontecem, nos constituindo como sujeitos por permitirem, também, o reconhecimento do semelhante e do diferente, a construção do sentimento de alteridade que tanto nos é necessário. A questão que se coloca, portanto, não é a indução por um estilo de vida, de modo algo pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência.

Visando contribuir com a delimitação deste conceito Damiani e Silva (2005) entendem práticas corporais como fenômenos que se mostram, prioritariamente, em âmbito corporal e que se constituem como manifestações culturais. Sendo essas manifestações compostas por técnicas corporais que são uma forma de linguagem, como expressão corporal, sendo também chamado de Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento.

Almeida et al (2017) destacam a importância das práticas corporais como um elemento essencial da cultura de cada grupo social. Eles afirmam que essas práticas são fundamentais para a construção de relações sociais que expressam os sentidos e significados compartilhados pelas consciências coletivas. Segundo os autores, é através das práticas corporais que os grupos sociais mantêm e renovam suas identidades, criando laços que refletem a sua história e as particularidades de seu modo de vida. Além disso, essas práticas não apenas reforçam a coesão dentro do grupo, mas também são uma forma de reexistência cultural, preservando tradições e adaptando-se às mudanças externas. Portanto, compreender as práticas corporais nos contextos socioculturais específicos é essencial para capturar como os grupos se relacionam com o seu ambiente e com a sociedade em geral.

Por se tratarem de construções socioculturais, as práticas corporais, relacionando com os escritos de Bourdieu (2017), dependem das vivências de cada

grupo e sua práxis, que podem ser observadas por meio das expressões, linguísticas ou corporais presentes no cotidiano, através das quais identificam-se ou diferenciam-se de outras., abordando como as práticas corporais são manifestações do habitus, partindo de um conceito de corpo é multifacetado e está intimamente ligado a outros conceitos centrais de sua teoria, que o leva a ver o corpo como um lugar de senso prático, onde as disposições duradouras adquiridas socialmente se manifestam. Ele também considera o corpo como um investimento de poder e dominação, onde as propriedades corporais podem ser vistas como uma forma de capital simbólico que pode ser utilizada para obter vantagens sociais.

Elegemos como foco o corpo e suas relações sociais cotidianas, nesse trabalho, denominadas de práticas corporais, e alguns de seus elementos, dentre eles, a relação com o território que os cerca. Essa relação torna possível a vida humana, e se mostra inscrita no corpo tal como na paisagem, constituindo parte intrínseca do que chamamos de identidade.

Para compreender a relação entre práticas corporais e populações tradicionais, faz-se necessário um olhar atento às práticas sociais que essas comunidades protagonizam, pois elas são responsáveis pela manutenção de seus modos de vida que legitimam suas lutas por direitos e reconhecimento de suas identidades (Castro, Oliveira, 2016). Grando (2009), que as técnicas corporais fazem parte do que denominamos como prática social e nela nos reconhecemos, além de reconhecermos o outro, por isso, é fundamental compreender os elementos intrínsecos das coletividades tradicionais, assim como aqueles que dizem respeito às práticas corporais.

A relevância deste estudo reside na valorização das práticas corporais como componentes essenciais da cultura e identidade das comunidades ribeirinhas. Ao explorar as práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, busca-se evidenciar como elas mantêm e renovam seus modos de vida, fortalecendo suas lutas por direitos e reconhecimento. Conforme destacam Castro e Oliveira (2016), é fundamental compreender as práticas sociais protagonizadas por essas populações, responsáveis pela manutenção de seus modos de vida e pela legitimação de suas identidades.

Este artigo tem por objetivo mapear e descrever as práticas corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da comunidade Foz do Rio Mazagão Velho associadas à AMPAFOZ a partir da cartografia social utilizando o mapeamento

como uma ferramenta participativa para representar as realidades sociais, culturais, e políticas de grupos que tradicionalmente têm sido marginalizados ou sub-representados em mapas convencionais. Essa prática se concentra em dar voz às comunidades locais e em refletir suas perspectivas e conhecimentos sobre os territórios que ocupam, envolvendo ativamente as comunidades no processo de mapeamento. Em vez de serem meros objetos de estudo, os membros das comunidades são agentes ativos na criação dos mapas, garantindo que suas perspectivas e conhecimentos sejam representados. tornar visíveis as realidades de grupos marginalizados, como povos indígenas, quilombolas, comunidades rurais, e populações tradicionais. Esses mapas procuram capturar aspectos culturais, históricos, e sociais que muitas vezes são ignorados ou distorcidos em cartografias convencionais, eles valorizam a pluralidade de saberes e conhecimentos locais. Reconhecendo que o conhecimento territorial das comunidades é tão válido quanto os dados técnicos e científicos, e busca integrá-los em representações que reflitam a complexidade e a riqueza das relações sociais com o território.

Assim, este trabalho busca responder à seguinte questão: quais são as práticas corporais que fazem parte do cotidiano das mulheres da AMPAFOZ na construção social de seus modos de vida? Ao mapear e descrever essas práticas, pretende-se não apenas documentar essas manifestações culturais, mas também promover o reconhecimento e a valorização da identidade dessas mulheres, fortalecendo sua representatividade e contribuindo para a preservação de seu rico patrimônio sociocultural.

Em suma, a investigação das práticas corporais das mulheres ribeirinhas da comunidade Foz do Rio Mazagão Velho permite uma compreensão mais profunda de como essas práticas estão intimamente relacionadas à identidade coletiva, à territorialidade e à manutenção dos modos de vida tradicionais. Ao valorizar e dar visibilidade a essas práticas, o estudo contribui para o reconhecimento da importância das comunidades tradicionais na construção da diversidade cultural e social da região amazônica. Espera-se que os resultados desta pesquisa possam subsidiar ações que promovam o fortalecimento das comunidades ribeirinhas e a preservação de seus modos de vida, bem como ampliar o debate acadêmico sobre a relevância das práticas corporais na construção das identidades coletivas.

5.2 Atravessando o rio

O contato inicial com a comunidade se deu a partir de sua liderança, a presidente da AMPAFOZ, seguido a esse contato, a pesquisadora fez sua apresentação e da pesquisadora a assinatura do Termo de Concordância, consentindo a participação das mulheres associadas à AMPAFOZ.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa de campo para a construção de uma cartografia social das práticas corporais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da AMPAFOZ, para que evidencie os locais e os percursos das ações, registradas como práticas corporais, gerados a partir de suas diferenças e inteseções identitárias.

Almeida (2013) descreve que a cartografia social é um processo plural que envolve práticas de trabalho de campo e relações em diversos planos sociais em que é possível contribuir para a descrição das narrativas e suas formas intrínsecas de percepção do tempo-espaço. Veremos nas narrativas que as mulheres usam seu corpo na apropriação dos espaços e os mapas são a representação do corpo delas em ação, um coletivo de corpos, com diferentes trajetórias, que criam uma trama de relações.

Para os fins deste estudo, foram utilizadas como técnica de obtenção de informações a construção cartografia social que, como linguagem, correspondeu à organização de signos para que fosse construída uma mensagem, representando o espaço social, sendo a representação cartográfica da espacialidade de um determinado fenômeno, podendo também ser classificada como uma construção social que tentou reconhecer uma ordem para retirar dela um sentido, formas manipuladas do saber cujas imagens foram carregadas de valor, de acordo com Martinelli (2011).

Foi possível contribuir para a descrição das narrativas desses agentes e suas formas de percepção do tempo-espaço e dos objetos, uma espécie de “confrontação contínua das experiências e das reflexões dos participantes” (Bourdieu, 2003, p. 694), que buscou descrever a vida social de grupos classificados como “tradicionais” e considerados à margem da cena política, mas que revelaram consciência de suas fronteiras e dos meios de descrevê-la.

As informações foram geradas nas reuniões organizadas coletivamente, neste trabalho chamadas de oficinas, e, por meio dos recursos de comunicação audiovisual, os registros dos relatos das vivências cotidianas dos sujeitos foram repassados para

o meio impresso através da transcrição que, num segundo momento, foi revisada pelas próprias participantes, que, em seguida, de maneira coletiva, decidiram pela melhor formatação textual e pela adequada composição de cor e forma de suas imagens, compondo o mapa situacional.

A oficina foi dividida em 3 (três) partes que ocorreram em semanas distintas: na primeira oficina, foi realizado um encontro com todas as participantes, em que foi feita uma apresentação, explicação e esclarecimentos sobre a pesquisa, além da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em que constam as garantias resguardadas as participantes, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE: 66401022.1.0000.5540, além disso, houve a apresentação do mapa e, a partir de alguns questionamentos, o mapeamento das principais práticas corporais realizadas pelas mulheres da comunidade, foi utilizada a base cartográfica da comunidade Foz do Rio Mazagão já existente, retirada do aplicativo MAPINR® com os limites definidos pela área de assentamento, observando-se os rios, moradias e locais de convivência para, a partir dele, constituir, em parte, as práticas corporais das mulheres em suas diferentes expressões, privilegiando, nesse primeiro momento, o mapeamento individual e posterior debate sobre os aspectos que se aproximaram e se afastaram no que tange à construção corporal das mulheres, visto que foi o coletivo dos corpos com diferentes trajetórias que criou a trama de relações existentes naquela comunidade.

Na segunda oficina, foi realizada a confecção coletiva dos principais pontos abordados por elas e, a partir do número plural de práticas corporais e experiências, fez-se a composição da cartografia social, evidenciando os locais e percursos das ações das mulheres e seus coletivos. Na terceira oficina, foi apresentado o mapa social das práticas corporais, construído de maneira coletiva, e foram realizados debates e possíveis alterações na construção coletiva para a finalização desta etapa.

6.3 Cartografia Social das práticas corporais de mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho

A minha vida inteira é aqui na Foz, sou nascida e criada aqui. Minha família toda é da Foz, fizemos nossa história aqui. Tenho orgulho de ser ribeirinho, o ribeirinho, ele é um povo um pouco ignorado pela sociedade, um exemplo, a sociedade que eu digo, por exemplo, a cidade tem a visão de que o povo ribeirinho é um povo “caboco”, um povo indígena, quando, na verdade, é uma opção de vida, né? Eles estão ali. Quando eu digo que eles são ignorados, não reconhecido,

por exemplo, se não existisse o povo ribeirinho não teria alimentação na mesa do povo da cidade. É o povo ribeirinho que joga a farinha, que joga o açaí, que joga o peixe, pra mesa de quem tá lá dentro da cidade. O povo ribeirinho é uma realidade totalmente diferente, o acesso é através do rio, é assim que somos nós. (Interlocutora 10)

A Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho está localizada no município de Mazagão (AP), conforme Lomba e Fonseca (2017), é composta por 150 famílias e um total de 936 habitantes, em uma área que está situada na confluência entre o Rio Amazonas e o Rio Mazagão, um de seus afluentes, localizando-se relativamente próxima ao curso principal do Amazonas. A totalidade dos moradores dessa comunidade habita as margens dos rios e igarapés que a compõem, destacando-se o Rio Mazagão e seus afluentes, como o Igarapé Mutuacá, Espinhel e Igarapé Grande. Nesse cenário singular, marcado pela presença constante dos rios, igarapés e áreas de várzea, ocorre a organização da vida cotidiana dessa comunidade ribeirinha, dentre estes moradores, estão as mulheres ribeirinhas associadas à AMPAFOZ, nesta pesquisa, representadas por 23 mulheres.

Fundada em 2002, a AMPAFOZ é uma associação de mulheres focada na melhoria das condições socioeconômicas das famílias ribeirinhas de sua comunidade, a Foz do Rio Mazagão Velho. A organização trabalha principalmente para criar oportunidades produtivas na comunidade e resolver a falta de serviços como energia, água, saneamento básico e educação, especialmente para as mulheres.

Quadro 3 – Caracterização das mulheres participantes da pesquisa

Identificação	Local de residência	Tempo de residência (anos)	Escolaridade	Práticas Corporais
Interlocutora 1	Rio Amazonas	10	nunca estudou	Pesca de peixe Pesca de camarão Extrativismo do açaí Extrativismo Banho de rio
Interlocutora 2	Rio Mazagão	13	ensino superior	Pesca de camarão Venda de açaí Vendas autônomas Extrativismo Academia
Interlocutora 3	Espinhel	53	ensino fundamental	Extrativismo de açaí Extrativismo de murumuru

				Pesca de camarão Pesca de peixe Futebol
Interlocutora 4	Espinhel	35	ensino médio	Extrativismo Pesca do camarão Extrativismo de Murumuru Pesca de peixe Extrativismo de Açaí
Interlocutora 5	Mutuacá	2	ensino fundamental	Extrativismo de açaí
Interlocutora 6	Rio Mazagão	10	ensino superior	Pesca de camarão Extrativismo de açaí Extrativismo
Interlocutora 7	Igarapé Grande	33	ensino fundamental	Extrativismo Caminhada
Interlocutora 8	Igarapé Grande	25	ensino médio	Serviços gerais na escola Pesca do camarão Extrativismo de açaí Vendas
Interlocutora 9	Igarapé Grande	21	ensino superior	venda de cosméticos, lanches e roupas
Interlocutora 10	Igarapé Grande	49	ensino fundamental	Pesca de peixe Extrativismo
Interlocutora 11	Espinhel	36	ensino fundamental	Extrativismo do açaí Pesca do camarão Extrativismo Extrativismo do Murumuru
Interlocutora 12	Mutuacá	12	ensino fundamental	Extrativismo do açaí Pesca do camarão Extrativismo
Interlocutora 13	Igarapé Grande	12	ensino fundamental	Extrativismo
Interlocutora 14	Mutuacá	20	nunca estudou	Pesca do camarão Extrativismo de açaí
Interlocutora 15	Mutuacá	12	nunca estudou	Extrativismo do açaí Pesca do camarão Extrativismo
Interlocutora 16	Igarapé Grande	26	ensino fundamental	Pesca de camarão
Interlocutora 17	Rio Mazagão	25	ensino superior	Extrativismo de açaí Serviços gerais
Interlocutora 18	Rio Mazagão	38	ensino fundamental	Extrativismo do açaí Pesca do camarão Extrativismo de sementes Futebol
Interlocutora 19	Rio Mazagão	23	ensino médio	Extrativismo de açaí Pesca do camarão

				Extrativismo de banana, cupuaçu e taperebá
Interlocutora 20	Rio Mazagão	mais de 20	ensino fundamental	Extrativismo do açaí Pesca do camarão Serviços gerais
Interlocutora 21	Rio Mazagão	24	ensino médio	Pesca do camarão Extrativismo do açaí Pesca de peixe
Interlocutora 22	Rio Mazagão	32	ensino médio	Extrativismo do açaí Pesca do camarão Pesca de peixe Comércio Academia
Interlocutora 23	Espinhel	33	ensino fundamental	Extrativismo de açaí Pesca de camarão Extrativismo Pesca de peixe

Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Conforme expresso no quadro 1, as participantes deste estudo são mulheres ribeirinhas, associadas à AMPAFOZ, que residem na comunidade de 2 a 53 anos, sendo que 16 delas (mais de 50%) vivem há mais de 20 anos no local. Quanto à escolaridade, 3 nunca estudaram, 11 concluíram até o ensino fundamental, 5 até o ensino médio e 4 chegaram ao ensino superior. As localidades de residência inclu: Rio Amazonas com 1 participante (4,34%), Rio Mazagão com 8 participantes (34,78%), Espinhel com 4 participantes (17,39%), Mutuacá com 4 participantes (17,39%) e Igarapé Grande com 6 participantes (26,08%).

As principais práticas corporais relatadas pelas mulheres foram o extrativismo do açaí, a pesca de camarão, a pesca de peixe e o extrativismo, além de atividades que envolvem o empreendedorismo, os cuidados com a saúde e o lazer, conforme observado na nuvem de palavras que relaciona as práticas corporais relatadas pelas mulheres:

Figura 6 – Nuvem de palavras das práticas corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho



Fonte: Autores, 2023

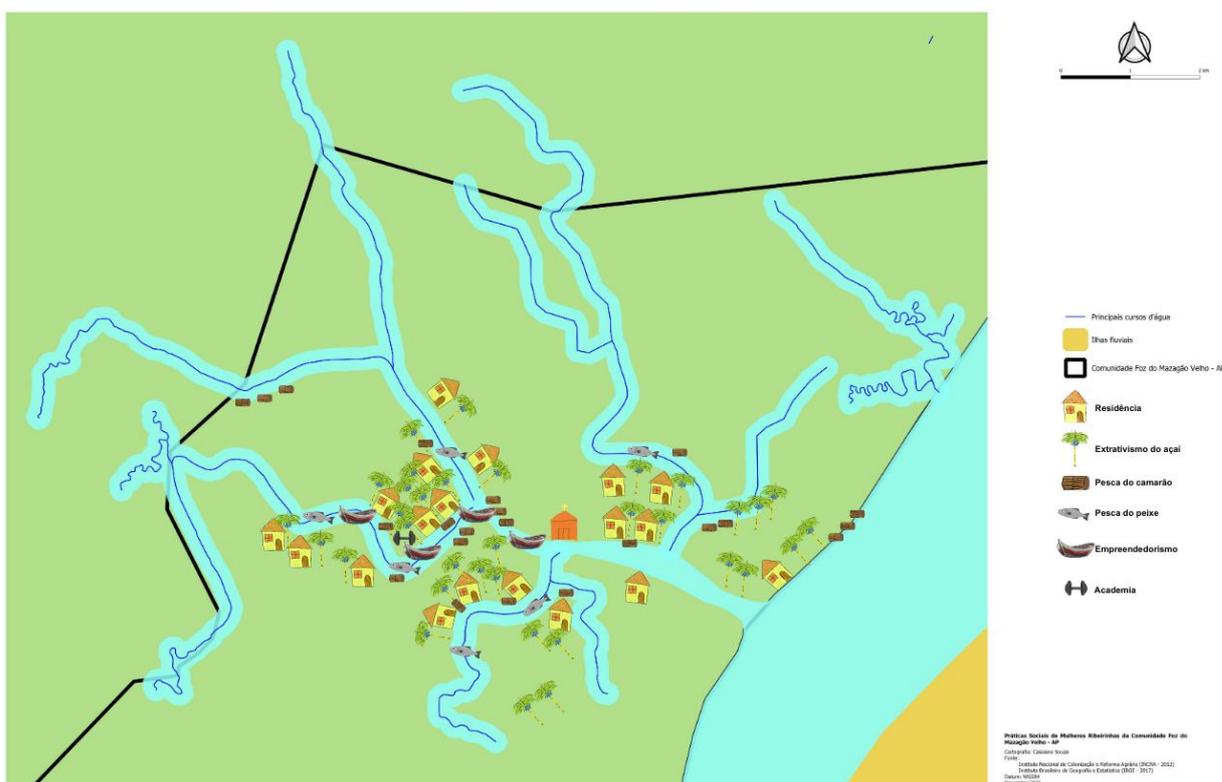
A imagem é composta por uma nuvem de palavras, destaca atividades relacionadas ao extrativismo e à pesca como práticas econômicas e culturais fundamentais, refletindo o cotidiano das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho. Termos como "extrativismo", "pesca", "açai" e "camarão" indicam atividades que demandam habilidades específicas, geralmente desempenhadas no contexto da interação com o ambiente natural. Essas práticas corporais estão diretamente associadas as atividades produtivas dessas mulheres e possuem relação direta com o trabalho desempenhado pela AMPAFOZ através de atividades que envolvem não somente as associadas como também o coletivo como um todo. Tais atividades não apenas sustentam suas famílias, mas também reafirmam seus conhecimentos tradicionais e sua relação íntima com a natureza, sendo expressões de atividades produtivas, cultura e reexistência no cotidiano ribeirinho.

A realidade vivenciada pelas mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, evidenciada pelas práticas corporais relacionadas ao extrativismo e à pesca, está profundamente conectada ao contexto amazônico mais amplo. Essa região, marcada pela sua diversidade cultural e riqueza de saberes, reflete o modo como os povos da Amazônia, incluindo os ribeirinhos, adaptam e preservam tradições enquanto enfrentam os desafios do presente. Nesse cenário, a AMPAFOZ desempenha um papel central ao articular essas práticas produtivas com ações

coletivas, fortalecendo laços comunitários e garantindo a valorização dos conhecimentos tradicionais. Assim, a organização social dessa comunidade traduz a relação simbiótica entre cultura, atividades produtivas e meio ambiente que caracteriza a identidade amazônica.

Devido à presença expressiva dos rios na realidade Amazônica, um dos principais sujeitos que compõe este cenário é o Ribeirinho que se organiza socialmente de acordo com sua origem, por meio da adoção e adaptação de saberes e técnicas de acordo com suas necessidades, maneira pela qual se organizam socialmente os moradores da Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho e ainda as mulheres da AMPAFOZ, conforme o mapa em movimento:

Figura 7 – Mapa Social das práticas corporais de mulheres ribeirinhas da AMPAFOZ



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

O mapa apresentado é parte da cartografia social das práticas corporais desenvolvidas por mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, associadas à AMPAFOZ, representando a organização espacial da comunidade e sua relação com os cursos d'água que a atravessam. Os principais rios identificados são o Amazonas, o Mazagão, e os igarapés Grande Mutuacá e Espinhel, que estruturam a dinâmica

territorial e socioeconômica local. A legenda destaca elementos fundamentais, como as residências, pontos de extrativismo de açaí, áreas de pesca (de camarão e de peixe), espaços comunitários, e locais de prática de agricultura, demonstrando como o uso do território reflete as práticas produtivas e culturais dessas mulheres. Essa representação ilustra a interação entre o ambiente natural e as práticas corporais cotidianas, evidenciando a interdependência entre a comunidade, os recursos naturais e o trabalho coletivo promovido pela associação. O mapa reforça o papel central dos rios como vias de acesso e sustento, além de registrar a adaptação das práticas sociais ao ambiente ribeirinho.

O mapa é a representação cartográfica da espacialidade do fenômeno. Ele foi uma construção social, com uma intenção do sujeito de reconhecer uma ordem e tentar retirar dela um sentido, evidenciando os locais e os percursos das ações/práticas corporais das mulheres entrevistadas e seus coletivos. Para tanto, pensamos uma cartografia para além do que poderia ser mapeado nas coordenadas, com o intuito de mostrar mapas que viabilizassem a visualização espacial de parte das identidades dos sujeitos subalternizados, gerados a partir de suas diferenças e interseções identitárias.

As principais práticas impressas no mapa social são, em sua maioria, relacionadas a práticas produtivas, entendidas como sendo práticas que envolvem os usos do corpo enquanto se valem de técnicas, não definidas apenas como mera ação mecânica, conforme explicitado por Mauss (2003). Mas, vistas como movimento, relação e mudança. Nesse caso, as práticas corporais mais presentes foram: o extrativismo do açaí, a pesca do camarão e a pesca do peixe, representados na figura 7 e, que ocorrem ao longo de todo o espaço social, incluindo os rios Amazonas e Mazagão e os igarapés Espinhel, Grande e Mutuacá, que marcam a paisagem.

No mapa, o rio Amazonas, localizado no canto inferior direito e destacado como o mais largo, apresenta poucas práticas corporais associadas às mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, de acordo com as legendas. As atividades representadas incluem a coleta de camarão utilizando o matapi e o extrativismo de açaí. Essas práticas refletem um uso pontual do rio Amazonas, voltado principalmente para o aproveitamento de recursos específicos, como o camarão, que é capturado com técnicas tradicionais, e o açaí, cuja coleta e transporte podem utilizar o curso do rio como via de acesso. Apesar de sua imponência, o Amazonas parece ter uma participação mais limitada no cotidiano produtivo das mulheres, em comparação com

os cursos menores, como os igarapés, que concentram uma maior diversidade de práticas.

O rio Mazagão, principal curso d'água que atravessa a comunidade, concentra uma ampla diversidade de práticas corporais realizadas pelas mulheres ribeirinhas associadas à AMPAFOZ. Entre as atividades representadas estão o extrativismo de açaí, a pesca de camarão com o uso do matapi e a pesca de peixes, práticas fundamentais para o sustento econômico e cultural da comunidade. Além disso, destaca-se a localização estratégica do barracão da AMPAFOZ às margens do rio Mazagão, que serve como espaço central para reuniões e articulações coletivas. Este barracão não apenas simboliza a organização comunitária, mas também reforça o papel do rio como eixo integrador das práticas sociais, produtivas e culturais, consolidando o Mazagão como elemento estruturante da vida cotidiana e da dinâmica comunitária ribeirinha.

O igarapé Espinhel, localizado na parte central inferior, desempenha um papel importante nas práticas corporais realizadas pelas mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, associadas à AMPAFOZ. De acordo com as legendas, esse curso d'água é utilizado principalmente para atividades relacionadas ao extrativismo de açaí e à pesca de peixes, práticas que requerem conhecimentos específicos sobre a dinâmica do ambiente e sobre as melhores técnicas de aproveitamento dos recursos naturais. O igarapé Espinhel, por ser mais estreito e abrigado, oferece condições favoráveis para essas práticas, permitindo tanto a coleta eficiente de frutos como o desenvolvimento da pesca em áreas próximas às residências. Essas atividades refletem a importância dos igarapés menores na manutenção da economia e do cotidiano produtivo das mulheres ribeirinhas, evidenciando a integração entre atividades produtivas, cultura e o uso sustentável dos recursos locais.

Já o Igarapé Grande, identificado como o curso d'água que concentra a maior parte das residências, é um espaço central para as práticas corporais e produtivas das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, associadas à AMPAFOZ. Ao longo de suas margens, além de atividades como o extrativismo de açaí, a pesca de camarão com o uso do matapi e a pesca de peixes, além da academia da comunidade. Esse espaço dedicado à prática de exercícios físicos evidencia a valorização do bem-estar e da saúde dos moradores, complementando as atividades produtivas cotidianas e subsistência. A localização da academia próxima às residências no igarapé Grande reforça sua importância como ponto de encontro e convivência, integrando-se à

dinâmica social e comunitária da região, enquanto o igarapé continua desempenhando seu papel como eixo vital para as práticas econômicas, culturais e de lazer.

O igarapé Mutuacá, que conecta a comunidade ao local conhecido como Carvão, o ponto mais próximo com acesso terrestre, e ao porto da Queimada, desempenha um papel estratégico na dinâmica produtiva e social das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, associadas à AMPAFOZ. De acordo com as legendas, ao longo desse igarapé são realizadas práticas como o extrativismo de açaí e a pesca de camarão com o uso do matapi. Além dessas atividades produtivas, o Mutuacá se destaca como uma via essencial para o transporte de produtos extraídos e pescados, facilitando a conexão com outras localidades e mercados. O porto da Queimada, localizado em sua extensão, reforça a importância do igarapé como ponto de apoio logístico e integração entre o trabalho comunitário e o acesso a áreas externas. Dessa forma, o igarapé Mutuacá não apenas sustenta práticas econômicas essenciais, mas também consolida sua função como elo entre a comunidade ribeirinha e o acesso terrestre, ampliando as possibilidades de deslocamento e escoamento da produção.

As práticas corporais estão espacialmente distribuídas de forma estratégica ao longo dos cursos d'água. Igarapés menores, como o Grande e o Espinhel, concentram a maioria das atividades, devido à proximidade com as residências e à acessibilidade, enquanto rios maiores, como o Amazonas e o Mazagão, possuem práticas mais pontuais. As práticas mais recorrentes são o extrativismo de açaí e a pesca (tanto de camarão com matapi quanto de peixes). Isso reflete o vínculo dessas mulheres com o ambiente natural e a dependência de recursos locais para subsistência e geração de renda. Alguns pontos específicos, como o barracão da AMPAFOZ às margens do rio Mazagão e a academia localizada no igarapé Grande, mostram como as práticas corporais também estão relacionadas a espaços de organização social e promoção de saúde, além das atividades produtivas, que aparecem em destaque. Os rios e igarapés não apenas fornecem recursos naturais, mas também funcionam como vias de transporte, conectando pontos estratégicos como o porto da Queimada no igarapé Mutuacá, que facilita o acesso terrestre, e os locais de extrativismo e pesca. As práticas corporais não são isoladas, mas frequentemente vinculadas a atividades comunitárias promovidas pela AMPAFOZ, fortalecendo a coesão social e a preservação dos saberes tradicionais. Esses padrões refletem como as práticas

corporais estão profundamente enraizadas na interação entre o ambiente natural, a organização social e os conhecimentos culturais das mulheres ribeirinhas.

A presença de grandes rios (como o Amazonas) e igarapés menores (como o Grande, Espinhel e Mutuacá) proporciona uma diversidade de espaços aquáticos que moldam as práticas corporais. A ausência de acesso rodoviário direto à comunidade torna os rios e igarapés essenciais para deslocamento e transporte, influenciando práticas corporais como remar, conduzir embarcações e carregar produtos extrativos para os portos. As práticas corporais estão diretamente associadas aos ciclos de cheia e vazante dos rios, que influenciam a disponibilidade de recursos como peixe, camarão e açaí, demandando adaptações nas atividades produtivas. Essas características demonstram a interdependência entre o ambiente ribeirinho e as práticas corporais, evidenciando como o espaço natural molda e sustenta o cotidiano das mulheres da Foz do Rio Mazagão Velho.

6.3.1 Um mergulho nas práticas corporais

As práticas corporais realizadas pelas mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho estão intimamente ligadas às práticas produtivas que sustentam a economia e a cultura da comunidade. Essas práticas envolvem movimentos e habilidades corporais adaptados às exigências do trabalho no território, como a pesca, o extrativismo de açaí e murumuru, e o manejo de recursos naturais. Um exemplo marcante é descrito pela Interlocutora 12 (2023): "Nós vamos todos juntos coletar o açaí lá no terreno, cada vez é um que sobe. A gente usa a peçonha no pé pra subir, escala o açazeiro, a gente sempre leva um terçado, corta o cacho e desce devagar pra não perder." Essa descrição evidencia a precisão técnica e a força física necessária para a coleta do açaí, além da cooperação entre os membros da família, que transforma o trabalho em uma atividade compartilhada.

Outra prática corporal recorrente está relacionada à pesca artesanal, especialmente a pesca de camarão com o uso de matapis. A Interlocutora 2 destaca o processo: "A gente arma os matapis lá em casa, e na hora boa botamos no barco e vamos amarrar, geralmente a gente coloca à tarde e tira de manhã, que é quando começa o trabalho." Essa atividade exige habilidades específicas, como o manejo dos equipamentos e o conhecimento dos ciclos da maré, além da força para remar e transportar os materiais. Além disso, a preparação e o tratamento do pescado também

envolvem práticas corporais, como relatado pela Interlocutora 12 (2023): "Daí a mulherada vai tratar do peixe pra comer." Esses movimentos fazem parte de uma rotina que combina esforço físico e coordenação, reforçando o papel das mulheres como protagonistas na manutenção das práticas produtivas.

As práticas corporais também se expandem para a coleta de murumuru e outras atividades no ambiente florestal. A Interlocutora 4 (2023) descreve: "Esse [murumuru] a gente precisa ir pro mato pra catar, sempre vai mais gente, pra não ser perigoso. Vai com saco vazio e volta cheio no barco, depois que a gente carrega, faz todo o processo de secar pra quebrar e tirar a amêndoa." Essa descrição destaca a combinação de habilidades físicas, como caminhar longas distâncias na mata e carregar sacos cheios, com o trabalho coletivo para garantir a segurança e a eficiência. As práticas corporais ligadas às atividades produtivas no rio e na floresta refletem a interação constante entre corpo e natureza, onde o ambiente não é apenas um espaço de trabalho, mas também um elemento que molda as técnicas e saberes transmitidos entre gerações. Assim, o corpo das mulheres ribeirinhas se torna o principal instrumento de trabalho, revelando a resiliência e a autonomia que caracterizam sua relação com as práticas produtivas.

6.3.1.1 Extrativismo do açaí

O extrativismo do açaí, de acordo com a cartografia social construída, é a prática corporal mais presente na comunidade da Foz do Rio Mazagão Velho, destacando-se não apenas como uma prática econômica essencial, mas também como uma parte intrínseca da cultura local. Essa atividade envolve uma série de etapas, que demandam esforço físico e são realizadas em grande parte de forma colaborativa, no âmbito familiar. A fala da Interlocutora 7 (2023) descreve as etapas que compõem o extrativismo do açaí, evidenciando o planejamento, a técnica e a organização necessários para a realização dessa prática:

"Vamos lá, o açaí a gente vai pro terreno, faz a limpeza usando o terçado, daí começa a subida com a peconha, corta o cacho do açaí quando chega lá em cima, e desce com ele e vai tirando até findar a produção. Depois vamos pra debulha, pra preparar pra vender."

A Interlocutora 23 complementa:

"Graças a Deus, todo dia tem alguma coisa pra fazer, quando não é um, é outro. No nosso terreno é farto, a gente tem açaí, eu não subo no açazeiro mas, todo o resto eu faço, meu marido e meus filhos que cuidam, no tempo do açaí, a gente se junta pra dar conta."

Essa fala ressalta o caráter coletivo da atividade, com a divisão de tarefas entre os membros da família para assegurar o êxito da produção. A Interlocutora 1 (2023) também descreve como o trabalho é realizado em diferentes configurações, afirmando:

"Pra tirar o açaí lá do nosso terreno é assim: meu marido é peconheiro, ele sobe no açazeiro, eu também subo, às vezes, coloco a peconha no pé e subo, a gente corta o cacho e o outro apara lá embaixo. Às vezes eu vou sozinha, às vezes com meu marido, às vezes meus filhos me ajudam, mas quando não, eu vou sozinha mesmo."

Sua fala evidencia não apenas a divisão de tarefas, mas também a habilidade individual das mulheres para realizar todas as etapas do processo, reforçando a resiliência e a autonomia presentes no trabalho com o açaí.

Nessa atividade, que se constitui como uma das principais atividades produtivas da Foz do Rio Mazagão Velho percebe-se a conjunção de técnicas corporais que compreendem essa prática corporal. As técnicas se iniciam com a subida na palmeira, com o auxílio de um instrumento conhecido como peconha, feito de fibra vegetal, que fixada aos pés ajuda na subida e equilíbrio, a seguir, ocorre o corte do cacho e a descida. Após a retirada dos cachos, é realizada a debulha, que consiste na retirada do fruto dos cachos e seu armazenamento nas rasas, para facilitar o deslocamento e comercialização. Nesse processo, é possível notar características específicas da atividade que envolvem elementos culturais do ambiente rural ribeirinho como o uso da peconha e de rasas. Essa prática geralmente ocorre até às 10 horas da manhã, em função do desgaste corporal e do calor excessivo na região, pois é o período em que o sol está mais "baixo", conforme relato. Outro aspecto cultural interessante é que também se trata de ser o horário anterior ao almoço, em que o "vinho do açaí" é sempre presente.

O caráter cultural do extrativismo do açaí vai além de sua relevância econômica, sendo um elemento marcante do modo de vida ribeirinho. Essa prática está associada a tradições locais, como o antigo Festival do Açaí, que era um momento de celebração e integração comunitária, conforme lembrado pelas mulheres. Além disso, o açaí é uma base alimentar essencial para a comunidade, consumido diariamente como o "vinho do açaí", que simboliza não apenas nutrição, mas também a identidade cultural da região. A Interlocutora 5 (2023) destaca a organização necessária para o processo produtivo:

"O meu trabalho com açaí já é a minha atividade física. Vamos pra mata e lá fazemos a subida no açazeiro com a ajuda da peconha que levamos e a força, depois de coletar, debulhamos lá mesmo para não perder no caminho, daí usamos o paneiro para transportar, que fica mais fácil. Precisamos de gente pra limpar, pra subir, normalmente o mais leve, pra cortar, pra debulhar, pra carregar, até ser vendido."

Essa descrição detalha o ciclo produtivo do açaí, evidenciando que se trata de uma atividade complexa, que combina habilidades específicas, força física e planejamento.

O esforço físico é um elemento central no extrativismo do açaí, como relatado por várias mulheres da comunidade. A Interlocutora 1 (2023) compartilha: "Depois de tirar o açaí eu fico toda dolorida (risos), no rio eu me recupero, colocar e tirar meus matapi. Acho que eu fiquei mais forte, de noite eu tô cansada, mas de dia eu me esperto." Sua fala destaca o impacto direto no corpo e a resiliência necessária para executar o trabalho de forma contínua. A Interlocutora 7 (2023) complementa:

"Vamos lá, o açaí a gente vai pro terreno, faz a limpeza usando o terçado, daí começa a subida com a peconha, corta o cacho do açaí quando chega lá em cima, e desce com ele e vai tirando até findar a produção. Depois vamos pra debulha, pra preparar pra vender."

Essa rotina reflete a organização das mulheres ribeirinhas, que conciliam atividades produtivas, cultura e sustento alimentar, reafirmando o papel do açaí na dinâmica social e econômica da comunidade.

Em síntese, o extrativismo do açaí transcende sua função econômica, sendo uma prática que conecta as mulheres à sua cultura, reforça os laços familiares e demanda intensa dedicação física. Sua relevância vai além das atividades produtivas, pois simboliza a identidade da comunidade, integrando tradições, alimentação e organização coletiva. É essa combinação de técnica, esforço e cultura que torna o extrativismo do açaí a atividade central na vida das mulheres da Foz do Rio Mazagão Velho.

6.3.1.2 Pesca do Camarão

A pesca de camarão utilizando matapi, amplamente praticada nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, destaca-se pela integração de práticas corporais específicas e saberes tradicionais transmitidos entre gerações. Essa atividade requer um conjunto de movimentos e habilidades corporais que envolvem força, resistência e precisão, evidenciando a relação intrínseca entre o corpo e o ambiente natural. As práticas

corporais começam com a confecção do matapi, um trabalho artesanal que demanda destreza manual e concentração para trançar as talas de madeira ou cipó. A Interlocutora 23 (2023) descreve: "Lá em casa, a gente faz o nosso matapi de tala e faz a poqueca também pra atrair." Esse processo inicial requer coordenação motora fina e o conhecimento das técnicas adequadas para criar uma armadilha eficiente e durável. Além disso, as mulheres acordam cedo para preparar a poqueca, isca essencial para atrair os camarões, feita a partir de uma mistura de raízes, folhas e restos de alimentos, uma etapa fundamental para o sucesso da pesca.

O deslocamento até os locais de pesca é uma etapa que exige esforço físico significativo, envolvendo o uso de barcos ou *rabetas*. A Interlocutora 14 (2023) relata: "De segunda até sábado, domingo é o dia de descanso. A gente pega o barco e vai até o lugar que amarramos os nossos matapi. Chega lá a gente amarra e depois volta pra buscar, cada dia pode ser um horário diferente, depende do tempo e da maré." Essa fala ilustra as práticas corporais relacionadas à navegação, como remar ou operar embarcações motorizadas, que demandam força e habilidade, especialmente durante trajetos longos e em condições desafiadoras, como correntezas e marés. Além disso, cada família atua em sua área de manejo, um território delimitado no qual o conhecimento ambiental é fundamental para localizar os habitats ideais dos camarões.

A colocação e retirada do matapi são outras etapas que envolvem práticas corporais específicas. Os pescadores utilizam movimentos precisos para submergir e amarrar os matapis em áreas estratégicas, geralmente em locais com correnteza lenta ou vegetação aquática. Esses movimentos exigem equilíbrio, flexibilidade e força para manusear as armadilhas e fixá-las de forma estável no fundo do rio ou igarapé. A Interlocutora 23 (2023) explica: "A gente vai de barco pra colocar e depois volta pra tirar, às vezes vai na rabeta, às vezes vai remando." Após a captura, a retirada do matapi da água requer cuidado e coordenação para evitar que os camarões escapem, além de força para erguer a armadilha cheia e colocá-la no barco.

Outro aspecto relevante é que a pesca de camarão com matapi tornou-se uma prática em que as mulheres assumem grande protagonismo. Muitas delas iniciaram e ampliaram a participação feminina nessa atividade, articulando o trabalho com o auxílio de seus maridos e filhos. Esse caráter familiar é uma característica marcante das comunidades ribeirinhas, onde o trabalho coletivo fortalece os laços sociais e culturais. A Interlocutora 14 (2023) relata: "A gente volta pra casa e coloca no viveiro

até ir vender." Nesse contexto, o manejo dos camarões nos viveiros, que envolve transferir os camarões para tanques ou recipientes submersos, também demanda práticas corporais cuidadosas para preservar a qualidade do produto.

Apesar da importância econômica e cultural dessa prática, as mulheres têm enfrentado desafios recentes relacionados ao adoecimento dos camarões. Essa problemática tem afetado diretamente a quantidade e a qualidade da captura, exigindo maior esforço das pescadoras e, em alguns casos, a busca por outras alternativas produtivas. Ainda assim, a resiliência das mulheres ribeirinhas é evidente, como elas continuam adaptando suas práticas e transmitindo saberes para as novas gerações. Em suma, a pesca com matapi articula um conjunto de práticas corporais que vão desde a confecção das armadilhas até o manejo pós-captura, integrando trabalho familiar, técnica e cultura. Cada etapa do processo, como a confecção do matapi, a navegação, a colocação das armadilhas e o manejo dos viveiros, demonstra como o corpo das mulheres ribeirinhas é parte essencial da realização dessa prática. A participação significativa das mulheres e o caráter familiar do trabalho refletem a conexão entre tradição e adaptação às necessidades locais. Apesar dos desafios, como o adoecimento dos camarões, a pesca com matapi continua sendo uma expressão central da identidade e da resiliência das comunidades ribeirinhas amazônicas.

De maneira geral, os matapis são estrategicamente colocados próximos aos terrenos ou casas das famílias, aproveitando a proximidade com os recursos naturais disponíveis na região. Essa prática permite maior facilidade no monitoramento e manejo das armadilhas, além de otimizar o tempo e o esforço necessário para a pesca. A localização dos matapis perto das residências também reflete a organização espacial das comunidades ribeirinhas, onde as áreas de manejo estão intimamente ligadas ao espaço familiar. Essa proximidade reforça o caráter sustentável da pesca, ao reduzir deslocamentos longos, e permite que todos os membros da família participem ativamente do processo, desde a preparação da *poqueca* até o manejo dos camarões nos viveiros. A prática evidencia a integração entre as atividades produtivas e o cotidiano familiar, caracterizando o modo de vida das comunidades ribeirinhas como profundamente conectado ao território em que vivem.

6.3.1.3 Pesca do Peixe

A pesca de peixes utilizando malhadeira, embora culturalmente mais associada aos homens na comunidade, é uma prática corporal que requer um conjunto de habilidades específicas e organização, envolvendo desde o deslocamento até os locais de pesca até o tratamento posterior do pescado. Com o apoio da associação AMPAFOZ, essa prática vem se transformando, ampliando a participação feminina em etapas tradicionalmente dominadas por homens, como o lançamento e o manejo das redes.

Historicamente, a pesca com malhadeira era uma atividade predominantemente masculina e voltada, inicialmente, apenas para a subsistência das famílias. A Interlocutora 10 (2023) reflete sobre a tradição dessa prática: "A pesca sempre existiu na nossa vida. Eu aprendi desde moça que temos que pescar pra comer, pro nosso sustento. Meus parentes sempre pescaram, tá no sangue." A fala evidencia o caráter ancestral e cultural da pesca, que há muito tempo integra a vida cotidiana dos ribeirinhos como uma atividade indispensável para garantir a alimentação e a sobrevivência.

O processo começa com o deslocamento até os pontos de pesca, geralmente realizados em barcos ou *rabetas*. Esse deslocamento exige força e resistência, especialmente em locais mais distantes ou em condições adversas. Ao chegar ao local escolhido, os pescadores realizam o lançamento da malhadeira, que envolve movimentos amplos, coordenação e precisão para garantir que a rede seja posicionada corretamente. Esses movimentos são fundamentais para que os peixes fiquem presos nas malhas durante o fluxo da correnteza.

A pesca com malhadeira é uma prática que combina técnica e paciência. Durante o período de espera, os pescadores observam cuidadosamente as condições do rio e o comportamento da rede, calculando o momento exato para recolher. A Interlocutora 14 (2023) descreve o processo de maneira prática:

"É o nosso dia-a-dia, o nosso sustento, todos os dias, dependendo da maré. Quando tá boa, a gente vai. Pega o barco e vai, chegando lá a gente arma a malhadeira e espera o tempo certo. Tem dias que dá bom e tem dias que não, puxa a malhadeira e, quando Deus quer, volta com o isopor cheio."

Essa fala ressalta a variabilidade da pesca e a interação constante com as condições ambientais, que requerem habilidade para adaptar as técnicas ao contexto.

Após o recolhimento da malhadeira, inicia-se a etapa de retirada dos peixes da rede, um processo que demanda atenção e cuidado para evitar danos aos peixes e à malhadeira. Os peixes são armazenados em caixas de isopor com gelo, uma inovação mencionada pela Interlocutora 10 (2023):

"Antigamente os barcos eram menores, porque não tinha motor, então era remando. As malhadeiras também eram menores, porque não tinha onde guardar, não tinha energia elétrica. Agora a gente coloca 10kg de peixe no freezer, pra nós e pros outros."

A introdução de freezers e isopores representa um avanço significativo, permitindo que os pescadores preservem a qualidade do pescado por mais tempo, ampliando as possibilidades de comercialização.

Embora a captura seja predominantemente realizada pelos homens, as mulheres assumem papel fundamental no tratamento e beneficiamento do peixe, especialmente no que diz respeito à limpeza, preparo e organização do pescado para venda ou consumo. A Interlocutora 14 (2023) destaca: "Daí a mulherada vai tratar do peixe pra comer." Contudo, desde a criação da AMPAFOZ, as mulheres vêm expandindo sua participação em todas as etapas da pesca, desafiando padrões tradicionais e contribuindo para o fortalecimento da atividade como um todo.

A pesca com malhadeira também é profundamente enraizada na cultura ribeirinha, sendo mais do que uma prática econômica: é um elemento essencial da identidade local. Para os ribeirinhos, o peixe é uma base alimentar que complementa a dieta tradicional, como evidenciado pelas falas que destacam a relação entre a pesca e a alimentação. Essa conexão reflete como a pesca vai além do aspecto produtivo, assumindo um papel central na vida comunitária e cultural.

Essa prática evidencia o intenso trabalho corporal envolvido na pesca com malhadeira, desde o lançamento e recolhimento da rede até o transporte e tratamento dos peixes. Além disso, a pesca reflete a interdependência entre técnica, cultura e esforço coletivo, sendo não apenas uma fonte de sustento, mas também uma prática que reafirma os laços culturais e sociais das comunidades ribeirinhas amazônicas. A ampliação da participação feminina nesse contexto é um marco importante, que reforça a resiliência e a capacidade de adaptação dessas comunidades às transformações contemporâneas, ao mesmo tempo em que mantém vivas suas tradições e sua ligação com a alimentação e a cultura local.

6.3.1.4 Outras práticas corporais

As práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho vão além do extrativismo do açaí e da pesca com matapi, abrangendo também atividades como a coleta e o beneficiamento de murumuru, bem como o cultivo em seus terrenos. Essas práticas são marcadas pela combinação de esforço físico, saberes tradicionais e a transmissão de conhecimentos intergeracionais, reforçando o papel central das mulheres na organização do cotidiano e na sustentabilidade econômica da comunidade.

A coleta de murumuru é uma prática que exige deslocamento, força e habilidades específicas. A Interlocutora 23 (2023) relata:

"O murumuru a gente cata, às vezes eu vou sozinha, mas aqui em casa, é todo mundo que trabalha, tem que catar. A gente traz os sacos cheios de murumuru, espalha no plástico pra limpar, depois de limpo e seco a gente vai fazer a quebra pra tirar o caroço que fica lá dentro. É isso que a gente vende, e muito, sobra pra todo mundo, até os netos já tão aprendendo."

Essa descrição destaca o caráter coletivo da atividade, que mobiliza toda a família, desde os adultos até os netos, evidenciando o aprendizado intergeracional. A prática envolve uma sequência de etapas físicas: o transporte dos sacos cheios de murumuru, a limpeza manual dos frutos, a secagem ao sol e, por fim, a quebra para extração do caroço, etapa que exige esforço e paciência. Além disso, a coleta e o beneficiamento do murumuru demonstram como as mulheres adaptam suas técnicas corporais às necessidades da atividade, transformando-a em uma fonte significativa de renda.

Outro aspecto do cotidiano das mulheres ribeirinhas é o cultivo em seus terrenos, uma prática que reforça sua conexão com o território e a autonomia na produção de alimentos. A Interlocutora 7 (2023) explica:

"Nosso plantio é no nosso terreno mesmo, a gente não precisa do barco. A nossa plantação das outras coisas também fica lá, só que é menos. Desde menina eu já ajudava meus pais, depois que fui viver minha vida, continuei. É bom, a mulherada aqui é doída, não quer ficar parada, antes não era assim. Antes eu não dava conta de fazer tudo, agora eu dou."

O cultivo no terreno familiar dispensa o uso de embarcações, facilitando o manejo e a organização do trabalho. Essa prática envolve a limpeza do solo, o plantio,

a colheita e o cuidado contínuo das plantações, etapas que demandam força física e constância, mas também oferecem autonomia alimentar e econômica para as famílias. A fala da Interlocutora 7 (2023) ressalta, ainda, o papel das mulheres como protagonistas dessas atividades, desafiando os padrões tradicionais de gênero que antes limitavam suas ações.

Essas práticas corporais refletem a resiliência e a adaptabilidade das mulheres ribeirinhas, que conciliam esforço físico, saberes tradicionais e organização familiar em suas atividades diárias. A coleta de murumuru e o cultivo no terreno, além de serem fontes de subsistência e renda, reforçam os laços familiares e comunitários, ao mesmo tempo em que asseguram a preservação do conhecimento cultural e ecológico. Ao transmitir essas práticas para as gerações mais jovens, as mulheres garantem a continuidade de um modo de vida profundamente conectado ao território e às necessidades locais. Esses elementos mostram como o trabalho físico e a cultura estão interligados, configurando o cotidiano das mulheres ribeirinhas como um exemplo de reexistência e protagonismo na Amazônia.

6.4 Considerações finais

Sendo o extrativismo do açai, a pesca do camarão, a pesca de peixe, as demais atividades caracterizadas como produtivas e as atividades de lazer, vinculadas ou não a religião, como exemplos dos saberes que vão sendo repassados, conquistados e até modificados de geração para geração. Conotam formas de identificarem-se como pertencentes a um determinado grupo, nesse caso, a cultura ribeirinha, como na comunidade Foz do Rio Mazagão Velho. Especificamente, através do olhar das mulheres da AMPAFOZ, faz-se importante mapear, dentro do modo de vida do ribeirinho amazônida, as identidades sociais construídas ao longo do tempo pelas mulheres e o papel que elas vem assumindo, a partir de suas práticas corporais. Vale ressaltar o papel que as práticas produtivas assumem nesse contexto, bem como a catalogação das técnicas que estas se revestem.

Outras práticas corporais também foram relatadas pelas associadas como o extrativismo vegetal, incluindo espécies como murumuru, a comercialização e entrega de produtos através do barco, a musculação e ginástica, realizadas na academia, e a caminhada. Além disso, algumas relataram práticas corporais, relacionadas ao lazer, como a participação em eventos religiosos, como a Festa de São Tiago, e não

religiosos, como festivais. Vale ressaltar que, por diversas vezes, no ambiente rural ribeirinho e, enraizado em seus modos de vida, o lazer se mistura às atividades produtivas, já que o “tempo” é bastante peculiar e ditado pelos movimentos da natureza como o das marés e do sol, como vimos no extrativismo do açaí e na pesca do camarão e percebido nas falas, repetidas por diversas vezes, como “aqui é muito bom” e “nós se diverte”.

Essas considerações revelam importantes nuances para se notar e compreender os sentidos e significados das práticas corporais e suas imbricações que expressam os estilos de vida revelados, dentre outros aspectos, através das práticas corporais dos grupos sociais aos quais pertencem. Nesse sentido, inventariar e compreender as práticas corporais das culturas tradicionais é uma forma de registrar seu acervo cultural e de reconhecer como importantes manifestações da diversidade cultural brasileira, distinguindo os sentidos e os significados, sendo capaz de explicitar as lógicas sociais e culturais.

6. ARTIGO 3 – A FOZ SOMOS TODAS NÓS: PRÁTICAS CORPORAIS, PROTAGONISMO E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES RIBEIRINHAS DA AMPAFOZ

Resumo:

Este artigo teve como objetivo analisar como se dá a relação entre as práticas corporais a construção social da mulher ribeirinha, bem como compreender de que maneira essas dinâmicas contribuem para o protagonismo e a transformação social no contexto amazônico. Para tanto, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas junto a 23 mulheres associadas à AMPAFOZ e a observação participante in loco. Os resultados evidenciam que as mulheres assumem papéis fundamentais na economia local, engajando-se em atividades como a pesca, o manejo de açaí, o cultivo de roçados e a produção artesanal. Tais práticas, marcadas por intenso esforço físico e profundo conhecimento ambiental, reforçam não só a identidade ribeirinha, mas também laços de solidariedade e trocas de saberes intergeracionais. Observou-se, ainda, que a participação ativa nas associações comunitárias favorece a autonomia econômica e fortalece a presença política dessas mulheres, permitindo-lhes ocupar espaços antes restritos aos homens. Conclui-se que o corpo feminino, compreendido como agente de trabalho e locus de saberes culturais, funciona como elemento estratégico na construção de processos de protagonismo e transformação social. Ao desafiar papéis de gênero tradicionais, as mulheres ampliam suas possibilidades de atuação e redefinem relações de poder na comunidade, contribuindo para o reconhecimento de seus direitos e para a valorização do modo de vida ribeirinho na Amazônia.

Palavras-chave: Práticas corporais; Mulheres; Reexistência.

Abstract:

The aim of this article was to analyze the relationship between bodily practices and the social construction of riverine women, as well as to understand how these dynamics contribute to empowerment and social transformation in the Amazonian context. To this end, a qualitative methodological approach was adopted, with semi-structured interviews with 23 women associated with AMPAFOZ and on-site participant observation. The results show that women play a fundamental role in the local economy, engaging in activities such as fishing, açaí management, cultivating gardens and craft production. These practices, marked by intense physical effort and profound environmental knowledge, reinforce not only the riverside identity, but also bonds of solidarity and intergenerational exchanges of knowledge. It was also observed that active participation in community associations favors economic autonomy and strengthens the political presence of these women, allowing them to occupy spaces previously restricted to men. The conclusion is that the female body, understood as an agent of work and a locus of cultural knowledge, functions as a strategic element in the construction of processes of empowerment and social transformation. By challenging traditional gender roles, women expand their possibilities for action and

redefine power relations in the community, contributing to the recognition of their rights and the appreciation of the riverside way of life in the Amazon.

Keywords: Body practices; Women; Resistance

7.1 Introdução:

A Foz do Rio Mazagão Velho, localizada no estado do Amapá, constitui-se como uma comunidade ribeirinha marcada pela interação profunda entre o ambiente fluvial e o cotidiano de seus moradores. Essa localidade, situada ao longo das duas margens do rio Mazagão, dos igarapés Espinhel, Mutuacá, Igarapé Grande e, o majestoso, Rio Amazonas, integra a vasta rede de comunidades amazônicas cujas dinâmicas sociais, culturais e econômicas são intrinsecamente ligadas ao ecossistema hídrico que as circunda.

A principal característica da Foz do Rio Mazagão Velho é sua identidade ribeirinha, expressa nas práticas culturais, na organização das atividades produtivas e nas relações de sociabilidade que estruturam o dia a dia da comunidade. Como em muitas outras regiões ribeirinhas da Amazônia, a vida na Foz do Rio Mazagão Velho é moldada pelo ciclo das águas, do rio como base de subsistência e desenvolvimento econômico local.

A vida ribeirinha é caracterizada por uma relação íntima com o ambiente natural. Stol, Folhes e Alencar (2019) apontam que os ritmos sazonais e a dinâmica dos rios influenciam profundamente as práticas produtivas e culturais dessas comunidades. O conceito de "habitar", desenvolvido por Ingold (2015), descreve como as mulheres ribeirinhas interagem com o meio ambiente de forma integrada, marcada pelos ritmos e ciclos, percebem os rios não como objetos a serem dominados, mas como agentes ativos no processo de vida.

Essa interação também molda as relações sociais e econômicas, nesse cenário, as mulheres desempenham um papel essencial na adaptação às mudanças ambientais e na construção de redes sociais que sustentam as atividades produtivas (Stol, Folhes e Alencar, 2019). Esse engajamento com o ambiente reflete uma perspectiva holística que combina aspectos sociais, culturais e ecológicos.

Um dos aspectos mais importantes da comunidade é a sua organização social e econômica, em que o papel exercido pelas mulheres tem destaque. As mulheres da Foz do Rio Mazagão Velho assumem funções centrais nas atividades produtivas cotidianas, especialmente em atividades como a pesca e o extrativismo. Além disso, elas desempenham papéis de liderança em associações comunitárias, como a Associação de Mulheres Produtoras da Foz do Rio Mazagão Velho (AMPAFOZ), que busca promover a autonomia econômica e social das mulheres locais, articulando suas práticas de atividades produtivas com a preservação da cultura ribeirinha.

O estudo das práticas corporais e do trabalho de mulheres ribeirinhas revela a complexidade das relações de gênero e da dinâmica ambiental nas comunidades amazônicas. As experiências dessas mulheres demonstram como a agência feminina pode transformar estruturas sociais, ao dar visibilidade às suas contribuições e lutas, avançamos na construção de uma sociedade mais igualitária e sensível às especificidades culturais e ambientais da região.

A história das mulheres na Amazônia tem sido marcada pela invisibilidade e silenciamento. Como apontam Pereira e Silva (2023), a historiografia social negligenciou o papel das mulheres nas comunidades ribeirinhas, ignorando suas contribuições e reexistências. No entanto, essas mulheres não são figuras passivas, mas sujeitos ativos que transformam condições de opressão em possibilidades de emancipação (Pereira; Silva, 2023). Essa dinâmica revela como as experiências de opressão são reinterpretadas por elas para romper barreiras sociais e criar novas subjetividades e significados, como destacado por Saffioti (1992).

As práticas corporais, no contexto dessas comunidades, vão além do esporte ou do lazer. Elas estão intrinsecamente ligadas à identidade cultural e às práticas laborais. Historicamente, como ressalta Goellner (2005), as mulheres enfrentaram preconceitos ao participarem de atividades corporais, sendo vistas como transgressoras. Contudo, essa participação também funcionou como estratégia de reexistência, reconfigurando os significados atribuídos aos seus corpos e papéis sociais.

As práticas produtivas de trabalho das comunidades ribeirinhas, são realizada de forma coletiva, envolvendo homens, mulheres e crianças. Alencar e Souza (2021) destacam que as mulheres desempenham papéis cruciais em várias etapas da cadeia

produtiva, como por exemplo no beneficiamento dos alimentos e a confecção de materiais de trabalho. Apesar disso, suas contribuições são frequentemente invisibilizadas, não apenas pelas políticas públicas, mas também por suas próprias comunidades (Martinez et al., 2019).

A inclusão das mulheres em projetos de manejo produtivo tem mostrado a importância de sua participação para a sustentabilidade e a transmissão intergeracional de conhecimentos técnicos e ecológicos (Zurba e Trimble, 2014). Contudo, essas iniciativas também enfrentam desafios relacionados às desigualdades de gênero, que limitam o acesso das mulheres às tomadas de decisão e perpetuam estereótipos sobre os papéis femininos e masculinos (Alencar, 2014; Palheta e Alencar, 2021).

A construção de uma identidade coletiva tem sido fundamental para que as mulheres ribeirinhas reivindiquem seu lugar na sociedade. Segundo Palheta e Alencar (2021), a participação em movimentos sociais tem fortalecido as mulheres como agentes políticos e econômicos. Esses movimentos permitem que elas transcendam as barreiras impostas pelo âmbito doméstico e participem ativamente da vida comunitária. No contexto amazônico, essa liderança feminina se manifesta não apenas na gestão de recursos naturais, mas também na educação e na inspiração para as futuras gerações (Pereira; Silva, 2023).

No âmbito familiar, essas mulheres também desempenham papéis cruciais como gestoras do lar e responsáveis pela educação e cuidado dos filhos, conciliando suas responsabilidades domésticas com as atividades econômicas externas. A sobreposição dessas funções reflete a dupla jornada a que estão submetidas, em um contexto em que o trabalho formal é escasso e as oportunidades de geração de renda são limitadas.

A AMPAFOZ oferece a essas mulheres um meio para a articulação de suas práticas de atividades produtivas e projetos. A associação é conhecida pela produção e pela comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar e da pesca. Esse trabalho, além de fornecer uma fonte de renda, também contribui para a manutenção de tradições culturais locais, em particular as técnicas passadas de geração em geração.

As mulheres da AMPAFOZ possuem uma profunda conexão com o território onde vivem, visto que suas atividades econômicas e sociais estão intimamente ligadas aos ciclos naturais da região amazônica. A sazonalidade das cheias e vazantes dos rios, por exemplo, determina o ritmo de muitas de suas atividades, como a pesca e o plantio. Essa relação com a natureza é um elemento que fortalece a identidade cultural e territorial dessas mulheres, uma vez que suas práticas de trabalho são reflexo direto de uma sabedoria acumulada ao longo de gerações.

A importância da AMPAFOZ vai além das questões econômicas e atinge também o campo do protagonismo feminino e da coesão social. Através da associação, as mulheres da Foz do Rio Mazagão Velho não apenas conquistam independência financeira, mas também ampliam sua participação nas decisões políticas e sociais da comunidade. Ao se unirem, elas criam uma rede de suporte mútuo que lhes confere maior visibilidade e influência nos processos de tomada de decisão locais.

O estudo da relação entre as práticas corporais e as atividades produtivas na perspectiva das mulheres ribeirinhas é essencial para compreender as dinâmicas culturais, sociais e econômicas de comunidades amazônicas. As mulheres ribeirinhas, como as da Foz do Rio Mazagão Velho, realizam um trabalho físico intenso, profundamente enraizado no ambiente natural e no espaço social em que vivem. Suas práticas corporais — os gestos, posturas, movimentos e habilidades físicas necessárias para realizar as atividades cotidianas — não são apenas formas de lidar com o trabalho, mas também manifestações culturais que expressam a relação entre corpo, natureza e atividades produtivas.

Primeiramente, é importante reconhecer que as práticas corporais dessas mulheres são moldadas pelas características do ambiente ribeirinho, onde o trabalho manual e o uso direto dos recursos naturais são dominantes. As atividades produtivas dessas mulheres envolvem atividades como a pesca, a agricultura de subsistência e o manejo de produtos florestais, todas requerendo uma interação direta com a natureza e uma utilização do corpo adaptada às condições ambientais específicas, como a variação das marés e as cheias dos rios. O estudo dessas práticas revela como o corpo é instrumentalizado para garantir a sobrevivência e o sustento da família e da comunidade, evidenciando uma integração entre o corpo e o ambiente que é essencial para a subsistência dessas populações.

Além disso, as práticas corporais ligadas às atividades produtivas dessas mulheres não se limitam ao âmbito econômico, mas também carregam significados culturais e simbólicos. Elas refletem e preservam saberes ancestrais, transmitidos de geração em geração, que conectam o corpo ao território e às tradições locais. Por exemplo, o modo como as mulheres manejam redes de pesca ou preparam alimentos tradicionais está ligado a um conhecimento corporal específico que transcende o simples ato de trabalhar, incorporando elementos de identidade, pertencimento e reexistência cultural. Assim, estudar essa relação entre corpo e atividades produtivas oferece uma compreensão mais profunda do papel dessas práticas na reprodução cultural e na preservação das tradições ribeirinhas.

Outro aspecto relevante é a dimensão de gênero envolvida no trabalho e nas práticas corporais das mulheres ribeirinhas. Historicamente, o trabalho feminino em comunidades ribeirinhas tem sido subvalorizado e invisibilizado, sendo muitas vezes considerado uma extensão das responsabilidades domésticas. No entanto, as mulheres desempenham um papel central na economia local, sendo responsáveis por grande parte da produção de alimentos, artesanatos e outras atividades essenciais para a sustentabilidade da comunidade. As práticas corporais dessas mulheres refletem a divisão sexual do trabalho e as formas como elas negociam sua posição dentro da família e da comunidade. O estudo dessas práticas possibilita uma análise crítica sobre as desigualdades de gênero e a capacidade das mulheres de reorganizar suas relações de poder, criando espaços de autonomia e protagonismo.

As práticas corporais também podem ser vistas como formas de reexistência e adaptação, evidenciando os desafios enfrentados por essas mulheres. O estudo dessas questões é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas que levem em conta a realidade do trabalho e das condições de vida das mulheres ribeirinhas, visando melhorar sua qualidade de vida e garantir maior equidade de gênero. Este estudo contribui para uma análise crítica das desigualdades de gênero e das formas de reexistência feminina em comunidades rurais da Amazônia. As mulheres ribeirinhas, apesar de enfrentarem condições adversas, desenvolvem estratégias de reexistência e autonomia que são raramente reconhecidas pelas políticas públicas. Compreender suas práticas corporais pode fornecer subsídios para a formulação de ações voltadas à melhoria das condições de vida dessas mulheres, valorizando suas contribuições culturais e produtivas para a comunidade.

Por fim, ao investigar a relação entre práticas corporais e as atividades produtivas na perspectiva das mulheres ribeirinhas, com o objetivo de analisar como se dá a relação entre as práticas corporais a construção social da mulher ribeirinha, também é possível contribuir para o reconhecimento do trabalho feminino, a investigação da relação entre práticas corporais e as atividades produtivas na perspectiva das mulheres ribeirinhas oferece uma rica oportunidade para compreender as interseções entre cultura, gênero, ambiente e economia. Esse campo de estudo não apenas revela a importância das práticas corporais no cotidiano dessas mulheres, mas também contribui para o reconhecimento de suas lutas e saberes, apontando caminhos para a promoção da justiça social e ambiental nas comunidades ribeirinhas.

7.2 Relação entre corpo, espaço social e as atividades produtivas nas tradições ribeirinhas.

Nas comunidades ribeirinhas, como as da Amazônia, a relação entre corpo, espaço social e atividades produtivas é fundamental para a compreensão das dinâmicas socioculturais e econômicas que moldam o cotidiano dessas populações. O corpo, nesse contexto, não é apenas um instrumento de trabalho, mas também um agente que interage com o ambiente natural, reflete tradições culturais e expressa as normas sociais que regem a vida comunitária. As atividades produtivas, por sua vez, estão intimamente ligadas ao espaço social, que é definido pelas condições geográficas, pelas relações com o ambiente natural e pela organização social da comunidade. Estudar essa relação complexa revela como as práticas corporais e laborais são moldadas pelo espaço ribeirinho e como o corpo desempenha um papel central na manutenção das tradições e no sustento dessas populações.

O corpo ribeirinho é antes de tudo uma construção social, conforme define Bourdieu (2017) em sua obra, é um corpo que aprende, desde a infância, a se adaptar e interagir com o meio ambiente, incorporando os saberes e práticas tradicionais da comunidade. As condições naturais, como a proximidade dos rios e a variação dos ciclos de cheia e vazante, determinam as formas de trabalho, o uso do corpo e o próprio ritmo de vida dos ribeirinhos. O trabalho físico, como a pesca, a agricultura de subsistência e a coleta de frutos, exige um conhecimento profundo do ambiente

natural e uma habilidade física específica, que é passada entre gerações. Nesse sentido, o corpo atua como um meio pelo qual o saber tradicional é preservado e transmitido, refletindo uma relação simbiótica entre o indivíduo e o espaço que ocupa.

Esse espaço social nas comunidades ribeirinhas é permeado por um conjunto de práticas e relações que vinculam as atividades produtivas ao meio natural e às tradições culturais. As atividades produtivas nessas comunidades, principalmente realizado pelas mulheres, como no caso da AMPAFOZ, não se limitam à produção material para a subsistência. Ele também envolve uma série de práticas corporais e sociais que estão enraizadas na preservação da cultura, na organização comunitária e nas práticas produtivas. O espaço social ribeirinho é, portanto, um espaço de interações, no qual o corpo se move e trabalha em conexão com o ambiente, respeitando os ciclos da natureza e promovendo a sustentabilidade dos recursos naturais.

No contexto das mulheres ribeirinhas, as práticas corporais relacionadas às atividades produtivas, que são muito presentes no cotidiano das mulheres, revelam uma interação constante entre o corpo e o espaço. O trabalho físico, que envolve longas jornadas de pesca e o manejo da terra, entre outras, é uma extensão do ambiente natural, onde o corpo se adapta às exigências físicas impostas pelo clima, pelo relevo e pelos recursos disponíveis. Essas atividades não são apenas um meio de sustento econômico, mas também formas de conexão com a natureza e de preservação dos saberes tradicionais. As mulheres ribeirinhas, em especial, desenvolvem um conhecimento profundo sobre como utilizar seus corpos em sincronia com o ambiente, preservando técnicas de pesca e cultivo que respeitam os ciclos naturais e asseguram a renovação dos recursos.

As atividades produtivas nas tradições ribeirinhas são profundamente corporais. Atividades como a pesca exigem o uso constante da força física, da destreza e de técnicas que foram aperfeiçoadas ao longo de gerações. O corpo, portanto, torna-se um instrumento essencial para a realização dessas atividades. No entanto, ao contrário de uma visão mecanicista do corpo, nas tradições ribeirinhas o corpo é também um veículo de saberes culturais e ambientais. Nesse escopo, pode ser entendido como um vetor semântico (Le Breton, 2013). As práticas corporais não apenas refletem uma adaptação as atividades produtivas, mas também constituem uma forma de aprendizado contínuo e de interação com o espaço social. Isso se dá,

por exemplo, na forma como os gestos e movimentos são transmitidos entre gerações, preservando modos de trabalho que respeitam os ciclos naturais e garantem a sustentabilidade das atividades produtivas, servindo-nos como exemplo para o entendimento da eficácia simbólica que acompanha a constituição de técnicas corporais forjadas no corpo e transmitidas entre gerações (Mauss, 2003).

A interdependência entre corpo, espaço e as atividades produtivas nas comunidades ribeirinhas é também um reflexo da estreita relação que essas populações mantêm com o rio, que não apenas define as atividades produtivas, mas também influencia a organização social e a cultura. O corpo ribeirinho está em constante adaptação às mudanças sazonais do rio, o que exige um ajuste contínuo das práticas de atividades produtivas e das formas de uso do corpo. A vazante e a cheia, por exemplo, determinam os períodos de pesca, de plantio e de coleta, e o corpo precisa se adequar a essas flutuações para garantir a eficácia do trabalho. O espaço social, nesse sentido, não é estático, mas moldado por essa relação dinâmica entre o corpo e o ambiente, onde o trabalho físico e o saber tradicional garantem a sobrevivência da comunidade.

Ainda, o estudo da relação entre corpo, espaço social e as atividades produtivas nas tradições ribeirinhas revela como essas práticas corporais também são formas de reexistência cultural. As atividades realizadas pelas mulheres ribeirinhas, como o trabalho artesanal e o manejo sustentável dos recursos naturais, são formas de preservar e transmitir tradições que estão sob ameaça diante das transformações econômicas e sociais impostas pelo mundo globalizado. A reexistência dessas práticas corporais e laborais reflete uma tentativa de manter o equilíbrio entre o uso dos recursos naturais e a preservação das formas de vida tradicionais, que valorizam o cuidado com o meio ambiente e a solidariedade comunitária.

Em síntese, a relação entre corpo, espaço social e as atividades produtivas nas tradições ribeirinhas é uma manifestação complexa da interação entre o ambiente natural, as práticas culturais e a organização social. O corpo, nesse contexto, é mais do que um agente do trabalho físico: ele é um repositório de saberes e tradições, uma ferramenta de reexistência cultural e um elo fundamental entre o ser humano e o meio ambiente. Ao explorar essa interdependência, é possível entender como as práticas corporais, laborais e sociais se entrelaçam para garantir a sobrevivência e a

continuidade das tradições ribeirinhas, revelando o valor das mulheres ribeirinhas como agentes sociais neste contexto.

7.3 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa desenvolvida para analisar como se dá a relação entre as práticas corporais a construção social da mulher ribeirinha da Foz do Rio Mazagão Velho utilizou uma abordagem metodológica qualitativa do tipo pesquisa de campo, composta por um conjunto de técnicas que permitem uma compreensão profunda das dinâmicas sociais, culturais e econômicas da comunidade.

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com 23 mulheres participantes do estudo, permitindo uma abordagem flexível e aprofundada sobre suas experiências de vida, suas atividades laborais e o papel das práticas corporais em seu cotidiano. A técnica das entrevistas semiestruturadas é caracterizada por um roteiro previamente definido, mas que oferece espaço para adaptações conforme a entrevista avança, permitindo que novas questões emergentes possam ser exploradas de acordo com as respostas das participantes, conforme define a entrevista como:

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O Pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam. (SEVERINO, 2016, p.133).

As entrevistas tiveram como objetivo principal compreender as relações dessas mulheres com suas atividades produtivas, o espaço social e a comunidade. Foram abordados temas como a importância das práticas corporais, as mudanças na organização comunitária ao longo do tempo e os desafios enfrentados no contexto ribeirinho. A flexibilidade das entrevistas semiestruturadas possibilitou captar tanto os aspectos objetivos do trabalho quanto as percepções subjetivas das mulheres em relação ao papel do corpo no desempenho de suas atividades e na manutenção das tradições locais, permitindo ainda que as narrativas pessoais emergissem, enriquecendo o entendimento sobre o contexto sociocultural em que essas mulheres estão inseridas e destacando o conhecimento tradicional presente em suas práticas cotidianas.

Esse tipo de entrevista, permitiu a pesquisadora conhecer a trajetória de vida e narrativas dos sujeitos, pois, o entrevistado discorre de forma espontânea sobre o tema proposto, possibilitando responder questões a partir das perguntas feitas pelo pesquisador/pesquisadora (Minayo, 2016). As informações obtidas na entrevista respondem de forma explicativa como os sujeitos sentem, pensam e acreditam (Gil, 2019). Para tanto, fez-se necessário que a pesquisadora elaborasse um roteiro com questões claras e de compreensão simples, facilitando as respostas das participantes, sendo estas elaboradas de acordo com os objetivos específicos da pesquisa, levando em consideração aspectos sociodemográficos, e como se dá a construção social do corpo das mulheres ribeirinhas nas práticas corporais cotidianas.

Além das entrevistas, a observação participante foi uma técnica essencial para a compreensão direta das práticas corporais e das interações sociais das mulheres da comunidade ribeirinha. Essa técnica envolveu a imersão da pesquisadora no cotidiano da comunidade, permitindo uma observação aprofundada das dinâmicas sociais, culturais e econômicas a partir de uma perspectiva interna. A pesquisadora, ao participar das atividades da comunidade, teve a oportunidade de observar os comportamentos, rotinas e interações sociais, registrando detalhes que nem sempre são capturados através de entrevistas ou outros métodos mais estruturados.

No contexto desta pesquisa, a observação participante permitiu acompanhar de perto as práticas corporais das mulheres em atividades como a pesca e o extrativismo, além de outras práticas corporais presentes no cotidiano das mulheres. Esse contato direto possibilitou uma compreensão mais detalhada das habilidades físicas e do conhecimento corporal envolvido nessas atividades, além de revelar como o corpo das mulheres ribeirinhas é moldado por essas práticas e como elas interagem com o ambiente natural.

A observação participante permitiu o registro das interações entre as mulheres e seus familiares, vizinhos e a comunidade em geral, oferecendo uma visão mais rica sobre o contexto social que sustenta as práticas laborais e culturais da comunidade. Essa técnica revelou também o papel das redes de apoio mútuo entre as mulheres e como as atividades produtivas são organizadas de forma coletiva, especialmente em atividades como a pesca e o manejo dos recursos naturais.

As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelas próprias

participantes, previamente definidos, de maneira individualizada, de modo a garantir sua privacidade, conforto, respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas envolvendo seres humanos, conforme resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número CAAE 66401022.1.0000.5540 através do parecer 5.866.088 de 27/01/2023.

Para a análise das informações de campo, foram utilizados métodos qualitativos com foco na análise de conteúdo, seguindo a categorização de Bardin (2016). As entrevistas foram transcritas e as notas de campo organizadas, sendo, posteriormente, codificados e sistematizados no software NVivo Release 1.7.2, identificando temas e categorias emergentes.

As categorias foram definidas com base nos temas recorrentes identificados nas entrevistas e observações, que foram interpretadas à luz do referencial teórico, buscando compreender as relações entre as práticas corporais e as atividades produtivas das mulheres ribeirinhas, permitindo uma compreensão aprofundada da relação entre essas variáveis na perspectiva das mulheres ribeirinhas, considerando o contexto social em que estão inseridas.

As categorias de análise foram delineadas a partir do tema central "Relação entre corpo, espaço social e atividades produtivas nas tradições ribeirinhas", resultando na definição de duas categorias principais: (I) Práticas Corporais e Papéis de Gênero e (II) Protagonismo Feminino e Transformação Social. Essas categorias emergiram da investigação das dinâmicas socioculturais que permeiam as práticas corporais das mulheres ribeirinhas, considerando suas interações com o espaço social e as atividades produtivas, evidenciando a inter-relação entre corpo, organização social e transformação coletiva.

7.4 Ser mulher ribeirinha na Foz do Rio Mazagão Velho:

Vinte e três mulheres (quadro 4), moradoras da comunidade ribeirinha da Foz do Rio Mazagão Velho, todas associadas à Associação de Mulheres Produtoras da Foz do Rio Mazagão Velho (AMPAFOZ), compõem o nosso universo de pesquisa. Nesse interim, vale ressaltar que a associação desempenha um papel central na organização das atividades produtivas femininas locais, promovendo a autonomia

econômica e social das mulheres por meio de atividades produtivas que integram o saber tradicional à economia sustentável. A AMPAFOZ tem como objetivo fortalecer a inserção das mulheres na economia local e regional, ao mesmo tempo em que preserva e valoriza as práticas culturais ribeirinhas.

Quadro 4 – Caracterização das interlocutoras

Identificação	Idade	Estado civil	Escolaridade
Interlocutora 1	42	união estável	nunca estudou
Interlocutora 2	32	casada	ensino superior
Interlocutora 3	não informou	casada	ensino fundamental
Interlocutora 4	36	união estável	ensino médio
Interlocutora 5	25	união estável	ensino fundamental
Interlocutora 6	25	união estável	ensino superior
Interlocutora 7	34	união estável	ensino fundamental
Interlocutora 8	24	união estável	ensino médio
Interlocutora 9	23	solteira	ensino superior
Interlocutora 10	50	casada	ensino fundamental
Interlocutora 11	26	solteira	ensino fundamental
Interlocutora 12	28	união estável	ensino fundamental
Interlocutora 13	41	união estável	ensino fundamental
Interlocutora 14	58	casada	nunca estudou
Interlocutora 15	51	união estável	nunca estudou
Interlocutora 16	42	casada	ensino fundamental

Interlocutora 17	29	união estável	ensino superior
Interlocutora 18	47	casada	ensino fundamental
Interlocutora 19	48	união estável	ensino médio
Interlocutora 20	40	divorciada	ensino fundamental
Interlocutora 21	34	solteira	ensino médio
Interlocutora 22	43	casada	ensino médio
Interlocutora 23	34	solteira	ensino fundamental

Fonte: Pesquisa de campo, 2023

As participantes deste estudo são mulheres ribeirinhas com idades entre 23 e 58 anos. Independentemente de terem nascido na comunidade, todas se identificam como ribeirinhas, pois vivem à margem do rio e compartilham os modos de vida, saberes e práticas característicos dessa identidade. Em relação ao estado civil, 6 eram amigadas, 7 casadas, 3 em união estável, 3 amaziadas e 4 solteiras. Quanto à escolaridade, 3 nunca estudaram, 11 concluíram até o ensino fundamental, 5 até o ensino médio e 4 chegaram ao ensino superior. Essas mulheres desempenham múltiplas funções dentro de suas famílias e da comunidade. Elas são protagonistas em atividades econômicas ligadas à pesca artesanal, ao cultivo de pequenas roças e à coleta de produtos da floresta. Além disso, suas práticas de trabalho são fortemente marcadas pela organização coletiva, onde a cooperação mútua dentro da AMPAFOZ se torna um diferencial para o sucesso de suas atividades produtivas.

Todas as mulheres participantes denominam-se ribeirinhas, um exemplo disso podemos ver na fala: "Moro aqui há 32 anos, nascida e criada aqui, minha família toda é da beira do rio, tudo o que faço depende desse rio", afirma a Interlocutora 7 (2023), evidenciando a essência de ser ribeirinho, que se define pela conexão profunda e simbiótica com o território e o rio. O rio, mais do que um recurso natural, é central na vida cotidiana, funcionando como fonte de subsistência, espaço de convivência e elemento estruturante da identidade cultural. Essa relação é construída e preservada por meio da transmissão intergeracional de saberes, como técnicas de pesca e

manejo do ambiente, além de ser reforçada pela coletividade, expressa no apoio mútuo e na valorização das relações comunitárias. A Interlocutora 4 (2023) reforça esse pertencimento ao dizer: "Sempre morei aqui, quando eu saio daqui é só pra querer voltar logo, não me acostumo. Como diz minha mãe: 'Essa menina só quer tá aqui.' A minha alegria, quando não é tá no mato, é tá no rio pescando." Suas palavras destacam o apego ao local e ao modo de vida, construído a partir de vivências e aprendizados compartilhados com a comunidade: "Aqui na Foz você vai aprendendo com as pessoas, todo mundo gosta de ajudar. Tudo o que eu faço foi eles que me ensinaram." Assim, ser ribeirinho é viver integrado ao ambiente natural, integrando as práticas de atividades produtivas, cultura e reexistência, com um forte sentimento de pertencimento e coletividade, que moldam a identidade das comunidades amazônicas.

Além de morar na beira do rio, outras características marcam o ser ribeirinho, o pertencimento, por exemplo, destacado nas falas, a diversidade de atividades produtivas realizadas pelas mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho, evidenciando uma relação profunda entre as atividades produtivas, a cultura local e o ambiente. As práticas descritas incluem pesca artesanal, pesca de camarão, coleta e manejo de açaí, cultivo de pequenos roçados, coleta de murumuru, além de atividades de processamento e comercialização. Essas mulheres desempenham papéis centrais na economia familiar e comunitária, combinando saberes tradicionais com as dinâmicas contemporâneas do território. Reforçando o que Pereira e Silva (2023) retratam, em relação aos significados sociais, estes são apropriados pelos sujeitos a partir de suas atividades e compartilhados coletivamente, reforçando identidades construídas em torno de relações de gênero, trabalho e território.

A transmissão de conhecimentos entre gerações aparece como um elemento central na preservação da cultura e das práticas produtivas. A Interlocutora 7 (2023) afirma: "Tudo o que a gente faz veio dos mais velhos, aqui a gente respeita a história e vai passando pros nossos filhos." Essa continuidade fortalece a identidade ribeirinha e mantém vivas técnicas tradicionais, como o uso de matapis para pesca e o manejo artesanal do açaí. A coletividade também é um aspecto recorrente. A Interlocutora 4 (2023) destaca: "A maioria [dos trabalhos] não é sozinha, é junto com a família ou outras pessoas," e a Interlocutora 23 (2023) complementa: "Todo mundo faz um pouco pra todo dia a gente ter o nosso pra comer e pra vender." Essa dinâmica de

colaboração familiar e comunitária reforça os laços sociais e a solidariedade entre os membros da comunidade, em consonância com Alencar e Souza (2021), que mostram como o trabalho pesqueiro é um empreendimento coletivo, permitindo a transmissão de conhecimentos. Assim como Martinez (2019) reforça, em geral, as mulheres atuam em conjunto com seus familiares, garantindo a logística necessária, o que demonstra como elas desempenham papéis centrais na economia comunitária, combinando saberes tradicionais com as dinâmicas contemporâneas do território.

A diversidade e sazonalidade das atividades produtivas são aspectos marcantes no modo de vida das mulheres ribeirinhas. A Interlocutora 11 (2023) relata: "Quando não é um, é outro. Por exemplo, na época de açai a gente faz a programação do açai, aproveita pra tirar bastante e vender, depois vem o camarão... o ano todo tem alguma coisa." Essas mulheres demonstram grande capacidade de adaptação às mudanças sazonais e ambientais, reorganizando suas práticas de acordo com as condições naturais e as demandas econômicas. A Interlocutora 1 (2023) reforça essa lógica ao afirmar: "Todo santo dia, quando é tempo de açai, é açai, quando é tempo de camarão, camarão, quando não tem nenhum dos dois, nós vamos pro roçado, eu e meu marido."

Além de sua dimensão econômica, as práticas produtivas também impactam fisicamente as mulheres e reforçam sua conexão com o ambiente. O corpo é moldado pela relação constante com o território, que também funciona como espaço de renovação física e emocional. Tal processo ilustra o que Pereira e Silva (2023) denominam de apropriação de condições socioculturais para romper limites e criar possibilidades de emancipação, sobretudo quando as mulheres percebem seu potencial e força.

A identidade ribeirinha é intrinsecamente ligada às atividades produtivas e ao território. A Interlocutora 3 (2023) ressalta:

"Sou filha da comunidade, do Mazagão Velho minha vida, dos meus filhos e dos meus netos é aqui. Me criei nesse rio. No nosso terreno é farto, a gente tem açai, eu não subo no açazeiro, mas todo o resto eu faço, meu marido e meus filhos que cuidam. No tempo do açai, a gente se junta pra dar conta."

Já a Interlocutora 11 (2023) destaca: "Desde que cheguei aqui peguei o gosto, vi que a mulherada não fica só em casa, conheci a associação e agora eu não paro

mais." Essas falas revelam como o trabalho vai além da subsistência, sendo também uma expressão de pertencimento, autonomia e protagonismo das mulheres ribeirinhas. Para Pereira e Silva (2023), a liderança feminina em comunidades ribeirinhas indica subjetividades que permitem enfrentar desafios e construir identidades peculiares na Amazônia.

A Interlocutora 4 (2023) comenta:

"Como eu falei, tudo que dá, eu aproveito, porque tudo tem o tempo, como esse negócio da doença que deu no camarão, aí tem que correr pro outro lado. Como eu faço de tudo, vou começar: O açaí, eu sou peconheira, me garanto, faço a peconha, subo no açazeiro, tiro o açaí, de lá a gente vai fazer a debulha, tira tudinho pra não perder e vai vender."

Essa versatilidade ilustra a capacidade de adaptação frente às adversidades, característica das comunidades ribeirinhas e, segundo Alencar e Souza (2021), em nível individual, as mulheres elaboram estratégias para contornar restrições e buscar alternativas diante das adversidades, tornando-se modelos de referência a outras mulheres da comunidade. Esse movimento reforça a capacidade adaptativa e a autonomia.

Por fim, a Interlocutora 20 (2023) resume o espírito do cotidiano ribeirinho: "De segunda a sábado tem trabalho, domingo é dia de igreja. Às vezes é sozinha, às vezes com meus filhos, quando não tão na atividade deles. Fui aprendendo, acho que agora faço do meu jeito." Essas falas mostram que as práticas produtivas, além de garantirem a sobrevivência econômica, sustentam a identidade cultural e o vínculo emocional com o território, reafirmando o papel central dessas mulheres na preservação e transformação do modo de vida ribeirinho. Para Pereira e Silva (2023), ao ocuparem papéis de liderança, as mulheres se tornam exemplos de protagonismo para outras, fomentando uma sociedade mais igualitária.

As falas das mulheres ribeirinhas destacam não apenas suas atividades produtivas, mas também práticas do cotidiano que não estão diretamente ligadas à produção, evidenciando a riqueza das dinâmicas sociais, culturais e de convivência na comunidade. Essas práticas reforçam o papel das mulheres como protagonistas na organização da vida ribeirinha, mesclando atividades produtivas, lazer e interações comunitárias, conforme Palheta e Alencar (2021), a organização coletiva das mulheres

ribeirinhas revela a construção de uma identidade própria que transcende a mera subsistência.

A Interlocutora 12 (2023) reflete sobre o dia a dia da comunidade ao afirmar:

"Aqui é só trabalho e descanso na minha rede. Aqui, quando ninguém tá trabalhando, tá carregando pedra, um modo de dizer, porque bom, hoje não tem pesca, digamos que o pescador não tá pescando mais. Ele tá fazendo um bico na carpintaria com um, tá fazendo um bico roçando pegando uma diária com outro."

Sua fala aponta para a dinâmica de constante movimento e busca por alternativas, como serviços eventuais ou tarefas domésticas e comunitárias, que sustentam o cotidiano. Essa versatilidade demonstra a capacidade de adaptação da comunidade diante de condições adversas, como a maré ou a ausência de recursos em determinadas épocas (Leitão et al, 2021)

Ainda segundo a Interlocutora 12 (2023), momentos de lazer e descanso são integrados às práticas de atividades produtivas. Ela comenta: "Eu só trabalho, no meu tempo de lazer, eu descanso. Lá de casa, nós vamos todos juntos coletar o açaí lá no terreno... cada vez é um que sobe." Essa fala revela como as práticas produtivas também se tornam momentos de convivência e fortalecimento de laços familiares. Apesar da exaustão física relatada, as atividades produtivas são apresentadas como um espaço compartilhado e significativo. Como ressaltam Maneschy, Siqueira e Alvares (2012), é preciso considerar as múltiplas dimensões culturais e simbólicas que marcam os espaços femininos de trabalho e convivência.

A Interlocutora 2 (2023) traz outra perspectiva ao destacar como a convivência e o lazer estão presentes na comunidade. Ela menciona:

"Eu trabalho com venda de cosméticos, então, vira e mexe, eu tô na casa de algumas por aí, então, é uma convivência. Chega o fim da tarde, mesmo cansada, exausta, a gente vai pra academia, a gente se diverte, de vez em quando 'espoça o bucho' (risos), ouvi falar, e a gente se diverte junto e tal."

Essa fala evidencia que, apesar das múltiplas demandas do dia, as mulheres encontram tempo para socializar, cuidar do corpo e se divertir. A academia, mencionada como um espaço de encontro, lazer e bem-estar, desempenha um papel importante na criação de momentos de interação e relaxamento após um dia de trabalho árduo. A relação com o rio, destacada em sua fala sobre o pai pescador,

também reforça o vínculo emocional com o território e como ele molda sua identidade: "Meu pai era pescador artesanal, acho que por isso que eu gosto de beira de rio."

Essas falas ilustram que o cotidiano das mulheres ribeirinhas vai além das atividades produtivas. Há uma integração constante entre atividades produtivas, lazer, aprendizado e convivência comunitária. Momentos de descanso na rede, interações sociais durante a venda de produtos ou a participação em espaços como a academia refletem a construção de uma vida equilibrada e integrada às condições do território. A busca por diversão, aprendizado e convivência demonstra que, mesmo diante das exigências do trabalho, essas mulheres conseguem cultivar espaços de bem-estar e fortalecimento comunitário. Essa concepção de "corpo em movimento" pode ser encarada como uma forma de reexistência e reafirmação identitária (Goellner, 2005)

Assim, práticas como o descanso em redes, encontros na academia, participação em cursos e momentos de socialização com vizinhos e familiares mostram como as mulheres ribeirinhas articulam diferentes dimensões da vida em comunidade, ampliando sua autonomia e fortalecendo os laços culturais e sociais que definem sua identidade. Em conformidade com Palheta e Alencar (2021), esse exercício de agência feminina no espaço ribeirinho sugere que as mudanças sociais dependem da pluralidade de experiências e da auto-organização das mulheres no contexto Amazônico, como por exemplo, em associações.

7.5 Práticas corporais e papéis de gênero na Foz do Rio Mazagão Velho

A categoria "Práticas Corporais e Papéis de Gênero" examina como as mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho descrevem e percebem a relação entre suas práticas corporais e a divisão do trabalho em seus relatos e falas. A análise revela que as atividades produtivas desempenhadas por essas mulheres, como a pesca, a agricultura e o trabalho comunitário, são fundamentais para a construção de seus corpos e identidades, moldando habilidades físicas e conhecimentos transmitidos geracionalmente. Nos discursos das mulheres associadas à AMPAFOZ, observa-se tanto a reprodução quanto a contestação das normas culturais e sociais de gênero. Enquanto algumas práticas corporais reforçam a divisão tradicional do trabalho, outras emergem como formas de reexistência, desafiando as expectativas impostas e reivindicando maior autonomia e reconhecimento social. Dessa forma,

essa categoria permite compreender as interseções entre corpo, trabalho e gênero na experiência das mulheres ribeirinhas, evidenciando tensões e transformações dentro do contexto comunitário.

A divisão sexual do trabalho constitui uma estrutura sociocultural que organiza as funções e atividades produtivas e reprodutivas de acordo com o gênero. No contexto das comunidades ribeirinhas, essa configuração não apenas reflete os papéis tradicionais de gênero, mas também influencia profundamente as práticas corporais das mulheres em função das demandas do trabalho cotidiano. Vale destacar que atividades produtivas como a pesca e o extrativismo do açaí são práticas sociais caracterizadas por forte dimensão corporal, exigindo habilidades físicas e conhecimento empírico transmitido entre gerações (Alencar e Souza, 2021; Pereira e Silva, 2023)

Como apontam Alencar e Sousa (2021), as mulheres desenvolvem essas atividades em parceria com outros membros do grupo doméstico — marido, filhos ou filhas — ou como parte de equipes formadas pelo grupo de parentesco ou mesmo as associações. Esse envolvimento coletivo e intergeracional cria oportunidades de partilha de conhecimentos e habilidades técnicas, caracterizando os sistemas socioecológicos locais.

Entretanto, Mangubhai e Lawless (2021) alertam para a mera inclusão de uma abordagem de gênero nas diversas ações não significa que as organizações de pescadores buscarão efetivamente atingir as mulheres, gerar benefícios ou criar situações para seu protagonismo e transformação de suas vidas. A invisibilidade das mulheres nas atividades de manejo e captura e em outras etapas da cadeia produtiva tornou-se uma questão etnográfica e conceitual. Para romper com essa lógica, faz-se necessário entender a pesca, o extrativismo e demais atividades produtivas como trabalhos coletivos, em que homens e mulheres atuam.

Considerando que as relações de gênero no contexto familiar e comunitário são expressões de poder (Alencar e Souza, 2021), observa-se que os homens costumam tomar decisões que limitam as ações das mulheres. Essa perspectiva reforça uma metáfora espacial e de gênero que define lugares sociais distintos para homens e mulheres, sobretudo quando se trata de atividades em que a atuação feminina ocorre de forma individual, e não como parte de um grupo familiar.

No âmbito individual, muitas mulheres desenvolvem estratégias para neutralizar as restrições dos maridos ou companheiros e para apaziguar temores relativos à sua conduta ao se engajarem em equipes formadas apenas por mulheres ou com membros do próprio grupo doméstico (Alencar; Souza, 2021). Aos poucos, tornam-se referência para outras mulheres, que passam a se envolver nas atividades dos projetos e vislumbrar novas possibilidades de trabalho e de existência no universo da pesca. Ainda assim, mesmo em projetos que aceitam a participação feminina, elas sofrem discriminação de gênero na distribuição das tarefas, ficando com as consideradas “mais leves” ou “naturalmente” femininas, como cozinhar, lavar roupas ou realizar a limpeza (Alencar, Souza e Gonçalves, 2014).

Essas dinâmicas evidenciam como as atividades tipicamente atribuídas às mulheres — coleta de frutos, preparo de alimentos, cuidados com os filhos e manutenção do lar — impactam diretamente a construção de seus corpos e reforçam papéis de gênero enraizados em normas culturais e sociais. Ao mesmo tempo, a compreensão de que a pesca e o extrativismo do açai são práticas corporais ressalta a relevância do papel feminino em processos produtivos que dependem de conhecimento, destreza e interação constante com o ambiente natural. De acordo com Pereira e Silva (2023), esse mesmo sentido de apropriação pode ser ressignificado, gerando possibilidades de emancipação inscritas na trajetória pessoal e coletiva das mulheres ribeirinhas.

As práticas corporais desempenham um papel fundamental na reprodução simbólica e material dos papéis de gênero (Pereira e Silva, 2023). Nas comunidades ribeirinhas, as mulheres são frequentemente responsáveis por atividades que são caracterizadas como ajuda a um trabalho principal ou uma extensão dos trabalhos domésticos. Essas experiências moldam o corpo feminino como um espaço de expressão das dinâmicas sociais que limitam ou promovem sua autonomia., exemplo disso é a fala da Interlocutora 10 (2023) destaca o papel das mulheres no trato do peixe: "Daí a mulherada vai tratar do peixe pra comer."

Na contramão dessa prática, a Interlocutora 4 (2023) complementa com sua experiência ao integrar diferentes atividades, que não estão restritas às atividades domésticas ou à atividades acessórias ao processo produtivo da comunidade: "Faço parte da Associação das mulheres, eu também pesco camarão, às vezes, quando dá,

eu tiro açaí, quando não, trabalho de mulher mesmo. Eles já tão grande, já dão conta. Antes as mulheres não jogavam muito futebol, agora jogam."

Esses relatos evidenciam como as práticas corporais não só refletem papéis tradicionais, mas também criam espaços de autonomia e reexistência. Ao pensarmos na noção de performatividade de gênero de Judith Butler (2020), percebemos que o gênero não é entendido como algo fixo ou natural, mas sim construído e reiterado por meio de práticas sociais, culturais e discursivas que se repetem no dia a dia. Em outras palavras, a identidade de gênero é produzida pelas ações e pelos comportamentos que as pessoas incorporam constantemente, e não por alguma essência biológica ou interna pré-existente.

No trecho em questão, fica evidente como essas ações "tipicamente femininas" — coleta de frutos, preparo de alimentos, cuidados com os filhos, manutenção do lar e outras tarefas domésticas — se tornam performances reiteradas que definem e marcam o corpo feminino. Seguindo a perspectiva de Butler (2020), cada uma dessas atividades funciona como um "ato de fala" (ou gesto, prática) que confirma e reproduz os papéis de gênero. Assim, o corpo da mulher ribeirinha passa a ser construído e reconhecido socialmente na medida em que ela desempenha (ou é designada para desempenhar) essas tarefas.

Contudo, Butler (2020) também chama atenção para a possibilidade de subversão das normas de gênero. Quando o texto mostra mulheres participando de atividades como pesca de camarão, extração de açaí ou mesmo jogando futebol, há uma reconfiguração daquilo que é visto como "papel de mulher" nessas comunidades. Essa transformação ocorre justamente porque a performatividade não é imutável: ela pode ser apropriada, ressignificada e, portanto, deslocada de seu sentido original.

Dessa forma, quando as interlocutoras (principalmente a Interlocutora 4) narram sua inserção em trabalhos antes considerados masculinos ou em práticas esportivas, elas rompem com a repetição normativa que as restringia às atividades domésticas. A possibilidade de atuarem em outras funções — além do "trabalho de mulher mesmo" — produz novos sentidos para o que é ser mulher na comunidade e amplia o repertório de performances disponíveis. Esse movimento de apropriação e expansão das práticas corporais reflete o que Butler (2020) entende como potencial subversivo da performatividade, pois inscreve outros significados no corpo feminino e,

ao mesmo tempo, transforma as convenções sociais que separam “trabalhos de homem” e “trabalhos de mulher”.

A Interlocutora 6 (2023) relata a dinâmica de suas atividades:

"Meu esposo, ele trabalha de tudo, tudo o que tu imaginar, ele mexe. Açai e camarão, só pra comer mesmo. Eu e meu marido vamos juntos, às vezes vai até mais gente. Quando eu vou ajudar meu marido, a pesca de matapi... mas, normalmente eu só faço o matapi mesmo, que dá muito trabalho, mas não é sempre que precisa."

Essa descrição reforça a complementaridade entre as atividades masculinas e femininas na comunidade.

Embora as práticas corporais possam reforçar papéis tradicionais de gênero, elas também oferecem espaços para reexistência e transformação. A Interlocutora 4 (2023) observa as mudanças nas práticas femininas: "Antes as mulheres não jogavam muito futebol, agora jogam." A Interlocutora 18 (2023) destaca a liberdade que percebe entre as mulheres da comunidade: "Cuido da minha casa, só tenho macho em casa, aí já viu. Nenhuma, aqui a gente faz o que quer, se tu conhecer a mulherada então, vai ver só."

O acesso à educação e à formação técnica pode ampliar as possibilidades de atuação dessas mulheres, redimensionando as práticas corporais para além das atividades laborais tradicionais. A Interlocutora 6 (2023) exemplifica essa transformação: "Eu tô cursando Ensino Superior". Isso contribui para um processo de ressignificação dos corpos femininos, que passam a ser vistos como agentes de mudança social e não apenas como instrumentos de reprodução das atividades produtivas. Esse processo de reconfiguração da participação feminina corrobora com o que Alencar, Palheta e Souza (2015) configuram como estratégias para o protagonismo feminino, nas quais as mulheres constroem espaços de participação política e buscam transformar os papéis que lhes foram atribuídos.

7.6 Protagonismo feminino e transformação social na Foz do Rio Mazagão Velho

A categoria "Protagonismo Feminino e Transformação Social" analisa como as mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho utilizam as práticas corporais como estratégias de reexistência aos papéis tradicionais de gênero. Em seus depoimentos, elas narram experiências em que o envolvimento em atividades produtivas e

comunitárias não apenas desafia a divisão sexual do trabalho, mas também fortalece a autoestima e o senso de pertencimento. A participação ativa na pesca, na agricultura e em práticas coletivas vinculadas à AMPAFOZ é frequentemente associada à valorização da identidade feminina e ao reconhecimento cultural dentro da comunidade. Além disso, as falas das mulheres evidenciam como essas práticas corporais impulsionam mudanças sociais, econômicas e culturais, ampliando sua autonomia e redes de apoio. Dessa maneira, essa categoria destaca o corpo como um elemento central na construção de novas possibilidades de atuação feminina, contribuindo para a transformação das relações de gênero e da estrutura social no contexto ribeirinho.

A construção de um olhar crítico sobre as desigualdades de gênero passa, inevitavelmente, pela compreensão do corpo como espaço de reexistência, protagonismo e transformação social. O protagonismo corporal feminino emerge como um movimento que ressignifica o corpo não apenas como instrumento de trabalho ou objeto de controle social, mas como um símbolo de autonomia, identidade e poder. Nesse contexto, as práticas corporais desempenham um papel fundamental ao promover o enfrentamento das desigualdades de gênero, o fortalecimento da identidade feminina e a subversão de papéis tradicionais (Palheta e Alencar, 2021). Nesse caso, as práticas corporais femininas, especialmente em contextos de desigualdade, constituem formas concretas de reexistência à opressão de gênero.

Nos relatos coletados, a Interlocutora 13 (2023) narra sua experiência com a coleta de açaí antes de sofrer um acidente:

"Quando eu fazia, o que mais gostava era tá no açazeiro. Então, com o açaí, vou lá pro terreno e dou uma boa limpeza no caminho com o terçado. Daí, pego a minha peconha, ponho no pé, e subo, quer dizer, subia, corto os cachos e desço com ele. Quando eu termino, vou debulhar, até o último caroço, fica pronto pra vender."

Essa dedicação reflete a relação profunda entre o corpo e as práticas que sustentam a família, mesmo diante das adversidades.

A Interlocutora 19 (2023), por sua vez, enfatiza a importância da associação de mulheres em sua comunidade:

"Quando você entende que a mulher também pode prover a família, que ela é importante, você sente que pode fazer todas as coisas. Aqui nós somos

poderosas, vamos fazendo tudo o que os homens fazem, a nossa associação é forte, a gente faz projeto pra melhorar de vida."

Essas organizações são espaços de reexistência que ampliam as possibilidades de protagonismo feminino, coerente com Leitão (2021), ao discutirem a necessidade de visibilizar o trabalho das mulheres e inserir suas pautas em espaços decisórios.

O fortalecimento da identidade feminina por meio do corpo envolve um processo de ressignificação que rompe com os estereótipos de fragilidade e subordinação (Pereira e Silva, 2023). As práticas corporais possibilitam a criação de espaços de pertencimento e de troca de experiências, onde as mulheres podem compartilhar desafios e vitórias. Esses espaços são fundamentais para a formação de uma consciência coletiva e para o fortalecimento de laços que promovem a solidariedade e o apoio mútuo (Maneschy, Siqueira e Alvarez, 2012).

A Interlocutora 20 (2023) destaca a importância do rio em sua vida e o papel transformador da participação ativa na comunidade: "Tudo o que eu consegui, que Deus me abençoou, foi aqui dentro desse rio e eu sou muito grata a Deus por tudo o que Ele me deu, pela família que eu construí. Sou grata a Deus por participar da Associação de Mulheres." Seu relato demonstra como a participação coletiva fortalece a identidade ribeirinha. A mesma interlocutora complementa ao afirmar: "Aprendi desde nova, nunca deixei homem mandar em mim. Positiva, as mulheres daqui são viradas." Esse protagonismo individual reflete a força coletiva que permeia as mulheres da comunidade.

O protagonismo corporal também desafia os papéis tradicionais de gênero, promovendo uma ressignificação das práticas sociais e culturais que limitam as mulheres. Ao se apropriarem de espaços tradicionalmente masculinos, como o esporte ou o trabalho físico pesado, as mulheres questionam as hierarquias de gênero e expandem as possibilidades de atuação para além do domínio doméstico (Martinez et al., 2019).

A Interlocutora 8 (2023) exemplifica esse processo ao dizer: "A associação sempre diz pra gente que precisamos ser independentes, o empreendedorismo é uma forma de a mulher se manter, comprar suas coisinhas, dos seus filhos e assim vai."

Esse tipo de aprendizado gera transformações profundas na forma como as mulheres se percebem e agem em suas comunidades.

A Interlocutora 18 (2023) traz à tona a dinâmica do trabalho cotidiano: "Todo dia, às vezes até no domingo, é assim: limpar terreno, subir no açazeiro, cortar o cacho e debulhar. Às vezes é em grupo, às vezes sozinha. Aqui a gente faz o que quer, se tu conhecer a mulherada então, vai ver só." Essas práticas subvertem a ideia de que o trabalho físico é exclusividade masculina. Conforme Alencar, Palheta e Souza (2015), somente uma compreensão contextualizada dos arranjos produtivos permite captar a verdadeira dimensão das mudanças culturais e políticas que as mulheres introduzem no cotidiano.

O protagonismo corporal feminino como forma de reexistência vai além da dimensão física, alcançando as esferas emocional, social e política. Por meio das práticas corporais, as mulheres conquistam espaços de autonomia e desafiam as desigualdades de gênero, promovendo a transformação de papéis tradicionais e o fortalecimento da identidade feminina. Essa dinâmica, além de subverter as relações de poder, abre caminho para uma sociedade mais igualitária e inclusiva, onde o corpo feminino é visto como um agente de reexistência e transformação.

7.7 Considerações Finais

O estudo das práticas corporais e das atividades produtivas das mulheres ribeirinhas da Foz do Rio Mazagão Velho revela a complexa teia de relações sociais, culturais, econômicas e ambientais que permeiam seu cotidiano. Ao longo desta pesquisa, evidenciou-se que o corpo feminino, longe de ser apenas um instrumento de trabalho, constitui-se como um espaço de significações, saberes e reexistências. Desse modo, as mulheres ribeirinhas tornam-se protagonistas de suas histórias, afirmando-se como agentes de transformação tanto em âmbito local quanto no contexto mais amplo de lutas por equidade de gênero.

A análise das narrativas das interlocutoras permitiu compreender que as atividades produtivas — como pesca, coleta de açai, manejo de pequenos roçados e artesanato — não só garantem a subsistência familiar, mas também fortalecem a identidade ribeirinha e promovem laços de solidariedade. A atuação em rede, especialmente mediada pela Associação de Mulheres Produtoras da Foz do Rio

Mazagão Velho (AMPAFOZ), impulsiona a autonomia econômica e política dessas mulheres, ampliando seus horizontes de participação nas decisões comunitárias.

Constatou-se que as rotinas de trabalho físico intenso moldam a construção social do corpo feminino no contexto ribeirinho, ao mesmo tempo em que as práticas de lazer, convivência e autocuidado emergem como dimensões fundamentais para o bem-estar individual e coletivo. Apesar das persistentes desigualdades de gênero, há, por parte das mulheres, um movimento contínuo de reexistência e redefinição de papéis, evidenciado tanto na adoção de tarefas tradicionalmente masculinas quanto na consolidação de lideranças e projetos que valorizam seu protagonismo.

A importância das práticas corporais para o protagonismo feminino manifesta-se de diferentes formas: no fortalecimento da autoestima, na ampliação do senso de pertencimento à comunidade, no acesso a formações técnicas e na ocupação de espaços antes restritos aos homens. Tais transformações repercutem diretamente na organização social local, produzindo mudanças que extrapolam o domínio familiar e incidem em questões políticas e culturais — como a gestão sustentável dos recursos naturais e a manutenção das tradições ribeirinhas.

Por fim, salienta-se que a pesquisa de abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas e observação participante, mostrou-se adequada para apreender as nuances do cotidiano e dos significados que as mulheres atribuem às suas experiências. Ainda que este estudo se restrinja a um recorte específico — a Foz do Rio Mazagão Velho e as associadas à AMPAFOZ — ele contribui para a reflexão mais ampla acerca da condição das mulheres ribeirinhas na Amazônia, enfatizando a relevância de políticas públicas que promovam inclusão, igualdade de gênero e apoio às formas de organização coletiva.

Assim, espera-se que este trabalho inspire novas investigações e ações voltadas a potencializar o papel das mulheres nas comunidades ribeirinhas, reconhecendo-as como guardiãs de saberes ancestrais, agentes econômicas e sujeitas políticas fundamentais para a promoção de justiça social e ambiental na Amazônia.

7. CONSIDERAÇÕES GERAIS DA TESE

A presente pesquisa evidenciou, antes de tudo, a escassez de produções acadêmicas que abordem as práticas corporais dos povos ribeirinhos no Brasil, notadamente a partir da perspectiva das mulheres. Essa lacuna reforça a importância de expandir investigações que dêem visibilidade aos modos de vida dessas comunidades, reconhecendo sua diversidade cultural e social. O mapeamento realizado aponta que, embora haja estudos em Programas de Pós-Graduação, sobretudo nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, ainda são poucas as pesquisas que contemplam, de forma aprofundada, as práticas corporais femininas nesses territórios ribeirinhos.

A análise de dissertações e artigos indica que a área de Educação Física, em diálogo com as ciências humanas e sociais, tem contribuído para uma abordagem interdisciplinar do tema. Em linhas gerais, os trabalhos se dividem em três frentes: práticas corporais e sociedade, práticas corporais e saúde e práticas corporais e educação, com ênfase na dimensão sociocultural. Entretanto, a pouca quantidade de pesquisas sobre mulheres ribeirinhas aponta para a necessidade de se explorar as múltiplas interfaces existentes entre práticas corporais, gênero, saúde, educação e sustentabilidade, contemplando tanto as especificidades locais quanto a dinâmica mais ampla de integração dessas comunidades na esfera social, política e econômica.

No estudo de campo realizado na comunidade da Foz do Rio Mazagão Velho, por meio de observação participante e entrevistas com as mulheres associadas à AMPAFOZ (Associação de Mulheres Produtoras da Foz do Rio Mazagão Velho), constatou-se a riqueza e diversidade de práticas corporais que permeiam o cotidiano feminino. Atividades como extrativismo do açaí, pesca de camarão, coleta de murumuru, comercialização de produtos, participação em festas religiosas e não religiosas, além de modalidades como ginástica, musculação e caminhadas, demonstram que o corpo feminino não é meramente um instrumento de trabalho, mas sim um espaço de produção de significados, saberes e reexistências.

Observou-se, também, que essas práticas corporais se revelam centrais para a afirmação das mulheres ribeirinhas como protagonistas de suas trajetórias. O exercício de funções antes atribuídas aos homens e a liderança em projetos

comunitários reforçam a ideia de que as mulheres estão em processo contínuo de redimensionamento de papéis e de fortalecimento de sua autoestima, senso de pertencimento e autonomia política e econômica. Nesse contexto, o conhecimento ancestral, aliado às demandas contemporâneas, impulsiona transformações sociais que incidem diretamente sobre questões de gestão sustentável dos recursos naturais e de preservação das tradições ribeirinhas, ampliando o debate sobre o lugar das mulheres na manutenção e valorização da cultura local.

As contribuições para a aplicação prática decorrem de diversas reflexões suscitadas ao longo da pesquisa. É fundamental pensar em políticas públicas voltadas à inclusão produtiva das mulheres ribeirinhas, por meio de capacitações técnicas, fomento ao empreendedorismo local e criação de espaços de lazer e promoção de saúde que dialoguem com as particularidades do território. A experiência da AMPAFOZ demonstra que organizações semelhantes podem ser fortalecidas mediante apoio legal, financeiro e de formação, contribuindo para a autonomia econômica e a participação efetiva das mulheres nas decisões comunitárias. Instituições de ensino, sobretudo aquelas ligadas à Educação Física, podem desenvolver projetos de extensão que incorporem saberes tradicionais e promovam práticas físicas e culturais alinhadas às realidades ribeirinhas. Adicionalmente, valorizar os conhecimentos ancestrais relacionados ao extrativismo, à pesca e à agricultura de subsistência constitui uma via promissora para garantir a sustentabilidade sociocultural dessas comunidades.

No que diz respeito a futuras pesquisas, é recomendável a ampliação do universo investigado, abarcando outras regiões ribeirinhas da Amazônia e de outras bacias hidrográficas brasileiras, de modo a possibilitar análises comparativas. Estudos que englobem diferentes populações tradicionais, como indígenas, quilombolas e caiçaras, podem elucidar como as práticas corporais se reconfiguram em distintos contextos culturais, ambientais e históricos. A adoção de metodologias mistas (quantitativas e qualitativas) pode fornecer maior robustez às análises, contemplando dimensões como saúde física e mental, indicadores socioeconômicos e estratégias de adaptação diante das mudanças climáticas. Além disso, explorar interseccionalidades relacionadas a raça, geração, orientação sexual e outras variáveis identitárias contribuiria para um entendimento mais amplo das dinâmicas de equidade de gênero em tais localidades.

Entre as limitações desta pesquisa, destaca-se o fato de o estudo empírico ter se concentrado na comunidade da Foz do Rio Mazagão Velho e nas mulheres associadas à AMPAFOZ. Tal delimitação geográfica e de sujeitos implica um recorte específico, não permitindo a generalização imediata dos resultados para outras comunidades ribeirinhas. Além disso, a ênfase em metodologias qualitativas oferece uma visão em profundidade, mas carece de dados quantitativos que poderiam complementar a compreensão sobre a saúde, a economia e a qualidade de vida dessas populações. Por fim, o tempo de imersão em campo, ainda que significativo para a proposta da pesquisa, representa uma variável que pode ser expandida em investigações futuras, de modo a captar transformações sazonais e acompanhar de forma mais contínua as trajetórias das mulheres ribeirinhas.

Em síntese, este trabalho ressalta a relevância de compreender as práticas corporais em sua complexidade histórica, cultural, ambiental e de gênero, ao mesmo tempo em que enfatiza o protagonismo das mulheres ribeirinhas na construção de redes de solidariedade, produção de renda e exercício de poder político. Nesse contexto, valorizar seus saberes e vivências se mostra essencial para a elaboração de políticas públicas equitativas, para o fortalecimento das organizações locais e para a promoção da justiça social e ambiental na Amazônia. Embora o recorte investigativo aqui adotado se restrinja a uma comunidade específica, espera-se que o conhecimento gerado contribua para inspirar novas pesquisas e ações, reconhecendo que a pluralidade cultural e a participação ativa das mulheres são elementos fundamentais para pensar em um futuro mais justo e sustentável para as populações ribeirinhas no Brasil

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, C. et al. **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

ADAMS, C. et al. **Amazon peasant societies in a changing environment**. New York: Springer, 2008.

ALENCAR, E. F. **A presença feminina na cadeia produtiva do pescado**. [S.l.: s.n.], 1997.

ALENCAR, E. F. **Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras**, In: FURTADO, LEITÃO & DE MELLO (Orgs.) Povo das águas – realidade e perspectiva na Amazônia, Belém: MPEG, 1993. p. 63-81.

ALENCAR, E. F.; PALHETA, S. P.; SOUSA, I. S. **Trabalho na Pesca, ação política e identidade: as mulheres da Colônia de Pescadores Z-32 de Marã, Amazonas**. In: Elenise SCHERER. (Org.). ?AQUI ESTAMOS NÓS?: entre as águas dos mares, nas águas dos rios, nas terras de trabalho na pesca artesanal. 1aed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015, v. 1, p. 40-51.

ALENCAR, E. F.; SOUZA, I. S. **Mulheres na gestão de recursos pesqueiros na região do Médio Solimões, Amazônia: conservação da biodiversidade, acesso à renda e resiliência da pesca**. In: DE FÁTIMA ANDRADE, Maria do Rosário et al. DOSSIÊ: GÊNERO, PESCA E CIDADANIA: REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS, TRABALHO E EQUIDADE. Novos Olhares Sociais, v. 4, n. 2, p. 3-8, 2021.

ALENCAR, E. F.; SOUZA, I. S.; GONÇALVES, A. C. **Questões de gênero em projetos de manejo de recursos pesqueiros nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, Amazonas**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2014. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381423445_A RQUIVO_EdnaF.Alencar_1_.pdf

ALMEIDA, D. et al. **Atividades físicas e esportivas (AFEs) e populações tradicionais no Brasil: indígenas, quilombolas e ribeirinhos**. In: Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional – Movimento é vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas. Brasília, DF: PNUD, 2017.

ALMEIDA, A. W. B. **Apresentação**. In: SHIRAISHI NETO, J. (Org.). Direito dos povos e das comunidades tradicionais do Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional. Manaus: UEA, 2007. p. 9-17.

ALMEIDA, A. W. B. **Cartografia social da Amazônia: os significados de território e o rito de passagem da 'proteção' ao 'protecionismo'**. In: SIFFERT FILHO, Nelson Fontes *et al.* Um olhar territorial para o desenvolvimento: Amazônia. Rio de Janeiro, RJ : Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014.

ALMEIDA, A. W. B. **Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras**. In: ALMEIDA, A. W. B. Povos e Comunidades Tradicionais. Manaus, AM: PNCSA/UEA, 2013.

AMORIM FILHO, M. L.; RAMOS, G. N. S. **Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 24, p. 223-238, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BETTI, M. **Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 19, n. 3, p. 183-197, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2021**. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2021.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2019

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. **Les conditions sociales de la circulation internationale des idées**. In: Actes de la recherche en sciences sociales. La circulation internationale des idées. pp. 3-8. Vol. 145, dezembro, 2002

BRACHT, V. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Unijuí, 2014.

BRACHT, V. et al. **A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I.** Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 17, n. 2, p. 11-34, 2011.

BRACHT, V., DE ALMEIDA FARIA, B., DE ALMEIDA, F. Q., GHIDETTI, F. F., GOMES, I. M., ROCHA, M. C., MORAES, C. E. A. **A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I.** Movimento, 17(2), 11-34. 2011.

BRASIL. Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2007. Seção 1, n. 28.

BRASIL. **Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Editora José Olympio, 2020.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas.** São Paulo: EDUSP, 2019.

CARDOSO, L. C. R. **Tecendo redes sobre a saúde dos povos tradicionais da Amazônia: um enfoque antropológico sobre a relação entre as práticas corporais e saúde dos ribeirinhos,** 90 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2014.

CASPERSEN, C. J.; POWELL, K. E.; CHRISTENSON, G. M. **Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research.** Public Health Reports, v. 100, n. 2, p. 126-131, 1985.

CASTELLANI FILHO, L.; CARVALHO, Y. M. **Ressignificando o esporte e o lazer nas relações com a saúde.** In: CASTRO, A.; MALO, M. (Org.). *SUS: resignificando a promoção da saúde.* São Paulo: Hucitec, 2006. p. 208-222.

CASTRO, R. R. A; OLIVEIRA, M. C. C. **Os termos “populações” e “comunidades” tradicionais e a apropriação dos conceitos no contexto amazônico.** Mundo Amazônico, v. 7, n. 1-2, p. 47-70, 2016.

CRUZ, Manuel M. Sítios agroflorestais na várzea do Careiro. **Revista de Geografia da Universidade do Amazonas,** v. 1, n. 1, p. 105-122, 1999.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. **Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. Florianópolis: Naemblu ciência e artes, 2005.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus Editora, 2013.

DAOLIO, J. **Educação Física e o Conceito de Cultura: polêmicas do nosso tempo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

DAOLIO, J. **Os significados do corpo na cultura e as implicações pra a educação física**. Movimento. Porto Alegre. vol. 2, n. 2 (jun. 1995), p. 24-28, 1995.

DE FÁTIMA ANDRADE, M. R. et al. **Dossiê: gênero, pesca e cidadania: reflexões sobre políticas públicas, trabalho e equidade**. Revista do PPGCS –UFRB –Novos Olhares Sociais, Vol. 4 –n.2, 2021.

DENIUR, J. R. S. de L. **Infâncias ribeirinhas no contexto de brincadeiras e práticas corporais nas marés de rios da Amazônia amapaense**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Pará, 2023.

FAO. **Voluntary guidelines for securing sustainable small-scale fisheries in the context of food security and poverty eradication**. Roma: FAO, 2017.

FARAH, M. F. S.. **Gênero e políticas públicas**. Revista Estudos Feministas, v. 12, n. 1, p. 47–71, jan. 2004.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FRAGA, A. B. **Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes**. Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 2, n. 3, p. 35-41, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2019.

GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte: questões sobre o corpo e a sexualidade**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 26, n. 2, p. 79–90, 2005.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

GRANDO, Beleni Salete. **Corpo, Educação e Cultura: Práticas Sociais e maneiras deser.** Ijuí, SP: Editora Unijuí, 2009.

GUSTAVSSON, Madeleine. **Women's changing productive practices, gender relations and identities in fishing through a critical feminisation perspective.** Journal of Rural Studies, v. 78, p. 36-46, 2020.

HARPER, S. et al. **Women and fisheries: Contribution to food security and local economies.** Marine Policy, v. 39, p. 56–63, 2013.

HARRIS, M. **Life on the Amazon: The Anthropology of a Brazilian Peasant Village.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

HARRIS, M. **'What it Means to be Caboclo' Some critical notes on the construction of Amazonian caboclo society as an anthropological object.** Critique of Anthropology, v. 18, n. 1, p. 83-95, 1998

HIGGINS, J. P. et al. **Cochrane handbook for systematic reviews of interventions.** Hoboken: John Wiley & Sons, 2019.

INGOLD, T. **Antropologia: para que serve?.** Editora Vozes, 2019.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Editora Vozes Limitada, 2015.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LAZZAROTTI FILHO, A., SILVA, A. M., DE CESARO ANTUNES, P., DA SILVA, A. P. S., LEITE, J. O. **O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física.** Movimento (ESEFID/UFRGS), 16(1), 11-29, 2010

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

LIMA, B. F.; AMARAL, Waldiléia Rendeiro. **Das janelas para o rio às práticas agroecológicas a experiência das mulheres agroextrativistas da Foz do Rio Mazagão Velho**. *Agriculturas*, v. 6, n. 4, p. 23-27, 2009.

LOMBA, R. M. **Modos de vida ribeirinho na comunidade Foz do Rio Mazagão–Mazagão (AP/Brasil)**. *Ateliê Geográfico*, v. 11, n. 1, p. 257-276, 2017.

LORDELO, E. da R. et al. **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. Casa do Psicólogo, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Editora cultural brasil, 2019.

LUNA, S.V.de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 1997

MALDONADO, S. C. **Pescadores do Mar**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MANESCHY, M.C. **Mulheres na pesca artesanal: trajetórias, identidades e papéis em um porto pesqueiro no litoral do estado do Pará**. In: NEVES, Delma Pessanha; MEDEIROS, Leonilde Servolo de (organizadoras). *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013. Cap. 1, p. 41-64.

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M.. **Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento**. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 3, p. 713–737, set. 2012.

MANGUBHAI, S.; LAWLESS, S. **Gender, fisheries and coastal management: policy brief**. *Journal of Coastal Studies*, v. x, n. y, p. 1–10, 2021.

MARTINELLI, Marcelo. **Cartografia ambiental: uma cartografia diferente?**. *Revista do Departamento de Geografia*, n. 7, p. 61-80, 1994 Tradução . . Disponível em: <https://doi.org/10.7154/RDG.1994.0007.0005>.

MARTÍNEZ, S. A. et al. **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil**. Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019.

MATOS FILHO, J. R. **Modo de vida e o manejo de açais nas várzeas do rio Mazagão**. 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos

Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém. 2016.

MATOS, G. C. G., FERREIRA, M. B. R. **Práticas corporais num ambiente rural amazônico**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 28(3), 71-88, 2007.

MATOS, G. **Práticas socioculturais, figuração, poder e diferenciação em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina: comunidades amazônicas**. Tese de Doutorado – Unicamp. Campinas, SP, 2008.

MATOS, G. **Entre rios e florestas: experiências de campo de um professor de Educação Física no ambiente rural amazônico**. Em Aberto, v. 26, n. 89, 2013.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MAUSS, M. **As técnicas do corpo**. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MIRANDA, E. D., LIRA, K. S., ALENCAR, A. C. B., OLIVEIRA, A. R. C. **Atividade física do trabalho versus atividade física do lazer: a falta de informação e incentivo em populações ribeirinhas do Médio Solimões**. Saúde & Transformação Social, 3(1), 55-58, 2012.

OLIVEIRA, A. A. N., ALMEIDA, D. M. F. **Os significados das práticas corporais no tempo de lazer entre pescadores do Cumbe**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2018.

OLIVEIRA, M. OLIVEIRA, L. VAZ, A. **Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de educação física**. Pensar a prática, v. 11, n. 3, p. 303-303, 2008.

PALHETA, S. P.; ALENCAR, E. F. **Diálogos entrecruzados sobre saúde, trabalho e território: experiências de pescadoras inseridas no movimento de pescadores e pescadoras (MPP) e na articulação nacional de pescadores e pescadoras (ANP)**. Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol. 4 – n. 2, 2021. p. 12–27.

PEREIRA, A. DOS S.; SILVA, I. R. DA .. **História de Vida e Feminismos na Amazônia: um estudo de caso** . Educar em Revista, v. 39, p. e87346, 2023.

RIEGER, A. **Imagens do Baixo São Francisco: A percepção da paisagem na construção da identidade da população ribeirinha**. Dissertação de mestrado. Aracaju: UFS, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1992.

SANTANA, José Ubiratan Rezende. **Agroextrativismo e sustentabilidade: avaliação de indicadores em assentamento rural de Sergipe**. 2012. Dissertação

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **O arpão e o anzol técnica e pessoa na Amazônia**. Brasília: Editora UNB, 2020.

SEEGER, A. DA MATTA, R. DE CASTRO, E. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. Boletim do Museu Nacional, n.32, p. 1-49, 1979.

SHILLING, C. **The body and social theory**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2012.

SHILLING, C. **The body in culture, technology and society**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005

SHILLING, C. **The Body: A very short introduction**. Oxford, UK: Oxforduniversity press, 2016.

SILVA, A. M. et al. **Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais**. In: FALCÃO, J. SARAIVA, M. Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in) tensas experiências. Florianópolis: Copiart, 2009.

SILVA, A. M., MEDEIROS, F. E., LAZZAROTTI FILHO, A., SILVA, A. P. S., ANTUNES, P. C., LEITE, J. O. **Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais**. Práticas corporais no contexto contemporâneo:(in) tensas experiências. Florianópolis: Copiart, 2009.

SILVA, Ana Márcia; SILVA, Ana Paula S. da; TUCUNDUVA, Tatiana. **Corpo, cultura e natureza em terras quilombolas**. In: SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, JoséLuiz Cirqueira (Org.). Práticas corporais em comunidades Quilombolas de Goiás.

SILVA, I. **Modo de vida ribeirinho: construção da identidade amazônica**. In: Jornada internacional de políticas públicas, v. 8, (Anais). São Luís, 2017.

SOARES, M. **Para uma cartografia lúdica da Amazônia**. Belém: EDUEPA, 2010.

STOLL, E. FOLHES, R. ALENCAR, E. **Paisagens evanescentes: estudos sobre a percepção das transformações nas paisagens pelos moradores dos rios Amazônicos**. NAEA, 2019.

TEIXEIRA, A. **Análise qualitativa com o programa NVivo 8: fundamentos**. São Paulo, SP: Consultoria NVivo no Brasil, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

WANZELER, F. S. D. C. **Atividade física e fatores associados em adolescentes ribeirinhos da Amazônia**, 2017.

ZURBA, M.; TRIMBLE, M. **Youth as the inheritors of collaboration: Crises and creativities in sustaining local and global commons**. International Journal of the Commons, v. 8, n. 2, p. 404–424, 2014

ANEXO A

Parecer Comitê de ética

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA RIBEIRINHA: CORPORALIDADE E RESISTÊNCIA DE MULHERES DA FOZ DO MAZAGÃO VELHO (MAZAGÃO, AMAPÁ)

Pesquisador: Layana Costa Ribeiro Cardoso

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 66401022.1.0000.5540

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DE BRASILIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.866.088

Apresentação do Projeto:

Desenho da Pesquisa de Doutorado vinculado Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília:

Esta pesquisa de Doutorado é caracterizada como uma pesquisa de campo, cuja abordagem será qualitativa, tendo como objetivo geral compreender como é construída a corporalidade de mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão considerando as práticas sociais e/ou corporais e o espaço social na formação da identidade/resistência.

O estudo será constituído de pesquisa de campo, cuja abordagem será de caráter qualitativo.

Participarão da pesquisa 30 mulheres moradoras da Comunidade Ribeirinha Foz do Mazagão Velho e vinculadas à Associação de Mulheres Produtoras da Foz do Mazagão Velho - AMPAFOZ.

O estudo ocorrerá no Estado do Amapá, especialmente no Município de Mazagão Velho, na Comunidade Ribeirinha denominada de Foz do Mazagão Velho, situada às margens do rio Amazonas.

Serão utilizadas como técnicas de coleta de dados a construção de uma cartografia social das práticas sociais/corporais desenvolvidas na comunidade, observação direta e entrevistas semiestruturadas, entendidas como recursos importante para a compreensão da pesquisa.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 5.866.088

Tem como Hipótese:

A construção social da corporalidade das mulheres da comunidade Foz do Mazagão Velho se dá a partir das práticas corporais e as relações construídas no espaço social e de que as mulheres constroem formas de resistência a partir da constituição das práticas corporais cotidianas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como é construída a corporalidade de mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão considerando as práticas corporais e o espaço social na formação da identidade/resistência.

Objetivo Secundário:

- Identificar, na produção científica, as práticas corporais, de comunidades ribeirinha;
- Mapear e descrever as práticas corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da comunidade;
- Analisar como se dá a relação entre as práticas corporais, o espaço social e a corporalidade desse grupo;
- Verificar como o grupo constrói por meio de suas práticas corporais sua identidade/resistência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Texto Informado pela pesquisadora

Riscos:

Toda pesquisa realizada com os seres humanos envolve riscos que podem ser minimizados através da conduta adequada e sensibilidade do pesquisador para com os participantes envolvidos. Esses riscos podem aparecer, por exemplo, durante a gravação da entrevista, com o eventual constrangimento das participantes a partir dos relatos de suas experiências, a possibilidade de desconforto, vergonha, sofrimento e outras emoções que podem ser geradas pelas suas lembranças.

A pesquisadora responsável é treinada para trabalhar os riscos de modo a solucioná-los ou minimizá-los, como também sensibilizar as participantes para a pesquisa. Durante todo o

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 5.866.088

processo da pesquisa, a pesquisadora se compromete definir junto as participantes, as medidas cabíveis para

atenuar os seus efeitos. É importante frisar que nesses cuidados também se inclui a necessidade de analisar o impacto da presença da pesquisadora durante a observação direta participante, devendo a estratégia ser suspensa caso traga algum desconforto.

É válido ressaltar que será assegurado as voluntárias o direito à assistência e a busca por indenização, nos termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. E em caso de eventuais danos (previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que serão tomadas

todas as providencias cabíveis, como também incluir o encerramento da pesquisa e a notificação ao sistema CEP/CONEP.

Destacamos ainda, que a pesquisadora responsável se compromete em desenvolver a pesquisa com total respeito aos valores morais, culturais e religiosos, como também reconhecer as histórias de vida, os costumes das participantes da pesquisa, estimulando a contribuir com a participação de grupos diversificados sem nenhuma forma de preconceito, discriminação ou estigmatização.

Do mesmo modo, as informações coletadas na pesquisa serão sigilosas e confidenciais. Durante todas as etapas da pesquisa serão resguardadas a garantia da privacidade das participantes, a proteção de sua identidade, como também o uso de sua imagem e voz. Os resultados do estudo serão utilizados para fins científicos e os dados serão guardados em local seguro, sendo compartilhados apenas entre a equipe cadastrada na Plataforma Brasil.

Como forma de garantir seu conforto, os locais das entrevistas poderão ser escolhidos pelas próprias participantes sem que isso lhes traga qualquer custo.

Benefícios:

Ao participar desta pesquisa, as participantes não terão nenhum benefício direto, contudo, esperamos que este estudo traga conhecimentos importantes sobre o tema da pesquisa, de forma que as informações produzidas estimulem novas reflexões e estudos acerca das experiências corporais e subjetivas na área da Educação Física.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está apresentada de forma clara e atenta aos requisitos éticos.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 5.866.088

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- TCLE adequado;
- Roteiro de entrevista adequado;
- Termo de concordância da Associação das Mulheres Produtoras da Foz do Mazagão Velho (AMPAFOZ);
- Termo de uso de som e imagem;
- Cronograma adequado;

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto não apresenta pendência ou inadequação, considero APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1985738.pdf	28/12/2022 14:49:27		Aceito
Orçamento	9_ORCAMENTO.pdf	28/12/2022 14:48:10	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Cronograma	8_CRONOGRAMA.pdf	28/12/2022 14:47:55	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	7_2_TERMO_DE_CESSAO_DE_USO_DE_IMAGEM_SOM_DE_VOZ.pdf	28/12/2022 14:44:47	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	7_1_TCLE.pdf	28/12/2022 14:44:17	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Outros	6_CARTA_DE_REVISAO_ETICA.pdf	28/12/2022 14:43:26	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Outros	5_2_CurriculoLattes_orientadora_Dulce_Almeida.pdf	28/12/2022 14:42:07	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Outros	5_1_CurriculoLattes_Layana.pdf	28/12/2022 14:38:49	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Declaração de Pesquisadores	4_3_TERMO_DE_RESPONSABILIDADE_E_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR_RESPONSAVEL.pdf	28/12/2022 14:35:35	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Declaração de	4_2_TERMO_DE_CONCORDANCIA_as	28/12/2022	Layana Costa	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 5.866.088

concordância	sinado.pdf	14:35:10	Ribeiro Cardoso	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	4_1_TERMO_DE_CONCORDANCIA_ASSOCIACAO.pdf	28/12/2022 14:34:10	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Outros	3_2_INSTRUMENTO_ROTةIRO_DE_ENTREVISTA.pdf	28/12/2022 14:32:09	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Outros	3_1_INSTRUMENTO_ROTةIRO_DE_CARTOGRAFIA.pdf	28/12/2022 14:31:19	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	2_CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO.pdf	28/12/2022 14:28:29	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	1_PROJETO_PARA_COMMITe_DE_eTICA.pdf	28/12/2022 13:20:52	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito
Folha de Rosto	0_FolhaDeRosto_assinada.pdf	28/12/2022 13:00:24	Layana Costa Ribeiro Cardoso	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 27 de Janeiro de 2023

Assinado por:

MARCIO CAMARGO CUNHA FILHO
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

APÊNDICE A

**TERMO DE CONCORDÂNCIA**

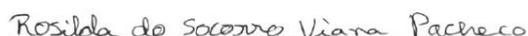
Rosilda do Socorro Vianna Pacheco, presidente da Associação das Mulheres Produtoras da Foz do Mazagão Velho (AMPAFOZ), confiro anuência para que a pesquisadora Layana Costa Ribeiro Cardoso, doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, e orientada pela Professora Dra. Dulce Maria Filgueira de Almeida, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília – CEP/CHS-UnB, desenvolva sua pesquisa intitulada **CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA RIBEIRINHA: CORPOREIDADE E RESISTÊNCIA DE MULHERES DA FOZ DO MAZAGÃO VELHO (MAZAGÃO, AMAPÁ)**.

O estudo envolve a realização de oficina de cartografia social coletiva, entrevistas semiestruturadas e tem previsão de início para o mês de setembro 2022 a fevereiro de 2023. Os locais das entrevistas serão escolhidos pelas próprias participantes, sem que isso lhes traga qualquer custo.

Ciente da proposta da pesquisa citada acima, concordo com o seu desenvolvimento, desde que sejam asseguradas as condições dispostas abaixo:

- Cumprimento das regulações para as pesquisas com seres humanos dispostas nas resoluções 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.
- A garantia de solicitar e de receber esclarecimentos antes, durante e após a realização dapesquisa.

Mazagão-AP, 21 de julho de 2022.


Rosilda do Socorro Vianna Pacheco
Presidente da AMPAFOZ


Layana Costa Ribeiro Cardoso
Pesquisadora responsável pela pesquisa

APÊNDICE B

28/12/2022 11:50

SEI/UnB - 9130041 - Formulário



TERMO DE CONCORDÂNCIA

O professor Dr. Martim Francisco Bottaro Marques, da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília está de acordo com a realização, neste setor, da pesquisa " Cartografia Social da Amazônia Ribeirinha: Corporalidade e resistência de mulheres Da Foz Do Mazagão Velho (Mazagão, Amapá)", de responsabilidade do(a) pesquisador(a) Layana Costa Ribeiro Cardoso, para obtenção do título de Doutora, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília.

O estudo envolve a realização de pesquisa através da observação direta, cartografia social coletiva e entrevista semiestruturada com mulheres ribeirinhas vinculadas a Associação de Mulheres Produtoras da Foz do Mazagão Velho (AMPAFOZ), localizada no Estado do Amapá, no município de Mazagão.

Eu, Prof. Dr. Martim Francisco Bottaro Marques, Diretor da Faculdade de Educação Física da UnB, declaro conhecer e cumprir as resoluções éticas brasileiras, em especial as Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Brasília, 26 de dezembro de 2022.

Diretor responsável da Faculdade de Educação Física - UnB:

Martim Francisco Bottaro Marques

Coordenador Substituto do Programa de Pós-Graduação em Educação Física:

Amilton Vieira

Pesquisador Responsável pelo protocolo de pesquisa:

Layana Costa Ribeiro Cardoso



Documento assinado eletronicamente por **Layana Costa Ribeiro, Usuário Externo**, em 26/12/2022, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Amilton Vieira, Coordenador(a) da Coordenação de Pesquisa e de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física**, em 26/12/2022, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Martim Francisco Bottaro Marques, Diretor(a) da Faculdade de Educação Física**, em 27/12/2022, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -TCLE

Convidamos a Senhora a participar voluntariamente do projeto de pesquisa CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA RIBEIRINHA: CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA RIBEIRINHA: PRÁTICAS CORPORAIS E REEXISTÊNCIA DE MULHERES DA FOZ DO RIO MAZAGÃO VELHO – AMAPÁ desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, tendo como pesquisadora responsável Layana Costa Ribeiro Cardoso, e orientadora a Professora Doutora Dulce Maria Figueira de Almeida.

A pesquisa tem como objetivo compreender os sentidos e significados das práticas corporais das mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho associadas à AMPAFOZ. considerando as práticas sociais e/ou corporais e o espaço social na formação da identidade/reexistência. Trata-se de pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, utilizando-se da cartografia social participativa, entrevistas e observação direta.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios e se dará por meio de registros da construção da cartografia social coletiva, respostas a realização de entrevista semiestruturada, sendo ambas as fases combinadas previamente entre você e a pesquisadora para decidirem o dia e o local. As orientações e perguntas que serão feitas pela pesquisadora já estão incluídas nos roteiros pré-definidos. Porém, outras perguntas poderão ser feitas e a Sra. sempre poderá decidir se deseja ou não respondê-las. Caso autorize, as suas falas serão gravadas e arquivadas. O tempo de duração da entrevista

poderá variar de acordo com a sua disponibilidade. Inclusive, poderá trazer suas próprias questões e dúvidas durante a conversa com a pesquisadora.

Os procedimentos adotados nessa pesquisa obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. A pesquisadora foi treinada para evitar que sua participação na pesquisa lhe traga qualquer tipo de desconforto ou constrangimento. Você terá total liberdade para falar sobre qualquer incômodo e/ou dúvida que a pesquisa possa lhe trazer.

Nosso trabalho será desenvolvido respeitando as suas crenças, valores, hábitos e costumes, recusando qualquer forma de preconceito. Poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo. Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que a senhora tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa serão cobertas pela pesquisadora responsável. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, a senhora deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda da pesquisadora por um período de cinco anos. Os resultados do estudo serão utilizados para fins científicos e os dados serão guardados em local seguro, sendo compartilhados individualmente com as participantes de acordo com o contato cadastrado, por e-mail ou whatsapp e, coletivamente, através relatório ao final da pesquisa.

As informações coletadas na pesquisa serão sigilosas e confidenciais. Durante as etapas da pesquisa será resguardada a garantia da privacidade das participantes, a proteção de sua identidade, como também o uso de sua imagem e voz.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (96) 98113-4488 ou pelo e-mail layanacardoso@gmail.com.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem

ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Nome e assinatura da Participante de Pesquisa

Nome e assinatura da Pesquisadora
Responsável

Brasília, __ de _____ de _____

APÊNDICE D

TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E/OU VOZ

PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa Intitulado “Cartografia Social da Amazônia Ribeirinha: Práticas corporais e reexistência de mulheres da Foz do Rio Mazagão Velho – Amapá”, sob responsabilidade de Layana Costa Ribeiro Cardoso vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da equipe de pesquisa e apresentações em conferências acadêmicas.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade do/da pesquisador/a responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

Brasília-DF, _____ de _____ de _____.

Pesquisador responsável

Participante da pesquisa

APÊNDICE E

ROTEIRO DA OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL

Neste trabalho construiremos uma cartografia das práticas corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da AMPAFOZ que agregará o conteúdo produzido nas oficinas pelas protagonistas. As informações serão geradas nas reuniões organizadas coletivamente, neste trabalho chamada de oficina, e, por meio dos recursos de comunicação audiovisual, os registros dos relatos das vivências cotidianas dos sujeitos serão repassadas para o meio impresso através da transcrição que, num segundo momento, é revisada pelas próprias participantes que, em seguida, de maneira coletiva, decide pela melhor formatação textual e pela adequada composição de cor e forma das suas imagens, compondo o mapa situacional.

Objetivo: Mapear e descrever as práticas sociais e/ou corporais mais presentes no cotidiano das mulheres ribeirinhas da Comunidade Foz do Rio Mazagão Velho vinculadas a Associação das Mulheres Produtoras da Foz do Rio Mazagão Velho (AMPAFOZ) sendo capaz de analisar como se dá a relação entre as práticas sociais e/ou corporais e o espaço social desse grupo. (objetivos específicos 2 e 3). A oficina será dividida em 3 (três) partes:

PARTE I

Na primeira oficina será realizado um encontro com todas as participantes em que será feita uma apresentação, explicação e esclarecimentos sobre a pesquisa, além da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) , em seguida haverá a apresentação do mapa e, a partir de alguns questionamentos, para o mapeamento das principais práticas corporais realizadas pelas mulheres da comunidade será utilizada a base cartográfica da comunidade Foz do Rio Mazagão já existente, retirada do aplicativo MAPINR® com os limites definidos pela área de assentamento observando-se os rios, moradias e locais de convivência para, a partir dele, constituir, em parte, as práticas corporais das mulheres em suas diferentes expressões, privilegiando, nesse primeiro momento, o mapeamento individual e posterior debate sobre os aspectos que se aproximam e se afastam no que tange a construção corporal das mulheres, visto que é o coletivo dos corpos com diferentes trajetórias que criam a trama de relações existentes naquela comunidade.

PARTE II

Na segunda oficina será realizada a confecção coletiva dos principais pontos abordados por elas e, a partir do número plural de práticas corporais e experiências que foram a composição da cartografia social, evidenciando os locais e percursos das ações das mulheres e seus coletivos.

PARTE III

Na terceira oficina, será apresentado o mapa social das práticas corporais construído de maneira coletiva e serão realizados debates e possíveis alterações na construção coletiva, para a finalização desta etapa.

APÊNDICE F – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Caracterização das participantes		Nº:
Nome:	Idade:	
Data de nascimento:		
Local de nascimento:		
Há quantos anos você mora na comunidade?		
Profissão:		
Escolaridade:		
Estado civil:		
Filhos:		
Local de residência na comunidade:		
<p>OBJETIVO: Analisar como se dá a relação entre as práticas sociais e/ou corporais e o espaço social desse grupo, descrevendo as práticas sociais e/ou corporais mais presentes no cotidiano, verificando assim como o grupo constrói, por meio de suas práticas sociais e/ou corporais, sua identidade/reexistência.</p>		
BLOCO 1 PRÁTICAS SOCIAIS/ COTIDIANO/ TERRITÓRIO	OBJETIVO	QUESTÕES NORTEADORAS

	<p>Explicitar os aspectos sociais, considerando o perfil sócio-demográfico das mulheres da Ampafoz</p>	<p>1-Motivo de residir na comunidade 2-Você já morou em outro local? 3-Seus pais moravam na comunidade? 4-Você gosta de residir na comunidade? 5- Qual (is) sua(s) atividade(s) econômica(s)? 6-Qual sua principal atividade econômica? 7-Você se identifica com o ser ribeirinha? 8-Quais os motivos que a levaram a se associar a AMPAFOZ? 9-Há quanto tempo faz parte da associação? 10-Já pensou em sair da associação? Por quais motivos 11- Quais as principais atividades de lazer vivenciadas? 12- Pratica algum tipo de atividade física? Quais?</p>
<p>BLOCO 2 PRÁTICAS CORPORAIS/ TECNICAS CORPORAIS/ CORPOREIDADE/ IDENTIDADE</p>	<p>OBJETIVO</p>	<p>QUESTÕES NORTEADORAS</p>

	<p>Explicitar as práticas corporais, levando em consideração a cartografia social construída pelo grupo</p>	<p>1- Das práticas corporais que constam na cartografia social, quais fazem parte do seu cotidiano? 2-</p> <p>2- Sobre as práticas corporais citadas:</p> <p>a) Descreva quando e como você executa cada uma dessas práticas citadas</p> <p>b) Das práticas corporais citadas, quais são realizadas de maneira individual?</p> <p>c) Das práticas corporais citadas, quais são realizadas de maneira coletiva?</p> <p>d) Desde quando realiza esta prática corporal?</p> <p>e) Esta prática corporal foi ensinada por quem a você?</p> <p>f) Você realizou alguma adaptação dessa prática ao longo do tempo para que esta se tornasse mais eficiente ou por outro motivo? Explicar:</p> <p>g) Como você percebe seu corpo antes, durante e depois da prática em questão?</p>
<p>BLOCO 3 PRÁTICAS CORPORAIS/ HISTÓRIA/ REEXISTÊNCIA</p>	<p>OBJETIVO</p>	<p>QUESTÕES NORTEADORAS</p>

	<p>Descrever as percepções das mulheres sobre a corporeidade, levando em consideração as vivências ao longo de sua história.</p>	<ol style="list-style-type: none">1- Na sua percepção, de que forma as práticas corporais interferem de maneira positiva ou negativa na sua vida cotidiana?2- Você já foi impedida de realizar suas práticas corporais? Por quais motivos?3- Em que aspectos a sua vida mais sofreu modificação após o início destas práticas corporais?4- Quais outras práticas que você considera importantes para a sua vida?5- Quais outras práticas que você considera importantes para a vida na sua comunidade?6- Existem outras práticas que já foram consideradas importantes na sua comunidade que já não são executadas?7- Quais as práticas corporais mais incentivadas na sua comunidade?8- Quais as práticas corporais marginalizadas na sua comunidade?9- Das práticas corporais realizadas por você, alguma está relacionada diretamente
--	--	--

		<p>à associação?</p> <p>10- Das práticas corporais realizadas por você, alguma está relacionada aos seus antepassados?</p> <p>11- Existe alguma prática corporal que você gostaria de participar que não é possível de ser executada na sua comunidade?</p> <p>12- Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar nas suas respostas?</p>
--	--	--